CPAD

JOSH McDOWELL

JESUS:

MORTO OU VIVO?



Edição para jovens
Evidências da Ressurreição
com Ariel Allison

SEAN McDOWELL

JESUS:

MORTO OU VIVO?

JESUS:

MORTO OU VIVO?

Josh McDowell e Sean McDowell

Traduzido por Degmar Ribas

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2012

Todos os direitos reservados. Copyright © 2012 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *Jesus: Dead or Alive?*
Regal, Ventura, Califórnia, EUA
Primeira edição em inglês: 2009
Tradução: Degmar Ribas

Preparação dos originais: Elaine Arsenio
Revisão: Daniele Pereira
Adaptação de capa: Oséas Maciel
Editoração: Oséas Maciel

CDD: 828.3 – Literatura Infantojuvenil
ISBN: 978-85-263-1122-0
eISBN: 978-85-263-1234-0

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

2ª Impressão Novembro - 2012 / Tiragem: 2.000

Sumário

1. E Daí?

2. É o Fim do Mundo do Modo como o Conhecemos

3. Amor É um Verbo

4. As nossas Maiores Esperanças e Temores

5. O Acontecimento que Transformou a História

6. Fato *versus* Ficção

Perguntas Frequentes sobre a Ressurreição

Notas

E DAÍ?

Maria correu em meio às trevas prateadas quando as primeiras fagulhas do amanhecer começavam a se estender pelo céu. Ela olhava para o chão, com o capuz de seu manto escondendo suas faces enrubescidas e sua expressão de dor. Debaixo de um dos braços ela levava um pacote de tiras de pano cuidadosamente dobradas, e debaixo do outro, um vaso de barro cheio de um perfume espesso. Ela sabia que essa tarefa perturbaria o seu estômago e incomodaria as narinas. O corpo dEle estivera no sepulcro por três dias.

Maria deixou as ruas estreitas da cidade e seguiu para as áreas residenciais, mais tranquilas, onde as famílias ricas ainda dormiam. Logo ela passou pela porta aberta, e seguiu pelo caminho de saída de Jerusalém. As suas sandálias se chocavam contra os pés nus, ao correr pelo chão duro. *Plac, plac, plac.* Depois de percorrer uma curta distância, Maria mudou de direção, e entrou em um bosque de oliveiras, com as grandes folhas achatadas pungentes

no ar fresco.

Ao se aproximar de seu destino, diminuiu o ritmo dos passos, e a sua força de vontade fraquejou. Não havia alegria na tarefa que estava à sua frente, somente uma tristeza debilitante, que ameaçava consumir a medula de seus ossos.

"Dá-me coragem, Senhor", sussurrou ela entre os lábios.

Já perto de seu destino, Maria parou no caminho e tomou fôlego, enquanto um calafrio percorreu todo o seu corpo.

Em qualquer lugar, menos aqui. Não agora. Certamente eu não consigo fazer isso. Não posso ver o seu rosto outra vez... a dor... a tristeza.

Mas a ideia de deixar o seu corpo no sepulcro, ensanguentado e ferido, era mais insuportável do que a tarefa que estava prestes a realizar, de arrumar o corpo. Maria deu um passo à frente, e depois outro.

Ela prosseguiu lentamente, até que concluiu a curva e contemplou o sepulcro onde haviam colocado o corpo crucificado do seu Senhor. Até então, não pensara em como removeria a pesada pedra redonda que bloqueava a entrada ao sepulcro.

Mas isso não importava. Alguém já havia removido a pedra. Ela estava ao lado da entrada escura. Como um dente que faltasse em um sorriso perfeito, o buraco escuro encarava Maria, enquanto ela ficava atônita, no caminho.

"Por favor, faze com que Ele esteja lá", arfou ela, levantando a barra de suas vestes e correndo para o interior do sepulcro. Ele estava vazio, livre até mesmo do aroma da morte.

Um pequeno gemido escapou de seus lábios, e ela olhou ao redor, impotentemente, procurando um corpo que não estava ali.

Eles o haviam levado.

Maria colocou gentilmente as tiras de tecido e o vaso de barro, com cuidado para não derramar o seu conteúdo, e então disparou para fora do sepulcro. Não se ouvia o gentil ruído de suas sandálias enquanto ela corria de volta à cidade, apenas o urgente bater de seus pés, à medida que o desespero a empurrava adiante. O seu manto deixava um rastro atrás de si, e a trança até a cintura que escondera em suas vestes espancava novamente as suas costas enquanto ela seguia em busca dos dois únicos homens que poderiam ajudar: Pedro e João, os

amados amigos de Jesus.

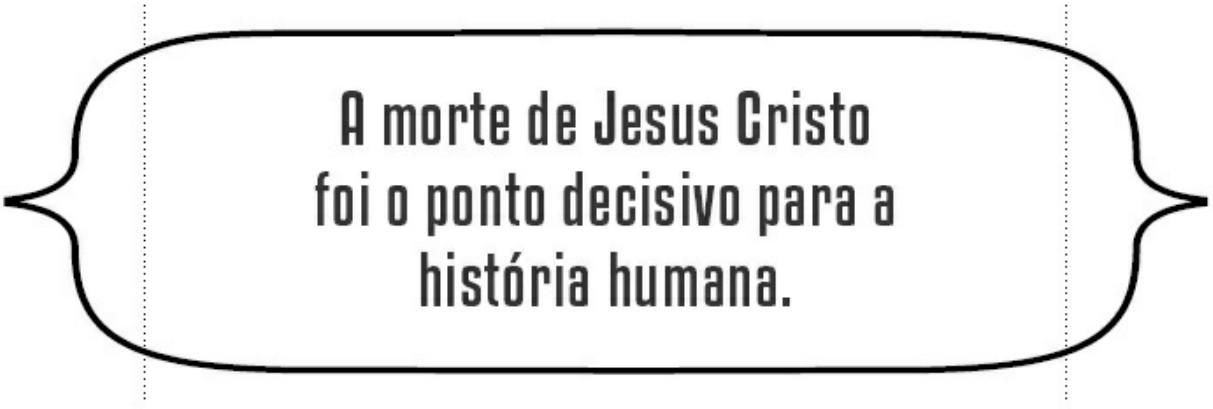
Ao passo que Maria corria, com os pulmões ardendo e as lágrimas transbordando pelos cantos de seus olhos, lembranças invadiam a sua mente. Uma vida inteira de usos e abusos por parte de homens que buscavam apenas o seu próprio prazer. Anos como uma pária, expulsa da companhia das mulheres. O encontro com o homem chamado Jesus, e o dia em que Ele expulsou dela sete demônios. A devoção a esse Deus-homem, agora morto, e a agonia que a inundou quando ela estava debaixo da cruz, com a mãe dEle, chorando no momento em que a sua vida se esvaía. Assistir ao seu corpo débil ser baixado ao chão, e a bondade de um estranho que ofereceu um sepulcro novo.

Essas coisas inundaram a mente de Maria enquanto ela entrava correndo pelas portas da cidade e percorria as ruas estreitas. Percorreu o caminho, com sua respiração entrecortada, até que chegou à pequena casa com uma pequena chaminé de madeira. Maria passou pela porta sem bater, e parou no meio de uma sala de teto baixo, cheia de homens adormecidos.

Duas palavras saíram de seus lábios quando ela

tentou respirar e comprimiu o seu peito com a mão: “Ele partiu!”

O *Merriam Webster’s Dictionary* define a expressão “ponto crítico” como um “fator determinante” ou um “momento decisivo”. A morte de Jesus Cristo foi o ponto decisivo para toda a história humana. Durante milhares de anos, até mesmo os nossos calendários foram regulados pela sua vida: a.C., antes de Cristo, e d.C., depois de Cristo, ou *anno domini*, o “ano do nosso Senhor”. Nunca antes, e nem depois, a morte de um único ser humano afetou tão dramaticamente o mundo.



Mas por quê? Mais de dois mil anos depois, por

que ainda estamos falando sobre um judeu morto? Afinal, vivemos em tempos difíceis. Dois milhões de pessoas morrem de AIDS todos os anos, das quais metade vive na África. Bebês ficam órfãos quando seus pais sucumbem à doença. As mulheres se tornam viúvas e são obrigadas a ver seus filhos morrerem de fome porque não têm como alimentá-los. Milhões de pessoas sofrem com o vírus e esperam a sua vez de morrer.

A guerra assola o Oriente Médio e ameaça deflagrar violência global. Nações discutem o uso do petróleo, enquanto o sangue de terroristas e inocentes, indiscriminadamente, é derramado sobre solo arenoso. Milhares de soldados deixam suas famílias, e muitos nunca retornarão. Viúvas e órfãos. De novo. E, naturalmente, o nosso planeta geme sob o peso das decisões humanas. Nós poluímos. Nós destruímos. Nós usamos e não restauramos.

A verdade é que não temos que listar nenhuma das questões acima para demonstrar a falta de esperança para o nosso planeta, todos esses anos depois da morte de Cristo. Nós poderíamos contemplar o mundo com os olhos dos muitos descrentes que também veem a dor, a destruição e

as tragédias da vida na terra como uma existência sem sentido e sem propósito. Por exemplo, considere o seguinte comentário publicado em uma página ateia da internet:

> Eu estou confusa... Sempre acreditei que a ciência seria a cura para todos os meus problemas, mas não sei se posso continuar vivendo sem a vida eterna. Acho que terei que encontrar uma maneira de passar por esta existência sem sentido. Apenas gostaria de conhecer alguém que pudesse me mostrar o caminho para a vida eterna. Se a ciência não pode me dar as respostas, então quem pode, ou o que pode!? *suspiro* Não parece que existe um poder maior que dá propósito às nossas vidas? Bem, a ciência diz que não existe, então não há.[1]

Com o nosso mundo nessas condições, com toda a confusão e a angústia humana, por que a morte de Jesus Cristo é um assunto de discussão? Por que

deveríamos nos importar com o fato de que um homem de 33 anos de idade foi torturado e morto na antiga Palestina quando tanta violência é uma ocorrência diária na nossa nação, nos nossos estados e nas nossas cidades?

Todos morrem; seja um camponês na África ou um milionário em Wall Street. Não há saída para o nosso destino comum. E a certeza da morte é, talvez, o maior temor da humanidade. É justo perguntar por que a *sua* morte foi tão especial.

Muito mais que o destino dos seus discípulos ou até mesmo o destino da antiga nação de Israel estava suspenso na cruz naquele dia. O destino de toda a raça humana, e a sua esperança de vida após a morte estavam ali, suspensos, com Cristo. Ele era a última esperança da humanidade. Mas agora, com a sua morte, toda a esperança se acabara. A vida eterna se tornou um mero sonho. A morte reinaria para sempre. O suposto Salvador estava morto, e qualquer esperança de libertação seria sepultada com Ele. Mas não foi apenas a sua morte que fez com que toda a história virasse em uma nova direção. Foi o que aconteceu a seguir...



Maria estava na pequena sala, ainda tentando recuperar o fôlego.

— O que você quer dizer com isso, com "Ele sumiu"? — perguntou Pedro, levantando-se do chão. O seu cabelo estava despenteado, e parecia que dormira onde havia caído na noite anterior.

— Eu fui arrumar o corpo dEle — disse ela, engasgando com as suas próprias palavras —, mas a pedra fora removida, e o sepulcro estava vazio.

Com essa notícia, um murmúrio percorreu a sala, e um segundo discípulo, João, também se levantou e calçou suas sandálias. Esses homens eram dois dos amigos mais íntimos de Jesus, e depois da sua morte, a tristeza os atingiu profundamente.

— O que vamos fazer, Pedro? Levaram o seu corpo! Rugas de preocupação marcavam a testa de Maria, e a sua boca se fechou, com angústia.

— Leve-nos ao sepulcro — disse ele, parecendo mais velho e mais angustiado do que ela já o vira. Pela primeira vez, ela percebeu que havia pelos grisalhos em sua longa barba, e seus olhos castanhos escuros estavam abatidos e cansados.

Os três discípulos, com o coração partido, deixaram a casa e percorreram a cidade. Não

falavam nem se olhavam nos olhos, com seus pensamentos fixos no sepulcro vazio. Com essa reviravolta nos acontecimentos, tudo o que eles esperavam, como seguidores de Cristo, fora destruído. Eles e o pequeno grupo de crentes acreditaram que Jesus transformaria o mundo para sempre.

Mas logo se encontraram em um estado de angústia mental e emocional, enquanto viam Jesus exalar o seu último suspiro em uma cruz romana. Ele era o operador de milagres, que podia comandar a natureza, curar enfermidades, ressuscitar os mortos e produzir alimento com apenas uma palavra ou um gesto. Eles tinham desistido de tudo para segui-lo. Mas agora seguiam para um sepulcro onde estava o seu corpo sem vida. Ele estava morto. E com Ele morreram todas as esperanças que depositaram nEle.

Maria os conduziu até o sepulcro, com a escuridão ameaçadora no interior. Pedro ficou à entrada, com a cabeça baixa, apoiando a mão sobre uma grande pedra redonda. Ele e João lentamente seguiram em direção ao sepulcro e olharam ao redor. A pilha de vestes sepulcrais ainda estava

intacta, sobre a prateleira na rocha, mas o corpo não pôde ser encontrado em lugar nenhum. Pedro sacudiu a cabeça e piscou, afugentando as lágrimas. Amedrontados e confusos, ele e João seguiram de volta para casa, sem nem uma palavra.

Contudo, Maria ficou para trás. O vazio em seu coração se equiparava apenas ao vazio do sepulcro. Silêncio. Solidão. Desconsolo. Maria recolheu as tiras de tecido e o perfume que deixara ali antes. Deu as costas à escuridão quando as lágrimas começaram a descer pelo seu rosto. Ela saiu para a luz do sol da manhã e se permitiu chorar desconsolada. Antes de ir embora, espiou por cima do ombro para um último olhar ao sepulcro, e o que ela viu a espantou: dois homens, vestidos em vestes brancas brilhantes, ao lado do sepulcro.

Ela piscou, receosa de que a forte luz do sol tivesse provocado sombras diante de seus olhos. Mas os homens ainda estavam ali.

— Por que choras? — perguntaram os anjos.

Ela ficou em silêncio durante um momento, sem saber o que dizer.

Segundos antes, estava sozinha no sepulcro, e agora se via tentando responder a esses estranhos.

— Porque levaram o meu Senhor — respondeu ela, engolindo em seco — e não sei onde o puseram.

Eles olharam para alguém atrás dela, e Maria se virou, e viu outro homem do lado de fora do sepulcro, esperando pacientemente. Ela piscou, afastando um novo conjunto de lágrimas de seus olhos.

— Mulher, por que choras? — perguntou ele, com voz gentil e olhos bondosos.

— Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei — pediu ela, dando um passo em direção ao homem que supunha ser um jardineiro. Maria desejava prestar seus últimos respeitos e deixar descansar o seu Senhor. O pensamento de que o seu corpo estava nas mãos de seus inimigos fazia seu coração doer ainda mais.

— Maria! — o homem a chamou pelo nome, e estendeu a mão.

Ela tardou apenas um momento para reconhecer a sua voz familiar.

— Mestre! — clamou ela, ao reconhecer que o homem que estava do lado de fora do sepulcro era o

próprio Jesus. Ela correu para junto dEle, lançando seus braços ao redor dos seus pés, e chorando, extasiada.

Jesus estava diante de Maria, vivo, saudável e bem. Nem mesmo a morte era capaz de deter o prometido Salvador.



Quando Cristo morreu na cruz, parecia que tudo fora perdido. A morte vencera. Mas depois de três dias no sepulcro de um homem rico, Jesus apareceu vivo novamente. A notícia parecia tão absurda, que os seus discípulos se recusaram a crer, até que Ele se apresentou diante deles e deixou que tocassem as suas feridas com as próprias mãos. Então Jesus fez uma declaração surpreendente para eles: no futuro, também teriam corpos ressuscitados como o dEle. Corpos que nunca se deteriorariam, envelheceriam ou pereceriam. Eles perceberiam a única e grande esperança que trouxe propósito a uma existência que, não fosse por isso, seria sem sentido. Teriam uma nova vida sem morte ou dor, na presença de

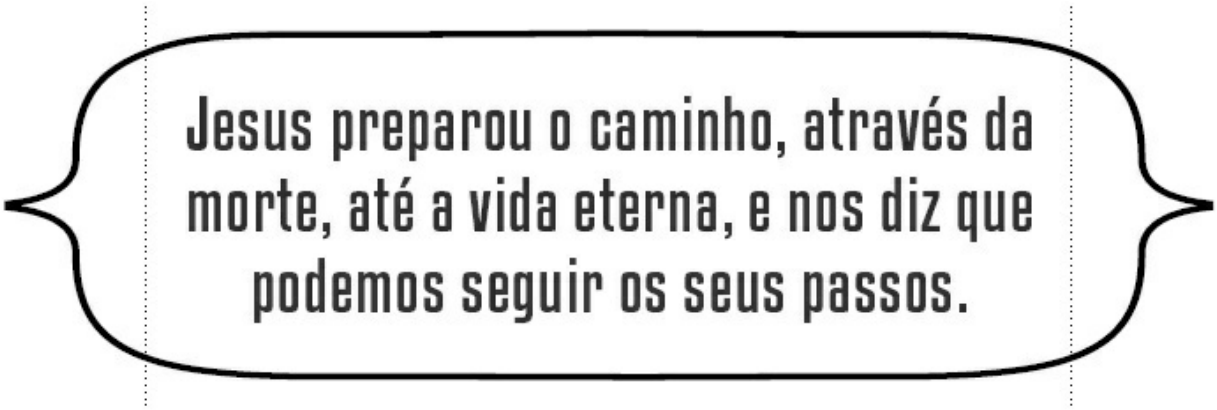
um Deus amoroso, para sempre.

Essa é a esperança que Jesus oferece a um mundo sem esperança — uma vida após a morte com Deus, livre de dor e sofrimento, cheia de abundante alegria. É exatamente assim que a Bíblia descreve o céu, um lugar de felicidade inimaginável.

"Mas", você poderá perguntar, "o que a ressurreição de Cristo significa *para mim*? Sim, eu desejo ter a vida eterna, mas como o que *su*postamente aconteceu com Cristo pode me dar essa vida eterna? Então, Ele afirma ter ressuscitado dos mortos. Isso é ótimo se for verdade, mas, em última análise, e daí? O que a morte e a ressurreição de um homem, há dois mil anos, têm a ver comigo, no século XXI?"

A promessa de ressurreição é esta: o que aconteceu com Cristo pode acontecer conosco. Como Ele, nós morreremos, mas a sua ressurreição é uma promessa de que a morte não é o fim. A sua ressurreição é o projeto da nossa. Ele preparou o caminho, através da morte, até a vida eterna, e nos diz que podemos seguir os seus passos com a sua mão nos conduzindo por todo o caminho. A ressurreição nos dá a esperança de um futuro

glorioso, sem dor e livre da morte. Os nossos sonhos mais excêntricos, de paz, amor e harmonia *podem* se cumprir.



E a verdade é que ansiamos por aquilo que a eternidade promete. A vida nunca poderá ser perfeita nesta terra, mesmo se todos os problemas de que falamos antes desaparecessem magicamente. Uma vacina para a AIDS reduziria o sofrimento, mas não transformaria o mundo. As guerras e os rumores de guerras sempre devastarão e atormentarão este planeta, mas nunca cessarão. O presidente dos Estados Unidos pode moldar a direção do país, mas não pode salvar a humanidade. Deus quer que sejamos bons administradores do nosso planeta, mas não quer que adoremos o

planeta.

No entanto, permanecem as grandes perguntas: Como posso ter certeza de que tudo isso é verdade? Como posso saber, com confiança, que a ressurreição realmente aconteceu? Talvez esse seja apenas outro sonho esperançoso. Os cristãos afirmam que é verdade, mas, por outro lado, todas as religiões asseveram que as suas crenças são verdade. Como posso saber que a ressurreição realmente acontecerá?

É O FIM DO MUNDO DO MODO COMO O CONHECEMOS

A serpente se apresentou sorrateiramente a Eva quando ela estava debaixo da árvore, descansando à sombra de uma manhã perfeita.

Os galhos da árvore se arqueavam em uma abóbada de verdes e amarelos, carregados com frutas maduras. Em algum lugar distante uma andorinha cantou saudando o sol que acabara de nascer, e um beija-flor flutuava de uma flor vermelha a outra, bebendo o néctar e enchendo o ar com um suave zumbido. Adão estava a poucos metros de distância de sua esposa, porém de costas, observando uma manada de bisões que pastavam na grama alta. A serpente deslizou em direção à mulher, com o cuidado de ficar fora do alcance da visão de Adão. Ela queria falar com a mulher sem interferências.

Lentamente, com seu corpo verde e brilhante, a serpente envolveu o tronco da árvore próxima a Eva, até que a sua cabeça pontuda ficou na mesma

altura que os olhos da mulher. “O que foi que eu ouvi?”, sussurrou no ouvido de Eva. “Deus *realmente* disse que vocês não podem comer de toda árvore neste jardim?” A serpente observou, avaliando se Eva conseguia detectar a sutil distorção no mandamento de Deus.

Eva virou-se e olhou com curiosidade para a serpente, com seus grandes e confiantes olhos. Seu cabelo caía em suaves ondas pelos seus ombros e suas costas. Dedos gentis brincavam com uma erva, e um sorriso virou para cima os cantos da sua boca. Entre tudo o que vivia nesse jardim, Eva representava mais claramente a perfeição da nova criação de Deus, e a serpente a odiava por isso.

Ela sacudiu a cabeça. “Podemos comer a fruta de qualquer árvore no jardim, exceto *esta*”, respondeu Eva, levantando os olhos para os galhos pouco acima da sua cabeça. “Deus disse que não podíamos comer essas frutas, nem mesmo *tocá-las*, ou morreremos.”

Ela está exagerando, pensou a serpente. *Deus nunca lhes disse que não podiam tocar a árvore. Isso é bom.*

A sua língua tremulou no canto da boca, quando um sorriso maldoso invadiu a sua cara. Suas palavras escorriam com doçura, com mentiras. "Oh, certamente vocês não *morrerão*." Ela chegou mais perto, semeando as palavras na mente de Eva como sementes em solo fértil. "Deus sabe que quando comerem esta fruta os seus olhos se abrirão e serão *como Ele*, conhecerão o bem e o mal."

Adão virou-se para olhar para Eva e os seus olhos se estreitaram enquanto ele tentava ouvir a conversa. Ele deixou os animais e se uniu a ela na sombra.

Eva olhou para o seu marido, e então para a fruta que estava suspensa, ao alcance dos seus braços. Seus olhos se arregalaram quando ela viu a fruta macia pronta para explodir com sabor e suco. O aroma convidativo do fruto macio descia dos galhos, enchendo as suas narinas com uma doçura prometida.

Sim. Sssssssim, pensou a serpente. *Tome e coma. Coma e morra.*

"A fruta parece boa", murmurou Eva. "E você diz que ela nos tornará sábios?"

A serpente assentiu. "Sssssssim."

Eva estendeu a mão aos galhos e puxou a fruta

mais próxima. A fruta caiu facilmente em suas mãos, pesada com seu suco. Enquanto a levava à boca, dirigiu um último olhar a seu marido, mas ele estava a seu lado em silêncio. Eva deu uma profunda mordida na fruta macia, e a sua boca se encheu com o sabor do fruto proibido.

A amargura da decisão deles, a escolha à qual a serpente tão facilmente os induziu, ficou clara em um instante. Até aquele momento, conheciam apenas o que Deus lhes destinava — o bem. Mas com uma única mordida, trouxeram sobre si mesmos exatamente aquilo que a serpente desejava que eles sentissem — o mal. O mundo perfeito que Deus havia criado para a humanidade evaporou diante de seus olhos.

"Mas você disse que nós ficaríamos sábios...", disse Eva engasgada, voltando-se horrorizada para a serpente.

E então Adão falou pela primeira vez, tarde demais. A sua voz foi um mero sussurro, que gritaria durante toda a história: "Você mentiu".

Sssssim, eu menti, pensou a serpente observando-os, intoxicada com a sua própria vitória. *E mentirei aos seus filhos e filhas, e a cada filho de*

Adão e a cada filha de Eva que andar por essa terra. A semente está plantada e vocês nunca livrarão a sua alma do espectro da morte. Deus falou a verdade para vocês no seu mandamento. Certamente, vocês morrerão.



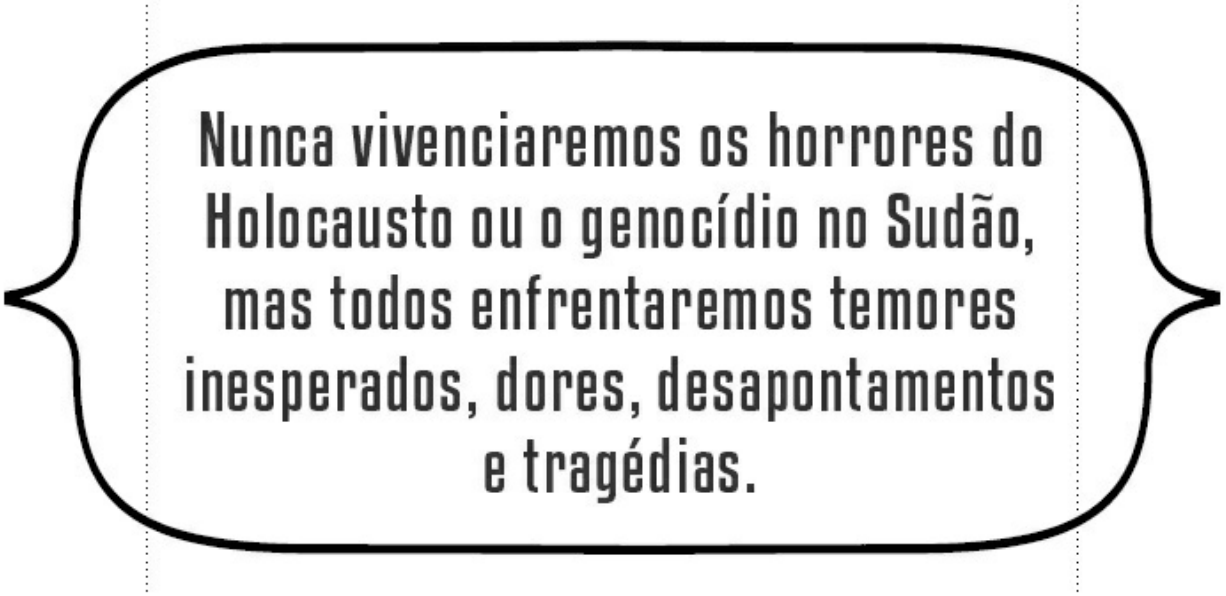
Você acaba de encontrar o mais desprezível vilão da história. Pessoas como Adolf Hitler, o assassino do Zodíaco, Al Capone, Jeffrey Dahmer, Charles Manson e Jack, o Estripador, não estão livres dessa serpente — Satanás. Embora tenham manchado a história humana com destruição e morte, eles se moldaram segundo a imagem daquele que originalmente trouxe horror a esta terra. Todas mentiras, todo o ódio e todo o mal têm a sua origem no Maligno.

Vemos a brutalidade de uma natureza humana arruinada não apenas nas páginas da história, mas também no cinema. Alguns dos maiores vilões do cinema também fazem com que nos encolhamos de medo: o Coringa, Darth Vader, Freddy Krueger,

Hannibal Lecter e o Exterminador, todos exemplificam o que os seres humanos são capazes de fazer. O único objetivo de um vilão é matar, roubar e destruir. Eles desejam criar a infelicidade e incitar o ódio. Neste aspecto, seguem o seu líder original. Esses pensamentos não haviam entrado no coração do homem antes daquele dia funesto no jardim do Éden, mas têm nos assombrado desde então.

A verdade do nosso mundo é o fato de que coisas terríveis acontecem a pessoas inocentes. Tentamos construir uma vida boa, mas os nossos planos desmoronam, às vezes pela morte, mas frequentemente em razão de eventos inesperados que nos arremessam a circunstâncias devastadoras. Nunca vivenciaremos os horrores do Holocausto ou o genocídio no Sudão, mas todos enfrentaremos temores inesperados, dores, desapontamentos e tragédias. Todos nós lidamos com uma ou outra forma de sofrimento que fere a nossa lembrança: maus tratos ou assédio sexual na infância, o casamento de nossos pais terminando em divórcio, a morte de um ente querido, um corpo doente, uma gravidez inesperada, o vício das drogas. Esses são os

efeitos colaterais do que aconteceu quando Eva comeu o fruto proibido e o deu ao seu marido. Naquele momento, o homem empurrou Deus para o lado, e o vazio resultante continua ferindo.



Até mesmo esta terra poeirenta sente a dor das aflições e da morte. Ela geme sob o peso de um mundo amaldiçoado. Todos os dias acontecem desastres. Uma olhada aos noticiários da noite nos faz imaginar como o nosso mundo continua girando. Tornados criam o caos na vida e na propriedade; ribeirões borbulhantes transbordam de suas margens para se tornarem forças destrutivas, e a fogueira

amistosa de um acampamento se transforma em um incêndio florestal infernal que consome plantas, animais e homens. Terremotos. Tornados. Furacões. Tsunamis. O nosso mundo nos ataca a cada esquina. Os animais que antes peregrinavam pela terra, em harmonia, agora se atacam brutalmente uns aos outros para sobreviver e proteger o seu território. Montanhas entram em erupção, cuspindo cinzas vulcânicas. O sol resseca os campos, trazendo a seca, a destruição e a morte. Essas duras realidades coexistem em agudo contraste com vislumbres de alegria e beleza. Em nossa vida há pessoas a quem amamos, e que nos amam, como uma justa retribuição. Este mundo, tão assolado pela tragédia, também nos fornece vislumbres de glória. Vemos tanto bem neste mundo, por que ele deveria se estragar com toda a dor, tragédias e morte que nos perseguem tão incansavelmente?



Por causa de tudo o que suportamos, parece que todo esse mal sempre fez parte da nossa existência, mas na realidade não é esse o caso.

A dor, a tragédia e a morte que nos assolam eram

coisas desconhecidas da criação original de Deus. A beleza que vemos na natureza, a alegria que sentimos nos relacionamentos amorosos e o prazer que sentimos de tantas formas sugerem a maneira como o mundo existia antes, quando Deus colocou Adão e Eva naquele jardim. O orgulho, a luxúria, a avareza e a inveja não tinham lugar nos relacionamentos. Tempestades destrutivas, secas e incêndios florestais nunca perturbaram a terra com a sua ferocidade. Os pais não se divorciavam, e os membros da família não morriam. A morte, a dor e a doença não tinham lugar na criação original de Deus. Tudo funcionava exatamente como deveria, em vez de desmoronar em função da poluição e dos abusos.

Isso pode ser semelhante a uma aparição induzida pelas drogas — uma fantasia da nossa própria imaginação que verte improbabilidade. Mas todos se perguntam se este mundo, complexo como é, foi criado por um poder maior. E um ser poderoso o suficiente para inventar o prazer, o amor, a felicidade e a alegria certamente teria a capacidade de impedir os males que nos assolam agora. O que aconteceu com tudo que era perfeito e livre de dor,

como no mundo descrito acima, a ponto de degenerar-se na dor e no mundo assolado pela morte em que vivemos agora?

As coisas foram bem para a raça humana durante algum tempo. A dor, a tragédia, a ruína e a morte nunca poderiam invadir o mundo enquanto Adão e Eva decidissem permanecer em seu relacionamento de amor para com Deus. Enquanto *escolhessem*...



Adão e Eva jamais teriam se afastado de Deus se Satanás se mantivesse a distância. Foi uma coisa simples que ele fez, levando-os a duvidar da bondade de Deus. "Deus *realmente* disse...?" Uma única pergunta fez com que seguissem os seus próprios desejos, em lugar do plano de Deus.

Sem dúvida, não consideraram antecipadamente as consequências devastadoras da sua escolha. E como resultado dessa única decisão, tudo mudou. Mas Deus honrou a escolha deles. Ele se ausentou vida deles e não interferiu na independência e na liberdade que escolheram, e no seu afastamento o

mal começou a reinar. Onde Deus está ausente, o mal se instala, seja no coração dos homens, seja no mundo, de modo geral.

Esse evento — a decisão do primeiro casal humano de rejeitar a Deus e confiar em si mesmos — é chamado pecado. Essa palavra de som "religioso" simplesmente significa fazer algo que não deve-ríamos. O pecado ocorre em muitas variedades, desde o pequeno, aparentemente insignificante, ato de dirigir em velocidade superior à permitida, até o horrivelmente aterrador pecado do assassinato em massa. No entanto, há algo em comum a todos os pecados, desde o menor até o mais grave. Eles se originam daquele impulso original de Adão e Eva, de seguir o seu próprio caminho, e não o de Deus. Todos os pecados rejeitam o caminho de Deus em favor do caminho de si mesmo. O pecado tem o efeito de uma bomba nuclear, que explode em nossos corações. Dependendo do pecado, o campo atingido pela explosão varia, mas sempre traz caos, dor, tragédia e morte.



Se Satanás pretendia trazer o caos à criação de Deus, poderíamos pensar que ele foi bem-sucedido. Ele desejava que o primeiro homem e a primeira mulher se afastassem de Deus, e então todos os seus descendentes herdariam o seu desespero. Uma vez que Deus é a fonte de toda a vida, a separação do homem significa a morte. Adão e Eva condenaram a humanidade com a sua decisão de rejeitar a Deus. Como Paulo nos diz: "Como por um homem [Adão] entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram" (Rm 5.12). Com o pecado de Adão e Eva, a morte entrou no mundo perfeito de Deus e arruinou toda a humanidade.

O rubor ardente da vergonha cobriu lentamente o rosto de Eva enquanto ela segurava a fruta. Lágrimas inundavam os cantos de seus olhos ao olhar para a serpente, tão presunçosa e triunfante. Há apenas alguns momentos, a luz do jardim se esgueirava entre os galhos, dourada e pura. Agora ela parecia asfixiada, emudecida pela destruição da decisão de Adão e Eva.

Pela primeira vez, Eva percebeu que estava nua no meio do jardim. Uma tonalidade ainda mais intensa de rubor cobriu o seu rosto, e ela procurou se esconder nas sombras. Adão se lançou nos arbustos atrás dela, e ambos se sentaram no chão arrancando folhas de uma figueira próxima e as costuraram para se cobrir com elas. Ela evitava olhar para o rosto de Adão, temendo o que poderia encontrar ali. Ambos sabiam que ela comera antes, e ambos sabiam que ele não a detivera. O coração dela se debatia entre uma profunda vergonha pelo seu comportamento e uma ira crescente pelo comportamento dele. As duas emoções eram estranhas e amedrontadoras.

E então ouviram a voz que mais temiam. Não a da ardilosa serpente que os seduzira com mentiras, mas a voz de Deus, a mesma voz que lhes dissera que não comessem daquela árvore.

“Depressa”, disse Adão, puxando-a pelo braço para escondê-la mais no meio dos arbustos. “Esconda-se.”

Ela o seguiu entre os ramos e se sentaram debaixo das folhas como crianças culpadas que se escondem de um pai.

“Onde estais?”, Deus os chamou.

Eva sabia que essa pergunta era retórica. Ele sabia onde eles estavam se escondendo, e sabia o motivo. Esperou por eles à luz do sol, esperou que se rastejassem até a luz e se confessassem. Tanto Eva como Adão sabiam, naquele momento, que a covardia não serviria de nada. Não podiam se esconder de Deus. Lentamente, emergiram das sombras, com o rosto ardendo e a cabeça baixa. Evitaram o seu olhar e permaneceram diante dEle, agitando os pés e apertando as mãos.

Finalmente, Adão falou: “Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me”.

A bondade ressoava na voz de Deus, embora não

pudessem suportar a ideia de buscá-la nos seus olhos. “Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?” Então Adão olhou para Eva, com um olhar que ela nunca vira antes. A sua fisionomia se enrugou e ele apontou um dedo acusador. A sua voz queimava como veneno. “A mulher que *me deste* por companheira, ela me deu da árvore, e comi.”

A ira, repentina e violenta, encheu o coração dela. Adão não estava ali quando a serpente sussurrava no ouvido dela? Ela não tinha olhado para ele, pedindo orientação? E agora ele estava ali, diante de Deus, colocando toda a culpa sobre os ombros dela depois de tê-la deixado indefesa.

“Por que fizeste isso?”, perguntou Deus, e suas palavras abriram um buraco no coração dela.

O ar estalou com a tensão quando Deus se voltou para a serpente. Ela se encolheu, já sem rir. A voz de Deus ressoou pelo jardim, como trovão. “Porquanto fizeste isso, *maldita* serás mais que toda besta e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu

lhe ferirás o calcanhar.”

As suas palavras eram um enigma para a mente de Eva, indecifráveis. Mas ela sabia que eram profundas porque a serpente se encolheu, contorcendo-se com ira sobre o seu ventre. Alguma coisa havia transpirado entre elas quando a maldição foi proferida, algo que sugeria o fato de que as coisas podiam não haver saído da maneira como a serpente queria.

Quando Deus se afastou da serpente, Eva desejou correr, desejou escapar. Pois ela sabia que seria a próxima.

Ele lançou os olhos sobre ela, que sentiu o peso desses olhos sobre a sua alma. “Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.”

Ela não teve forças para discutir nem chorar; simplesmente deixou que as palavras caíssem sobre ela, como um estilhaço de bomba, perfurando o seu coração.

“Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher”,

disse Deus a Adão, “e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e cardos também te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás”.

E assim ambos foram amaldiçoados. Em seu casamento. Com os seus filhos. Cada forma de relacionamento humano foi condenada a sofrer por causa da sua escolha. E não somente eles, mas todos os que viessem depois deles, e também o próprio chão sobre o qual eles andavam, iriam sofrer. Foi o pior momento na vida de Eva, e o momento pelo qual toda a humanidade cuspiria o nome dela, agitando um punho fechado.

Amaldiçoada, não somente com uma nova natureza, uma natureza de pecado, mas também com a morte física...

A história de Adão e Eva com frequência faz com que nos perguntemos por que Deus *nos* puniria por algo que *eles* fizeram. Às vezes, parece um pouco injusto. Por que tenho que viver neste mundo brutal, só porque eles comeram esse fruto? Se fosse apenas isso, teríamos razão para expor o nosso caso, mas a verdade é que cada um de nós esteve no lugar deles incontáveis vezes em nossas vidas e escolhemos alguma coisa proibida em lugar de Deus. Decidimos duvidar da bondade de Deus.

"Ele *realmente* disse para não ter relações sexuais antes de me casar? Ele não quer que eu me divirta!"

"Ele *realmente* disse que eu não deveria tirar aquele dinheiro da carteira do meu pai? Bem, Ele não deve saber como o meu pai é pão-duro!"

"Ele *realmente* disse que eu não deveria colar naquela prova de álgebra? Todo mundo faz isso. Deus não entende."

"Ele *realmente* disse...?"

Sim, Ele disse, e exatamente como Adão e Eva, *preferimos* não acreditar nEle. Não temos motivos para argumentar que estamos sendo punidos pelo pecado de outra pessoa. Estamos sendo punidos pelo nosso próprio pecado.

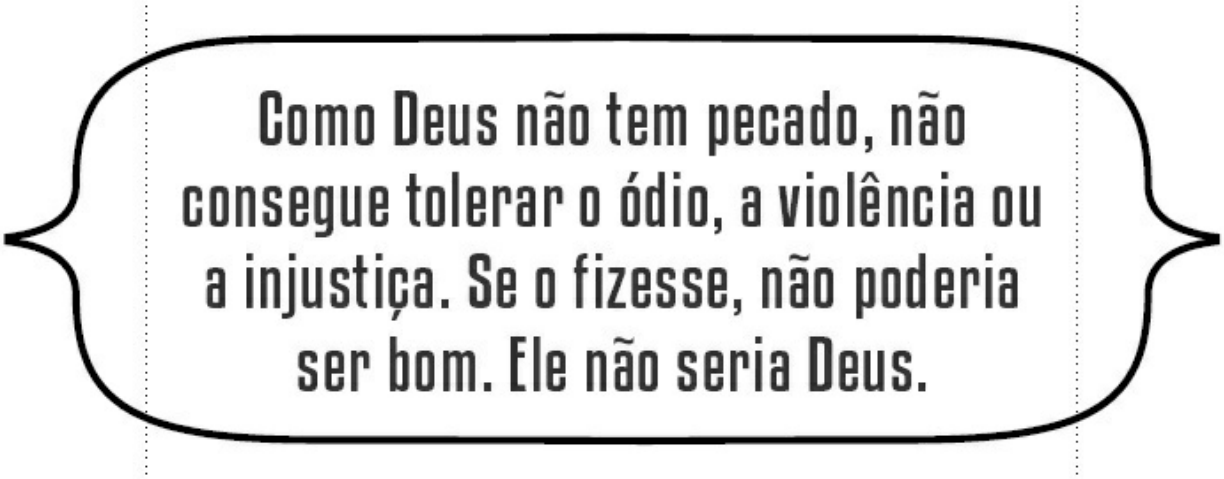
Mas se Deus nos ama, como diz que ama, por que permitiu que alguma coisa como o pecado se pusesse entre nós? Ele é Deus, afinal, e é Todo-Poderoso, não é? Por que não pode simplesmente esquecer que pecamos e nos salvar assim mesmo?

O que aconteceria se um juiz deixasse de administrar justiça no seu tribunal? O que aconteceria se você ganhasse um carro novo no seu aniversário de dezoito anos e outra pessoa o roubasse? Imagine, agora, um juiz que, ao ouvir o caso, decidisse que o culpado ficaria em liberdade porque ele desejava agir com amor! O que você pensaria se um juiz ignorasse esse crime? Como a sua família se sentiria? Naturalmente, você clamaria por justiça. Permitir que o vândalo ficasse em liberdade banalizaria o crime e ignoraria o fato de que é preciso que a justiça seja feita. Em que tipo de mundo viveríamos se cada juiz decidisse "agir com amor e bondade" e perdoar crimes em vez de administrar a justiça? Seria muito pior do que o mundo em que vivemos hoje.

Deus é o juiz do universo — a autoridade moral suprema (veja Gn 18.25). As suas leis são justas; elas se originam do seu próprio caráter e natureza. O

pecado desperta a ira de Deus porque traz uma dor profunda aos que Ele ama. E como Ele não tem pecado, não consegue tolerar o ódio, a violência ou a injustiça. Se o fizesse, não poderia ser bom. Ele não seria Deus. Da mesma maneira como os nossos olhos ardem quando olhamos para o sol, há alguma coisa na natureza de Deus que faz com que Ele arda com ira ao ver o mal.

O pecado de Adão e Eva e a sua queda subsequente deixaram cada um de nós com um sério dilema. Demos as costas a Deus e, ao fazer isso, convidamos a entrada da morte em nossas vidas. O primeiro homem e a primeira mulher decidiram crer na mentira de Satanás de que eles seriam como Deus, que a sua desobediência tornaria a vida melhor. Adão e Eva descobriram que, tendo pecado uma vez, o pecado se agarrou a eles, como um vício. Como um viciado em anfetamina, eles não conseguiram deixar de lado o pecado, e transmitiram esse terrível anseio a todos os seus descendentes. Agora, todos nós pecamos, e se deixados à nossa própria sorte somos incapazes de abandonar esse hábito.



A crise na nossa cultura exemplifica essa verdade. Você já esteve tão ferido, deprimido ou solitário, a ponto de considerar seriamente o suicídio? Caso afirmativo, você não está sozinho. De acordo com um estudo recente, 20% dos jovens do Ensino Médio consideraram o suicídio durante o ano passado, ao passo que 8% disseram que tentaram suicídio no mesmo período de tempo. Doze por cento dos jovens são solitários, 25% não se sentem realizados na vida, e aproximadamente 50% dizem que estão estressados.[1] Muitos lutam com a depressão, sentimentos de solidão e rejeição. Não há nada na nossa sociedade que indique que o nosso vício de pecar tenha tornado a vida melhor.

O especialista em ministério para a juventude, Dr. Chap Clark, diz em seu livro *Hurt: Inside the World*

of Today's Teenagers: "Cada jovem que cresceu na América do Norte está a apenas um evento (ou catástrofe) de distância de cair nos limites daquilo que a maioria chamaria de situação de risco".[2]

Desde tenra idade, cremos que precisamos ter uma boa aparência, dinheiro e concessão moral para obter a felicidade. Não é de surpreender que tantos de nós tomemos antidepressivos, remédios para déficit de atenção, ou roubemos do armário de nossos pais alguns remédios controlados, vendidos apenas com receita médica. Escondemos a nossa tristeza em distúrbios alimentares, álcool ou relacionamentos sexuais sem propósito. Na precipitação de conseguir tudo, nos esquecemos de responder a uma pergunta básica: *Por que estamos aqui?*



O nosso mantra cultural pode ser resumido como: "Seja você mesmo, acredite em você mesmo, expresse a você mesmo". Você mesmo, você mesmo, você mesmo! Tudo tem a ver com o ego e com o indivíduo. Percebeu a conexão entre a nossa ênfase em nós mesmos e o pecado de Adão e Eva?

É essencialmente o mesmo pecado — a rejeição do amor e da orientação de Deus em favor de seguir os nossos próprios desejos e definir o nosso próprio caminho.

Em seu livro *Soul Searching*, Christian Smith observa que muitos jovens consideram Deus como um terapeuta cósmico que existe para satisfazer as *suas* necessidades em vez de entender o seu propósito amando a Deus e as outras pessoas. Smith conclui: "Até onde pudemos discernir, aquilo em que muitos jovens parecem crer é que a religião tem a ver com Deus atendendo aos desejos autoritários e aos sentimentos das pessoas... a religião é essencialmente um instrumento que as pessoas usam para obter o que desejam".[3] Isso é verdade para você? Sendo realmente honesto consigo mesmo, você considera Deus desta maneira?

Então, a pergunta importante é: Como podemos encontrar o caminho de volta para Deus? Nós nos separamos dEle, e Ele honrou essa decisão deixando-nos sozinhos, sem orientação e esperança. E estamos condenados a permanecer nessa condição, a menos que o próprio Deus abra um caminho para que voltemos para Ele. Como estamos

sob o juízo da sua justiça perfeita e como Ele é bom demais para tolerar o nosso pecado, como podemos, nós, que estamos *viciados* no pecado, voltar a cair nas suas boas graças? Estamos condenados, a menos que Ele nos providencie um caminho.

AMOR É UM VERBO

A neblina se instalou no jardim, pairando sobre a terra úmida como o luar. Uma brisa gentil varria o solo, agitando a névoa ao redor de uma pessoa encolhida que estava ajoelhada debaixo de uma oliveira, balançando-se de um lado a outro. Os seus lábios se moviam silenciosamente, enquanto as mãos se uniam em oração. A uma curta distância estavam três homens, seus amigos adormecidos, cansados demais para fazer a vigília com Ele em meio à escuridão da noite.

"Passa de mim este cálice", sussurrou Ele, com grandes gotas de sangue em forma de suor pingando do seu corpo e do seu rosto. "Todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres."

Embora a sua carne humana desejasse escapar ao brutal destino que o esperava nas horas que se seguiriam, Ele se lembrava de uma promessa feita há muitos anos em outro jardim.

Porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

Ele se balançou sobre os seus calcanhares e voltou seu rosto para o céu. Um salpicar de estrelas perfurava o tecido da noite como orifícios de alfinete em um lençol. A distância, o ruído de pés e o tilintar de armas invadiram o jardim. Ele se virou, e olhou por entre as árvores percebendo um brilho de tochas. Um pequeno séquito de guardas e servos do sumo sacerdote marchava pelo bosque de oliveiras em sua direção.

"Eis que é chegada a hora", sussurrou Ele, enchendo os pulmões de ar e o coração de resolução. Ele foi até junto de seus amigos e rapidamente os despertou. "Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai." Os três homens se levantaram atabalhoadamente quando viram as tochas que se aproximavam.

Botas batiam como martelos sobre o solo duro à medida que o grupo de guardas corria pelo caminho em direção a Ele. Em poucos momentos os soldados os rodearam, cercando-os de maneira que não poderiam escapar. Do lado estava um servo que viera para assegurar que a vontade de seu senhor fosse feita.

Ele parou no caminho e perguntou:

— A quem buscais?

— A Jesus, o Nazareno.

— Sou eu — disse Ele, levantando as mãos como quem se rende.

Os guardas o olharam, diante deles, modesto, despretensioso, vestido com um manto simples e sandálias. Sem ter certeza do que fazer, eles andaram de um lado a outro, e sussurraram entre eles.

"Ele não parece criminoso."

"*Este* é o homem que viemos buscar?"

— A quem buscais? — perguntou novamente Jesus, com a voz ecoando em meio ao jardim, com força e determinação.

— A Jesus, o Nazareno — repetiu o líder dos guardas, com a voz hesitando pela incerteza.

— Já vos disse que sou eu — disse Ele. — Se, pois, me buscais a mim, deixai ir estes.

Ele indicou seus amigos com a cabeça, mostrando que não tinham nada a ver com isso.

No fundo do grupo havia um homem a quem Ele reconheceu, um homem que fizera uma refeição com Ele poucas horas antes. Quando os seus olhos

se encontraram, Judas deu um passo à frente. “Rabi” [Mestre], disse ele, e então encostou a boca no rosto de Jesus, com o calor de seu hálito que era semelhante a um ferro quente de traição. Quando ele se afastou, os soldados correram para prender Jesus com as espadas desembainhadas.

Então um movimento indistinto aconteceu ao lado dEle quando Pedro sacou uma espada e a brandiu contra a pessoa mais próxima. A lâmina se ergueu e caiu antes que qualquer pessoa pudesse reagir. E então o grito de um homem ferido perfurou o ar tranquilo da noite.

“Mete no seu lugar a tua espada”, ordenou Jesus a Pedro. “Porque todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão. Ou pensas tu que eu não poderia, agora, orar a meu Pai e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?”

A seguir, Ele se dirigiu aos guardas. “Saístes, como para um salteador, com espadas e porretes, para me prender? Todos os dias me assentava junto de vós ensinando no templo, e não me prendestes. Mas tudo isso aconteceu para que se cumpram as Escrituras dos profetas.”

Tão logo essas palavras saíram de sua boca, seus

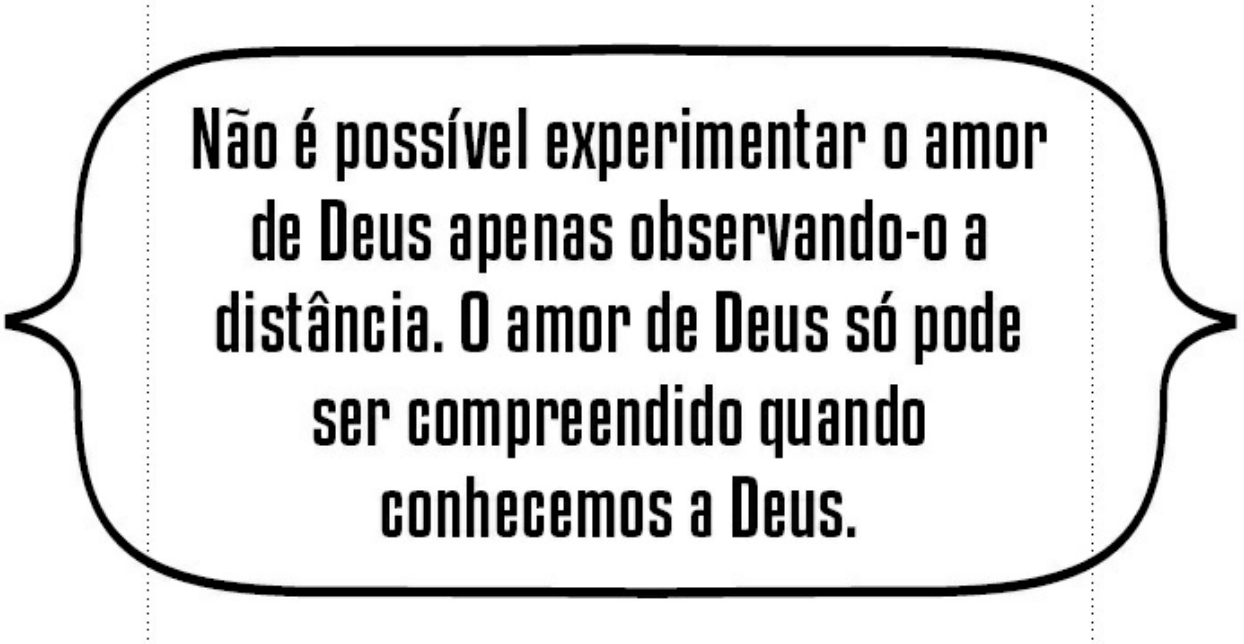
três amigos perceberam o que estava acontecendo e fugiram do jardim. Jesus enfrentou os seus acusadores sozinho.

Ele deu um passo à frente e encontrou o jovem servo da forma como estava abaixado no chão, com uma das mãos pressionando a ferida ensanguentada, onde estivera a sua orelha direita. O servo olhou para Jesus, o temor se espalhou pelo seu rosto, e ele se encolheu.

“Acalme-se, Malco”, sussurrou Ele, colocando a mão gentil sobre a ferida.

Malco olhou para Ele, com os olhos arregalados enquanto o fluxo do sangue cessava. Jesus esboçou um sorriso enquanto os guardas prendiam seus pés e algemavam suas mãos. Ele devolveu o olhar do homem assombrado, com os olhos transbordando com a misericórdia que oferecia livremente. Enquanto o arrastavam do jardim, o jovem ficou para trás, e sua expressão era uma mistura de temor e assombro.

Uma das primeiras evidências do amor redentor de Deus foi apresentada a Adão e Eva enquanto eles esperavam o julgamento pelo seu pecado. Mesmo antes de dizer-lhes sobre toda a dor e a agonia que enfrentariam como resultado de terem se afastado dEle, Deus revelou o seu plano para salvá-los do mergulho de cabeça na morte. Em Gênesis 3.15, Deus amaldiçoou a serpente, dizendo: "Porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar". Essa misteriosa profecia lhes disse que um descendente de Eva viria ao mundo, e esmagaria a cabeça de Satanás, destruindo para sempre o poder da morte que ele havia infligido sobre a raça humana. Nesse processo, esse descendente seria ferido, o seu calcanhar seria ferido, mas o homem esmagaria a cabeça da serpente.



Ainda mais maravilhoso, no entanto, é o fato de que Ele idealizara o plano muito antes de colocar Adão e Eva no jardim. Em 1 Pedro 1.19,20, lemos: "Mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado, o qual, na verdade, em outro tempo, foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos, por amor de vós". Aqui, vemos a verdadeira dimensão do amor de Deus por nós. Mesmo antes que pecássemos, Ele nos amava tanto que já havia planejado uma maneira de nos salvar, caso caíssemos. E esse plano envolveu um grande sacrifício por parte de Deus. Ele desejou tomar a punição pelo nosso pecado sobre si mesmo,

enfrentou a morte diretamente, e derrotou o seu poder sobre nós de uma vez por todas. Embora muito ferido no processo, no final Ele derrotou Satanás.

Entender o significado do amor começa ao olhar o caráter de Deus, em vez de consultar um dicionário. "Nisto está a caridade: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados" (1 Jo 4.10).

Não é possível experimentar o amor de Deus apenas observandoo a distância. O amor é percebido no relacionamento, o que significa que o amor de Deus só pode ser compreendido quando conhecemos a Deus. Não podemos simplesmente ficar na arquibancada enquanto Deus está no campo. Se de fato quisermos experimentar o seu amor, deveremos entrar no jogo.

O grande escritor Ralph Waldo Emerson entendeu como é importante entregar a si mesmo. Ele disse: "Um presente é uma desculpa para *não* entregar a si mesmo". Pense em um pai que somente dá coisas a seus filhos em vez de lhes dar o seu tempo. Isso é pouco diferente de um suborno. Mas um pai que

realmente ama seus filhos passará algum tempo com eles, conversando e construindo um relacionamento. Ele dará a *si mesmo*. Esse dar de si mesmo é exatamente o que Deus fez por nós quando enviou Jesus Cristo. Deus deu a *si mesmo* como substituto para a nossa punição.

Uma vez que a essência do amor é dar a si mesmo, quando Deus se entregou à humanidade, Ele demonstrou o maior e mais maravilhoso ato de amor da história. Jesus disse: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Cada ato de amor da história empalidece em comparação com o presente de Jesus. Ninguém tirou a sua vida; Ele a deu voluntariamente.



A luz vacilante do pequeno fogo subia pelas paredes de pedra como um animal faminto em busca de migalhas debaixo da mesa. Embora ela tentasse afugentar a escuridão, o fogo apenas a empurrava

em direção aos lados do átrio, onde estava reunida uma multidão irada, que proferia maldições contra um homem que estava agachado no meio deles. O forte cheiro de carvão que o fogo emitia era levado à escuridão acima dele, enquanto alguns espectadores assistiam ao acontecimento e aqueciam as mãos com o fraco calor.

Pedro cobriu o rosto com seu manto, indeciso entre o calor do fogo e a segurança das sombras. Seus olhos permaneciam fixos na multidão enquanto jogavam Jesus de um lado a outro. Uma venda grosseira, rasgada da barra de um manto, cobria seus olhos. Uma pesada corrente prendia suas mãos junto às costas, ao passo que Ele era empurrado de um guarda irado a outro. Eles cuspiam nEle, enquanto tropeçava pelas pedras ásperas incapaz de se equilibrar. O sangue de seu lábio inferior, partido e inchado, gotejava livremente pelo queixo.

Risos estridentes ecoaram na escuridão quando um guarda correu e empurrou Jesus, fazendo-o cair ao chão. Ele se chocou contra as pedras com uma pancada, e os pedregulhos feriram cruelmente o seu rosto.

“Profetiza-nos: Quem o feriu?”

E então os golpes caíram como chuva, alguns socos, alguns pontapés, mas todos rindo enquanto Ele suportava os maus tratos sem sequer tentar se defender. Também não gritava de dor, ou lhes implorava que parassem.

Uma náusea crescente atingiu o estômago de Pedro ao assistir aos maus tratos a seu inocente amigo.

Uma jovem parou diante de Pedro, examinando o seu rosto. Ela balançou a cabeça criticando o andar vacilante de Jesus. “Não és tu também dos discípulos deste homem?”

O coração de Pedro estremeceu e enrijeceu a mandíbula. Ele sacudiu a cabeça veementemente em negação e tentou deter as palavras que escaparam de sua boca. “Não sou eu.” Passou pela jovem e se isolou no outro lado do átrio enquanto a culpa se instalava em seu coração como a espessa fumaça negra que pairava sobre o átrio.

A multidão fez silêncio quando um grupo de homens entrou no átrio. Um homem idoso que usava vestes sacerdotais e tinha uma expressão profunda e irada no rosto liderava o cortejo em direção a Jesus.

“Anás”, sussurraram os espectadores com reverência. Eles se afastaram enquanto Anás se aproximava do corpo ferido e ensanguentado de Jesus. “Se o ex-sumo sacerdote veio assistir, deve ser sério.”

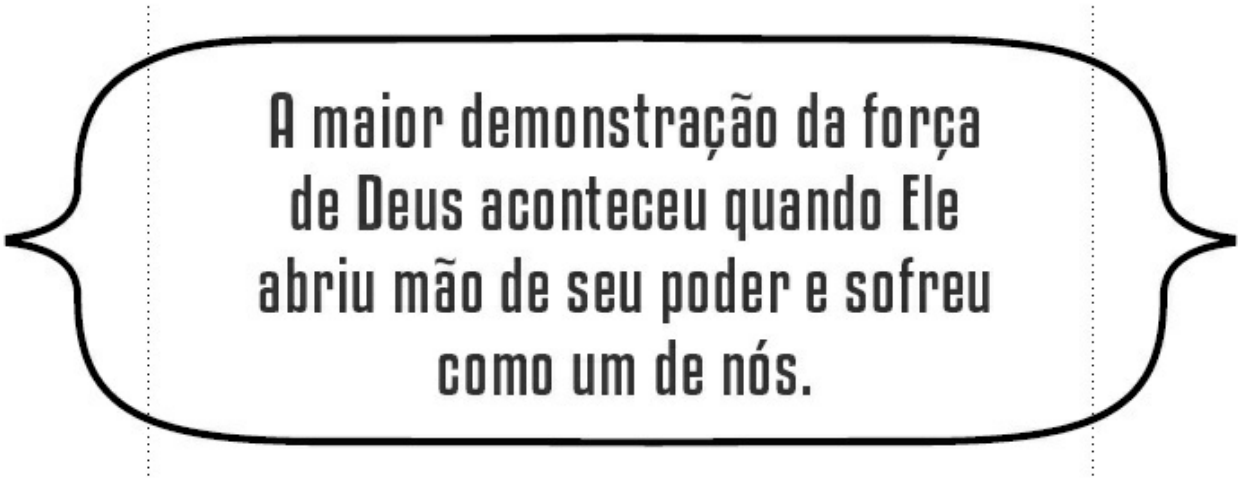
O velho olhou para baixo com seu nariz em forma de bico de ave enquanto um sorriso condescendente se abria em seu rosto. “Por que não nos conta sobre os seus ensinamentos e sobre os que se dizem seus discípulos?”

O ar se prendeu na garganta de Pedro e ele se escondeu no meio da multidão temendo que Jesus o identificasse.

Jesus levantou o rosto inchado e enfrentou os olhos de Anás com confiança. “Eu falei abertamente ao mundo. Sempre ensinei na sinagoga e no Templo, onde todos os judeus se ajuntam. Nada disse em oculto. Para que me perguntas a mim? Pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei. Eles sabem o que lhes tenho dito.”

Um dos guardas se adiantou e esbofeteou Jesus com um alto estalido. A sua cabeça pendeu para um lado com sangue e saliva caindo ao chão. “Assim respondes ao sumo sacerdote?”, gritou o guarda.

Jesus enxugou a boca no manto que lhe cobria o ombro e voltou seu rosto novamente para Anás. “Se falei mal, dá testemunho do mal; e, se bem, por que me feres?”



Anás cuspiu no chão junto aos pés de Jesus. “Levai-o a Caifás”, disse ele, e então se virou e deixou o átrio.

Os que estavam reunidos ao redor do fogo começaram a examinar Pedro mais atentamente, sussurrando entre si. “Não és também tu um dos seus discípulos?”, perguntou um deles, cutucando o peito de Pedro com um dedo sujo.

“Não”, respondeu Pedro, desviando os olhos.

“Não o conheço, nem sei o que dizes.”

“Sim, és tu”, disse um deles, dando um passo à frente com o rosto coberto de ira. “Não te vi eu no horto com ele? És aquele que cortou a orelha de Malco.”

“Não conheço esse homem de quem falais”, disse Pedro, com os olhos fixos em Jesus enquanto os guardas o arrastavam ainda acorrentado, tirando-o do átrio. Quando a profunda escuridão da noite deu passagem ao tom acinzentado e nebuloso do início da manhã, um galo cantou ao longe e Jesus se virou para olhar para Pedro pela primeira vez naquela noite. Tristeza e desalento marcavam o seu rosto com tamanha intensidade que Pedro desviou o rosto. Ele fugiu do átrio, correndo pelas ruas estreitas de Jerusalém, buscando consolo nas sombras. E então as palavras que Jesus proferira antes, naquela mesma noite, caíram como marteladas em seu coração: “Antes que o galo cante, três vezes me negarás”.

Um a um, os eventos daquela terrível noite se aclararam na sua mente e, pela primeira vez, Pedro entendeu tudo o que Jesus dissera. As próprias falhas de Pedro, o seu orgulho e as suas declarações

excessivamente zelosas, tudo se derreteu diante do que estava acontecendo com o seu Senhor. E nesse momento Pedro soube que Jesus não sobreviveria a essa provação. Essa nunca fora a sua intenção.



O poder de Deus é evidente em todas as passagens das Escrituras. Ele criou o universo, destruiu Sodoma e Gomorra, trouxe as pragas ao Egito, e dividiu o mar Vermelho. No entanto, quando quis que o seu *amor* fosse plenamente revelado, deixou de lado esse poder em favor do sacrifício. Filipenses 2.68 diz: "Sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz".

Deus se humilhou tanto que os mesmos que o traíram o levaram à morte. As pessoas que Ele criou zombaram dEle, cuspiram nEle e o torturaram. Eles pediram que Jesus demonstrasse o seu poder a fim

de que se salvasse, mas Ele recusou. Ele recusou, porque *a cruz, e não o seu poder demonstraria o seu amor.* Para o nosso mundo, o que importa é o poder, e não o sacrifício.

Talvez a maior demonstração da força de Deus tenha ocorrido quando abriu mão de seu poder e sofreu como um de nós. O autor Philip Yancey percebeu a importância desse ato:

> O espetáculo da cruz, o evento mais público da vida de Jesus, revela a grande diferença entre um deus que procura se provar através do poder, e aquEle Deus que se prova mostrando o seu amor. Outros deuses, os deuses romanos, por exemplo, exigiam a adoração: na época de Jesus, alguns judeus eram assassinados, por não se prostrarem diante de César. Mas Jesus Cristo nunca exigiu que ninguém cresse nEle. Preferiu agir atraindo as pessoas pelo interesse que despertava nelas, fazendo com que prestassem menos atenção em si mesmas, e olhassem em direção a Ele.[1]

Isso deveria ser uma boa notícia para todos nós, especialmente porque a baixa autoestima parece afligir muitos de nós. Com frequência nos sentimos incapacitados por sentimentos internos e profundos de inferioridade. Nossa sociedade insistente coloca muita ênfase nas aparências externas, no poder, no dinheiro e na popularidade, de modo que alguém que não está bem colocado em todas as categorias se sente diminuído em valor. Geralmente nos sentimos amados somente quando realizamos o que os outros esperam de nós. O amor incondicional parece quase impossível.

Por que deveríamos nos sentir tão sem valor quando Deus se empenhou tanto para nos provar o quanto somos importantes? É como se Ele dissesse: "Eu amo tanto vocês que não há nada que não fizesse para conhecê-los. Vocês são importantes para mim. O meu amor por vocês não tem limite. Acredito em vocês e desejo fazer parte da sua vida".

Não é isso o que você realmente quer? Que alguém realmente o ame? Não apenas quando faz as coisas certas, mas até mesmo quando faz tudo errado? Deus oferece esse tipo de amor. Você não tem que ser o mais inteligente, o mais talentoso, nem

o mais atraente. Você apenas precisa *ser*.

Muitas pessoas não encontram Jesus por causa de fatos lógicos, mas por causa do seu coração amoroso que nos chama e nos assegura que somos aceitos. Há muitas evidências históricas que nos asseguram que o Jesus que viveu há dois mil anos é realmente Deus (abordaremos isso mais adiante), mas o seu *amor* agarra o nosso coração e nos convence a entregar a Ele as nossas vidas. Deus diz: "Com amor eterno te amei; também com amável benignidade te atraí" (Jr 31.3).

Mas a morte de Cristo tinha que ter um significado mais profundo, ou teria sido meramente um ato de tolice. Como o seu assassinato oferece uma solução para o nosso dilema supremo, o fato de que não conseguimos deixar de pecar?

É comum que os heróis morram em um esforço de salvar aqueles a quem amam. William Wallace, o herói escocês, morreu nas mãos de um rei inglês em um esforço de obter a liberdade para seus compatriotas. Ele teve uma vida de grande serviço e sacrifício, e no final teve uma morte atroz. O pioneiro e lendário Davy Crockett passou grande parte da sua vida servindo o povo americano. Ele

morreu na batalha de Álamo, em meio a escombros e à fumaça de canhões. Cada um desses indivíduos fez coisas heróicas, mas todos *morreram*. Somente um homem teve uma morte que era o princípio, e não o fim: Cristo. De maneira única em toda a história, Ele ressuscitou. Este único ato divino criou uma esperança inabalável aos que deixou para trás.

A crucificação de Jesus nos reconectou a Deus. A sua morte lidou com o problema do pecado e removeu a nossa culpa, contudo, mais um passo era necessário para que fôssemos restaurados à vida e pudéssemos vivenciar tudo o que Deus desejava para nós.

A sua morte não solucionou o problema prático do nosso vício de pecar. Ainda temos a doença que herdamos de Adão embutida no nosso DNA. E até que ela seja tratada de maneira permanente, não importa o quanto tentemos obedecer a Deus, ainda continuaremos a lutar com o nosso vício. Isso nos leva à importância da ressurreição. Quando Cristo ressuscitou, foi a sua ressurreição que concluiu o processo de nos religar a Deus. A sua morte removeu a culpa e pagou a pena pelo pecado, contudo a ressurreição de Cristo demonstra que a

nossa morte aponta para um novo princípio. Nós também viveremos para sempre.

"Mas", você poderá dizer, "como a morte e ressurreição de uma pessoa podem pagar o preço e derrotar a morte por toda a raça humana?" De acordo com o apóstolo Paulo, a morte entrou na raça humana pelos pecados de um homem, Adão. Se o pecado entrou no mundo por um homem, então também pode ser derrotado pelo ato virtuoso de um homem. Com a sua morte e ressurreição, Jesus nos oferece uma nova vida. Ele não apenas lidou com o pecado, mas derrotou o mal. Realmente aniquilou a morte, destruindo o seu poder sobre nós.

Jesus disse, de modo triunfante: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá" (Jo 11.25,26).

Se Jesus de fato ressuscitou dos mortos (e uma grande quantidade de evidências comprova isso), então podemos estar confiantes de que algum dia também ressuscitaremos da nossa própria morte.

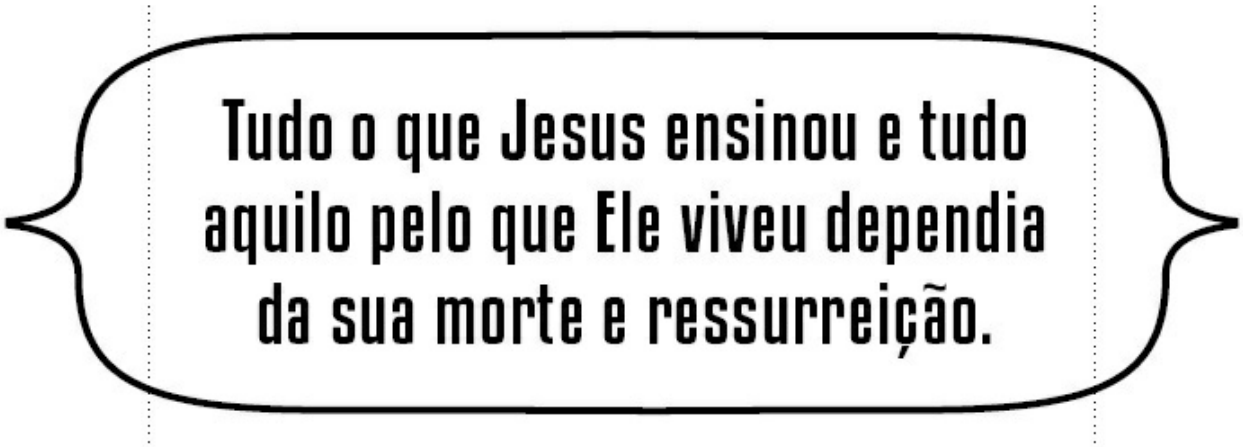
A evidência histórica da ressurreição é o próprio fundamento da fé cristã, e não uma parte opcional da fé. A ressurreição de Jesus Cristo e o cristianismo

como um todo permanecem ou caem juntos. Um não pode ser verdadeiro sem o outro. Sem a ressurreição histórica de Jesus, a fé cristã é apenas mais uma religião. Adoração, o estudo da Bíblia e a igreja, propriamente dita, são exercícios inúteis de futilidade se Jesus não tiver ressuscitado literal e fisicamente dos mortos. Sem a ressurreição poderíamos perfeitamente deixar tudo isso de lado. "E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados" (1 Co 15.14,17).

Por outro lado, se Cristo *realmente* ressuscitou dos mortos, então Ele está vivo agora mesmo, quer que o conheçamos pessoalmente, perdoou os nossos pecados, derrotou o poder da morte, e por essa razão podemos esperar a vida eterna.

A ressurreição tem sido o foco da fé cristã desde que alguns poucos seguidores difamados se esconderam em uma pequena sala de Jerusalém depois da sua crucificação. Não é de admirar que Maria, Pedro, Tiago e João se sentissem tão desolados quando o viram ser colocado no sepulcro. E o que teria acontecido a esse pequeno grupo de

crentes se não houvesse nenhuma ressurreição? Teriam encontrado a coragem para sair e influenciar o mundo? Que esperança ofereceriam a um mundo agonizante onde reina o mal? Nenhuma. As suas palavras seriam vazias. Aqueles poucos e obstinados crentes em Jesus teriam morrido da mesma maneira como viveram: desolados e cheios de tristeza.



Mas a história não termina com um morto suspenso em uma cruz romana. É humilhante saber que Jesus se deu voluntariamente para que não tivéssemos que enfrentar a nossa própria punição, mas é profundo saber que a morte não pôde detê-lo. A esperança que Ele nos oferece hoje é a verdade de que a morte também não pode nos deter.

Tudo o que Jesus ensinou, e tudo aquilo por que Ele viveu, dependia da sua morte e ressurreição.

Todas as promessas e profecias da Bíblia dependem da ressurreição. Toda a história do plano de Deus para restaurar o seu relacionamento com a humanidade depende da ressurreição. A ressurreição de Jesus é o evento mais importante da história do mundo. A vida de cada um de nós depende dela.

AS NOSSAS MAIORES ESPERANÇAS E TEMORES

Saulo se apoiou na coluna de pedra, contemplando a cena à sua frente. O sol mergulhou entre as paredes do Templo, lançando exageradas sombras pelo átrio. Um dos que seguiam a Cristo estava no átrio do Templo, rodeado por membros do conselho dos governantes. Ele era jovem, sem uma grande barba, mas apresentou fervorosamente o seu caso diante dos líderes de Israel. O jovem conhecido como Estêvão pregou as palavras do livro sagrado lançando-as ao redor como se cada homem entre os presentes não as soubesse de memória.

Que arrogância, pensou Saulo. *Ele está se condenando com esse espetáculo.*

Ele andava em meio à multidão mantendo distância de Estêvão, mas nunca o perdendo de vista. O ar exalava uma tensão explosiva que Saulo reconhecia com prazer. Hoje haveria sangue derramado.

O sermão de Estêvão terminou de forma

repentina à medida que a multidão o arrastava lançando-o de um lado para outro. A sua voz se elevou com firmeza, cheia de confiança. “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim, vós sois como vossos pais. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que anteriormente anunciaram a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas; vós que recebestes a lei por ordenação dos anjos e não a guardastes”.

Saulo parou assombrado com a ousadia das palavras de Estêvão. Ele encontrara esses seguidores de Cristo anteriormente e suportara as suas loucas acusações, mas isso já era demais. A multidão explodiu em fúria, agitando punhos fechados e cuspindo nele.

“Hoje morrerás, jovem”, murmurou Saulo à medida que um sorriso maligno passava a ocupar o seu rosto. “Eu mesmo cuidarei disso.”

Mas Estêvão permaneceu calmo, mesmo com a pressão da multidão contra ele. Em vez de correr ou tentar se proteger, ele simplesmente levantou os olhos para o céu. A calma se instalou sobre o seu

rosto enquanto o seu olhar permanecia fixo nas nuvens. Em seguida, disse as palavras que selaram o seu destino: “Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus”.

Por um breve momento, um silêncio aturdido caiu sobre a multidão enquanto as pessoas tentavam compreender o nível da blasfêmia que Estêvão pronunciara. E então, em uníssono, todos gritaram com grande voz, taparam os ouvidos e arremeteram unânimes contra ele. Agarraram Estêvão e o arrastaram para fora da cidade, alternadamente puxando-o, arrastando-o e chutando-o.

Saulo se manteve afastado da multidão: ele não desejava sujar as suas mãos nem roupas depois que isso estivesse feito. Mas queria se certificar de que a obra seria concluída.

Do lado de fora das portas da cidade havia uma pequena elevação que tinha vista para o vale abaixo. A queda era de apenas 4,5 metros, mas quando atiradas dali, muitas das vítimas de apedrejamento morriam pelo impacto. Saulo preferia que as execuções fossem rápidas e limpas, contudo Estêvão não deu sinal de que morreria facilmente. A multidão o arremessou do precipício, mas a queda

não o feriu, e lentamente se pôs de pé enfrentando-os com confiança.

"Muito bem. Faremos isso da maneira mais difícil", resmungou um velho com uma longa barba, tirando o seu manto e colocando-o aos pés de Saulo.

Um por um os membros do conselho fizeram a mesma coisa, até que houvesse uma pilha de roupas arrumada perto de Saulo. Eles não queriam manchar de sangue as vestes boas no processo de matar um homem cristão.

O costume dos judeus permitia uma morte misericordiosa depois da queda de um penhasco. Uma grande pedra, aproximadamente do tamanho da cabeça de um homem seria lançada sobre a vítima, normalmente trazendo o espetáculo a um rápido fim. Se o homem não morresse com esse golpe, os membros do conselho, então, apanhavam pedras e o apedrejavam até a morte.

Saulo considerava o processo repugnante e normalmente preferia não participar. Por isso, ficou de lado e manteve limpas as suas mãos. Mas durante todo o tempo Estêvão olhou para ele com os olhos castanhos escuros firmes e destemidos. Não houve choro, nem súplica, apenas uma profunda confiança

enquanto esperava o inevitável.

Quando Estêvão viu o homem barbado levantar uma grande pedra acima de sua cabeça, desviou os olhos de Saulo e os fechou. Lentamente, levantou as mãos, com as palmas para cima, e sussurrou: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito”.

A grande pedra voou pelo ar com um silvo e aterrissou não sobre a cabeça de Estêvão, como se pretendia, mas sobre o seu ombro. O ruído da rocha caindo e da quebra dos ossos foram audíveis no ar frio da tarde. Estêvão arquejou e caiu de joelhos com o rosto contorcendo-se em dor. E então as pedras começaram a cair como granizo, atiradas pelos que estavam reunidos acima dele no penhasco.

Normalmente Saulo não assistia a essa parte de uma execução, mas não conseguiu deixar de se inclinar para frente. Estêvão não cobriu a cabeça, nem tentou se proteger. Simplesmente se ajoelhou no chão com o rosto voltado para o céu. Enquanto as pedras golpeavam o seu corpo, ele clamou: “Senhor, não lhes imputes este pecado”.

E então, por fim, misericordiosamente ele ficou em silêncio enquanto seu corpo caía ao chão, quebrado e ensanguentado.

“Não parem”, ordenou Saulo. “Certifiquem-se de que ele está morto.”

Enquanto os homens concluíam a execução, Saulo se virou e seguiu para a cidade com um profundo contentamento no coração e um sorriso no rosto.

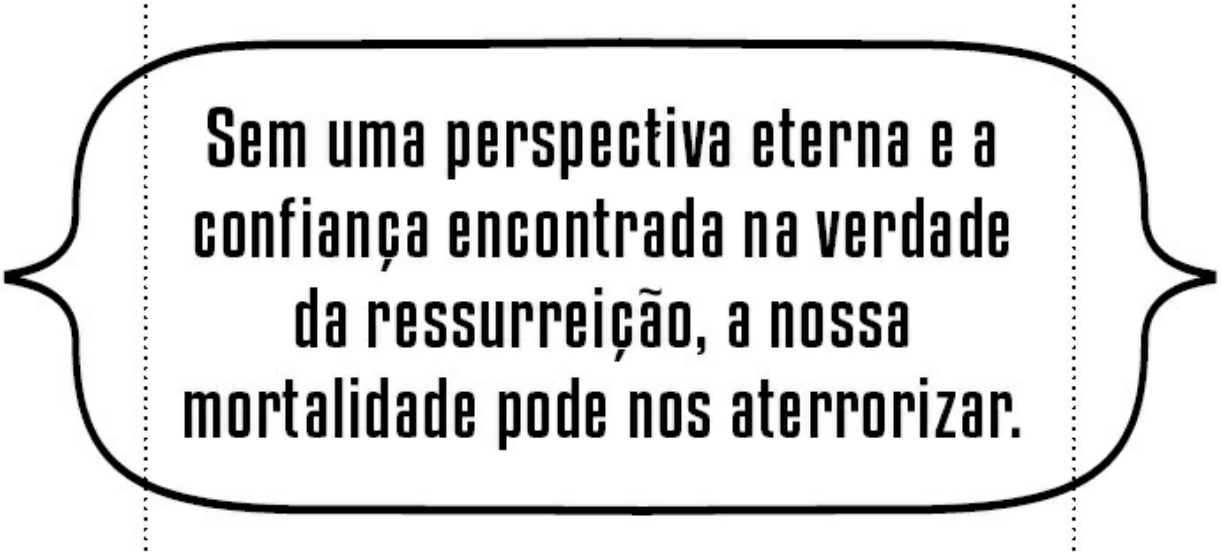


Para a maioria das pessoas, ainda mais dominante que o medo de falar em público é o medo da morte. Nós a tememos, por nós mesmos e por aqueles a quem amamos. Sem uma perspectiva eterna e a confiança encontrada na verdade da ressurreição, a nossa mortalidade pode nos aterrorizar. Como sociedade, normalmente nos escondemos do tema da morte. Mesmo quando falamos sobre a morte, tentamos suavizar ou disfarçar a dura realidade. Preferimos termos como *faleceu, adormeceu* ou *foi estar com o Senhor*.

Mas isso suscita a pergunta: “Por que, exatamente, tememos a morte?” Muitos de nós lutamos com estas seis razões:[1]

1. A Morte É Misteriosa e Desconhecida

A maioria de nós teme o desconhecido. Mudar de escola, partir para a faculdade, ou assistir à partida de um pai que se divorcia são coisas que podem trazer certa dose de apreensão, pois não sabemos o que esperar. Mas a morte apresenta um mistério maior do que qualquer outra coisa; é o maior de todos os desconhecidos. Depois de entrar nesse domínio, ninguém retorna para nos contar sobre ele. Parece algo que nunca poderemos compreender verdadeiramente, a menos que o vivenciemos de forma pessoal.



Mas pense desta maneira: A morte parece

misteriosa, contudo depois da ressurreição de Jesus, sabemos algo sobre ela que não podíamos ter sabido antes. Ela não é permanente. Cristo passou por ela e preparou um caminho que poderemos seguir. Parte do mistério foi removida, porque agora temos pegadas a seguir que nos conduzirão à nova vida.

2. Temos que Enfrentar a Morte Sozinhos

Se todos nós pudéssemos dar as mãos e entrar juntos na eternidade, talvez suportaríamos a ideia. Mas não podemos. Temos que viajar sozinhos e entrar nessa noite escura.

No entanto, pense nisso: Embora possa parecer que temos que passar sozinhos pela morte, agora sabemos que isso é uma ilusão. Cristo está ali, para nos guiar, enquanto passamos por ela. O mais conhecido de todos os salmos declarou que não estamos sozinhos na morte: "Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque *tu estás comigo*; a tua vara e o teu cajado me consolam" (Sl 23.4, ênfase minha). Cristo realmente entrou na escuridão da morte e espera por nós para nos fazer passar em segurança.

3. Somos Separados dos nossos Entes Queridos

Perguntamo-nos se os nossos relacionamentos podem continuar depois desta vida. Encontraremos outra vez aqueles a quem amamos?

Não precisamos ter esse temor. Como Deus venceu a morte, por intermédio de Jesus Cristo, os nossos relacionamentos continuarão depois da morte. Essa crença não exige uma fé cega, ela está enraizada em fatos, da mesma maneira como Jesus encontrou-se com Maria Madalena depois da sua morte, junto ao sepulcro. Jesus disse ao criminoso arrependido na cruz ao lado da sua: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43). A morte pode nos separar temporariamente dos nossos entes queridos, mas a ressurreição de Cristo voltará a nos reunir.

4. As nossas Esperanças e os nossos Sonhos Pessoais não se Realizarão

Quando morremos, os nossos objetivos morrem conosco. Não podemos continuar a construir os nossos sonhos. A morte encerra os nossos melhores planos.

No entanto, não há nenhuma evidência que sustente essa teoria. Na verdade, é mais exato dizer que no céu todos os nossos sonhos e esperanças serão realizados. C. S. Lewis sugeriu que estar com Deus e amá-lo é o que está na raiz de todos os desejos, que tudo o que ansiamos terá o seu cumprimento legítimo na nossa nova vida. As nossas esperanças e sonhos se originam das habilidades que Deus nos deu. Trabalhamos para cumpri-los nesta vida.

5. Com a Morte, Deixamos de Existir

Tememos que a morte possa significar o fim de tudo. No entanto, a verdade é que a vida após a morte existe em abundância para os que morrem confiando em Cristo. Para ter confiança nesta verdade, devemos examinar a evidência de que existiremos depois da morte. E essa evidência, como veremos na seção final deste livro, sustenta de maneira incontestável a ressurreição física de Jesus há dois mil anos em Jerusalém.

6. A Morte É Inevitável

Mesmo com os avanços científicos que

prolongam a duração de nossas vidas, todos nós morreremos. Até mesmo Matusalém, o patriarca do Antigo Testamento, que viveu quase mil anos, acabou sucumbindo à morte. A Bíblia nos fala de algumas poucas pessoas, como Lázaro, que foram trazidas dos mortos, mas todas elas, com a exceção de Cristo, morreram outra vez. Ninguém consegue escapar à inevitabilidade da morte.

Talvez, porém há mais fatores na equação. Embora seja verdade que não podemos evitar a realidade da morte, a inevitabilidade não é necessariamente uma razão para temer a morte. Sim, ela virá, mas passaremos por ela e sairemos em segurança nos braços de Jesus do outro lado. Assim, sobre a morte podemos dizer alegremente o que o apóstolo João disse em Apocalipse 22.20, o versículo mais tranquilizador de toda a Bíblia: “Vem, Senhor Jesus”.

Frequentemente a morte chega de maneiras que nunca teríamos esperado. Essa incerteza debilita até mesmo aos que creem em Jesus. Apesar da nossa crença, podemos ainda lutar com a dor emocional

da morte. Ninguém espera o telefonema no meio da noite dizendo que um ente querido morreu em um acidente de carro. Não estamos preparados para o diagnóstico de câncer proferido contra uma irmã pequena. Não podemos compreender plenamente a realidade de que a morte irá nos tocar de uma maneira muito íntima. A Bíblia nunca promete alívio dos aspectos emocionalmente difíceis da morte. E a expectativa do céu não nos livra das nossas apreensões com respeito aos aspectos desconhecidos da nossa imortalidade, mas pode ajudar a minimizar o temor que a morte nos traz, colocando-a em um contexto mais amplo e vendo-a de uma nova perspectiva. Compreender verdadeiramente o que a Bíblia diz sobre a ressurreição pode nos libertar do temor da nossa jornada final para o outro lado da eternidade.

Uma das mais poderosas verdades sobre a ressurreição nos diz que o céu é um lugar real, que nos espera depois da morte. A morte não é o fim, é apenas o princípio. Ela pode ser considerada como a entrada para a vida eterna.

Mas o conhecimento de que o céu é real e espera por nós pode nos deixar com mais perguntas do que

respostas. Naturalmente, desejamos saber o que vivenciaremos na eternidade, e muitos adquiriram noções equivocadas ao longo do caminho.

Isaac Asimov, autor de ficção científica, expressou a atitude que muitos têm sobre o céu quando escreveu: "Eu não creio na vida após a morte, de modo que não tenho que passar a minha vida inteira temendo o inferno ou temendo o céu ainda mais. Pois quaisquer que sejam as torturas do inferno, penso que a monotonia do céu seria ainda pior".[2] Infelizmente, uma visão similar da vida após a morte é comum entre muitos cristãos. Muitos pensam no céu como um culto religioso prolongado, monótono, sem inspiração. Ou o consideram um lugar onde estaremos perambulando entre as nuvens, em vestes longas e brancas tocando harpas. Essas imagens do céu não são atraentes. Quem é que quer passar a eternidade andando em uma veste que se usa em um coral, entediado até às lágrimas? De alguma maneira, a nossa imagem do céu ficou distorcida, e a perspectiva da vida após a morte não capturou as nossas imaginações nem transformou a nossa vida.



O céu é um lugar real que nos espera depois da morte. Cada um de nós, naturalmente, deseja saber o que vivenciaremos na eternidade, mas muitos adquiriram noções equivocadas ao longo do caminho. Muitos pensam no céu como um culto religioso, prolongado, monótono, sem inspiração. Ou o consideram um lugar onde estaremos perambulando entre as nuvens, em vestes longas e brancas tocando harpas. Essas imagens não são atraentes. De alguma maneira, a nossa imagem do céu ficou distorcida, e a perspectiva da vida após a morte não capturou as nossas imaginações nem transformou as nossas vidas.



Eu [Sean] perguntei recentemente aos meus alunos o que fariam se tivessem apenas três dias de vida, antes de morrer e ir para o céu. Como passariam esses poucos dias restantes? As respostas incluíram saltos de paraquedas, viajar, surfar, e (naturalmente) sexo. Propus, então, uma pergunta simples: "Então, vocês pensam que pode haver prazeres e experiências nesta vida que se não tiverem antes de morrer, os perderão completamente porque não existem no céu?" Todos os estudantes responderam que sim, exceto dois. A perspectiva do céu os desanimava e desapontava. Ela simplesmente não capturava a sua imaginação, e eles temiam a ideia de ir para lá. Poderia acontecer a mesma coisa conosco?

Essa falta de perspectiva eterna prepara os nossos jovens para o desencorajamento e o pecado. Pensamos que, se não tivermos agora determinados prazeres, a nossa oportunidade estará perdida e nunca os teremos. Assim, uma vez que Deus os perdoará, por que não gratificar os nossos desejos? Com essa mentalidade, não é de admirar que tantos

cristãos mergulhem na busca do sexo, dinheiro, drogas e popularidade. Pensamos que encontraremos prazer e satisfação nessas atividades que nos serão negadas no céu. Adotamos essa atitude porque trazemos em nossa mente uma imagem equivocada de como é realmente o céu.

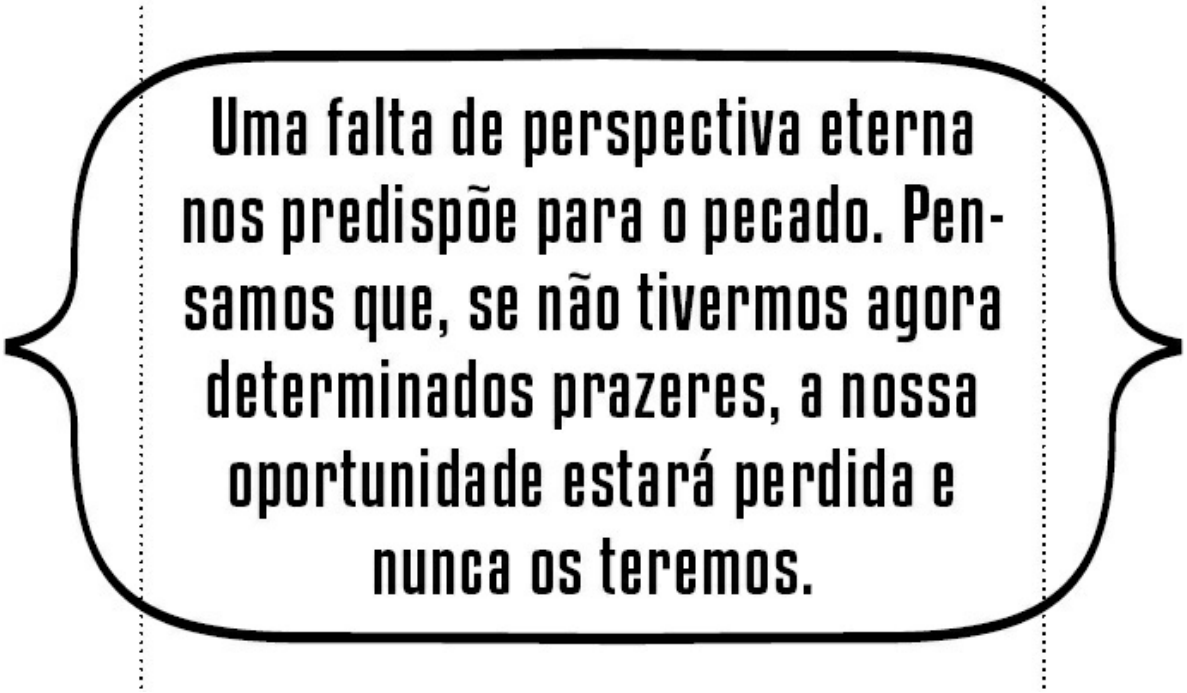
> O jumento era um animal velho e teimoso, lento de corpo e obstinado de espírito, mas Saulo encontrava poucos defeitos no animal. Eram semelhantes de muitas maneiras. Ele se sentava no lombo do jumento quando andavam debaixo do sol, deixando nuvens marrons de poeira pelo caminho. Atrás de Saulo cavalgava um pequeno contingente de homens enviados pelo Sinédrio para executar a sua tarefa. O pequeno grupo guardava pensamentos e palavras para si mesmos enquanto viajava pela estrada agitada para Damasco.

Nas costas do jumento havia uma mochila de

couro, cheia de pergaminhos. Ocasionalmente, Saulo passava a mão pela mochila e a tateava, feliz e ansioso por cumprir as ordens que ela continha.

Tudo começou com Estêvão, pensava ele, com os olhos semicerrados pelo sol. *Esses seguidores de Cristo estão apenas recebendo o que merecem.*

Ele sorriu astutamente à medida que lhe vinham as lembranças: comparecendo diante do Sinédrio e se deleitando com os elogios que lhe ofereceram pela morte de Estêvão, a emoção que sentiu quando liderou uma batida em Jerusalém para expulsar os venenosos seguidores de Cristo da cidade, e uma satisfação especial com a certeza de que dúzias de homens e mulheres haviam encontrado o seu destino fora das portas da cidade como Estêvão, enquanto muitos outros estavam na prisão famintos e sendo espancados.



Saulo concordou com a cabeça, contemplando o poder que tinha recebido do Conselho para continuar a limpeza não apenas em Jerusalém, mas também em Damasco. Ele levantou uma das mãos e cobriu os olhos ao examinar os arredores. Agora estavam na periferia da cidade. A estrada passava em meio a bosques de oliveiras e verdes pastagens pontilhadas de ovelhas brancas. Havia pequenas casas espalhadas pelo campo comprovando que Damasco estava próxima.

Enquanto o jumento avançava lentamente, puxando as rédeas e zurrando ocasionalmente, gotas de suor começaram a se concentrar no semblante de

Saulo. O sol estava em uma curva descendente em direção ao horizonte, mas parecia que a luz e o calor aumentavam em vez de diminuir. Ele limpou a testa e olhou para o lado, tentando evitar a luz penetrante.

Duas coisas aconteceram a Saulo ao mesmo tempo: o seu jumento parara no meio da estrada tremendo de medo, e a luz que descia sobre ele não vinha do céu. Em vez de quente e amarela, a luz era brilhante e branca. Embora ele tentasse se afastar, a luz enevoou a sua visão, apagando a estrada, a colina e as oliveiras dos dois lados da estrada, e ele simplesmente não viu mais nada. E então o estúpido animal parou, derrubando Saulo. Ele caiu no chão com um golpe, expelindo o ar dos pulmões, e tateou pela estrada tentando respirar enquanto procurava se levantar e se orientar.

Os homens gritaram, e os jumentos pisaram pesadamente na terra seca atrás dele quando os seus companheiros de viagem pararam. Mas Saulo não sentiu medo até ouvir a voz.

“Saulo”, disse a voz, alta e imponente. “Saulo, por que me persegues?”

Ele se pôs de pé desajeitadamente, piscando e esfregando os olhos. Mas não viu nada, senão um

vazio branco. “Quem és?”, murmurou enquanto girava no meio da estrada.

“Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer.”

Instantaneamente a luz se apagou, mas a visão de Saulo não retornou. Em vez de a luz que o cegava antes, a escuridão caiu sobre ele, profunda e impenetrável.

Os seus companheiros começaram a correr pela estrada atrás dele, segurando os jumentos aterrorizados e apanhando sacolas e bolsas.

“Vocês ouviram isso?”, perguntou um deles. “A voz afirmava ser Jesus. Mas...”, sua voz sumiu.

“Ele está morto”, concluiu outro. “Eu o vi na cruz naquele dia. Não havia como Ele ter sobrevivido. Nunca vi um açoitamento como aquele.”

“Eu não pude ver nada, mas nunca esquecerei o que ouvi. Era Jesus falando conosco.”

Saulo ouviu essa conversa, ainda esfregando os olhos e tentando recuperar a visão. “Ajudem-me”, finalmente ordenou, estendendo as mãos à frente, “não consigo ver nada”.

Sem saber o que mais poderiam fazer, tomaram a

sua mão e o conduziram pelo resto do percurso até a cidade. Em vez de atacar, como soldados romanos durante uma conquista, encontraram uma hospedaria e pagaram por um quarto.

Durante três dias, Saulo ficou na escuridão sem comida, água ou paz. Em vez disso, apoiava-se contra a parede com os olhos abertos, mas sem ver, e esperava. Os seus lábios se moviam silenciosamente em oração, murmurando as palavras da Torá, e recitando salmos memorizados há muito tempo desde a sua infância.

Saulo dormia e acordava, combatendo pesadelos e o desespero cego. No terceiro dia, permaneceu na cama, deitado de costas, mergulhado nas trevas ao seu redor. Sem visão, não sabia distinguir se estava acordado ou dormindo. E foi nesse momento que lhe veio o sonho, não os pesadelos perturbadores cheios de rostos de cristãos perseguidos, mas um único homem de nome Ananias. Nesse sonho o homem andava pela sala, colocava as mãos sobre os olhos de Saulo e orava palavras simples de cura. O sonho foi muito curto, e logo Paulo acordou.

Pouco depois, uma batida ressoou à porta e ele ouviu os passos arrastados do dono da hospedaria raspando o chão e abrindo a pesada porta de madeira. As vozes estavam abafadas, mas ele se esforçou para ouvir.

— Procuro Saulo de Tarso — disse um homem, com palavras hesitantes.

— Eu creio que tu, dentre todos os homens, deverias evitá-lo, Ananias.

— Eu não venho aqui voluntariamente; tive uma visão de Jesus.

Saulo se inclinou para frente ansiosamente.

— Essa conversa pode matar-te — sussurrou o dono da hospedaria. — Toma cuidado; esse homem não é inofensivo.

A voz de Ananias se elevou, insistente:

— Eu te digo, Judas. Ele me apareceu em um sonho e disse: “Levanta-te, e vai à rua chamada Direita. Pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso chamado Saulo, pois eis que ele está orando. Numa visão ele viu que entrava um homem chamado Ananias e punha sobre ele a mão para que tornasse a ver.

Saulo engasgou, repentinamente atordoado.

“Impossível. Como esse homem pode saber do meu sonho?”

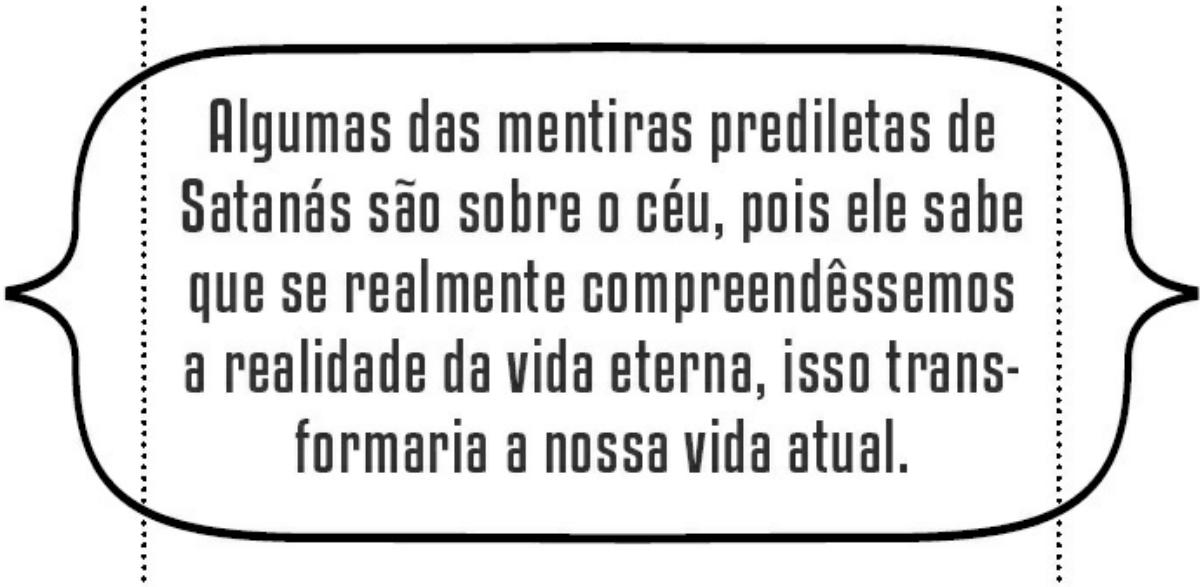
Ananias riu nervosamente do lado de fora. “E sabe o que eu fiz? Discuti com Ele. Você pode acreditar nisso, Judas? Eu realmente disse a Ele: ‘Senhor, não podes estar falando sério. De muitos ouvi acerca deste homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém! E aqui tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome’. Bem, Jesus acabou com essa discussão rapidamente. Ele me disse que não discutisse, e continuou: ‘Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel. E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome’.

Judas arrastou os pés e disse: “Sabe, eu não creio nos boatos de que esse Cristo ressuscitou depois de três dias. Mas você me fez pensar no assunto, Ananias”.

“Oh, Ele está vivo. Pode acreditar nisso, Judas. E não sei o que quer com Saulo de Tarso, mas pode acreditar que é algo importante. Por isso, deixe-me entrar.

O coração de Saulo começou a bater mais forte

quando os dois homens se moveram diante da sua porta. Então ele ouviu o ruído no trinco e os passos dos homens que se aproximavam da cama. Recordou os olhares de terror que vira quando ele e seus companheiros invadiam casas em Jerusalém, aterrorizando pessoas desprevenidas e arrastando-as à prisão no meio da noite. E agora ele mesmo estava cego e impotente diante de um dos seguidores de Cristo.



Embora tivesse sonhado que isso iria acontecer, Saulo se perguntava se Ananias viera para matá-lo. Somente quando sentiu a suavidade e o calor de

mãos sobre os seus olhos, Saulo conseguiu compreender plenamente o quanto subestimara não apenas o próprio Cristo, mas também os que o seguiam.

"Irmão Saulo", sussurrou Ananias, "o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo".

Mal essas palavras deixaram a boca de Ananias, Saulo piscou e uma crosta espessa e amarelada caiu de seus olhos. Pela primeira vez em três dias ele pôde ver. Lentamente, Saulo se levantou da cama, fraco pela fome, olhando para os dois homens.

"Finalmente compreendo quem é esse Jesus", disse ele, encontrando força nas palavras. "Ele não está morto, mas vive neste exato momento. Creio que Ele é o Messias. Você pode me batizar?"

Em seu livro *Heaven*, Randy Alcorn demonstra que uma visão não bíblica do céu se infiltrou profundamente na igreja. Na verdade, ele diz que

algumas das mentiras favoritas de Satanás são sobre o céu, pois ele sabe que se nós realmente compreendêssemos a realidade da vida eterna, isso transformaria a nossa vida atual.[3] Se entendêssemos o que está à nossa espera, teríamos uma perspectiva eterna a partir da qual considerar o mundo atual, e isso nos daria muito mais resolução e coragem para viver de forma piedosa aqui e agora.

Muitas pessoas creem que no céu não teremos corpos físicos. Quando o apóstolo Paulo (também conhecido como Saulo de Tarso) descreveu a nossa própria ressurreição, disse:

> ... porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. (1 Co 15.52-54)

Paulo não nos diz que seremos espíritos sem corpo flutuando por aí. Na realidade, ele nos diz exatamente o oposto. Teremos corpos — corpos reais, como os que temos agora. Não sentiremos mais os danos causados pelas doenças da velhice e da morte, e nunca morreremos.

Você já se perguntou por que a Bíblia fala de uma nova terra, além de um novo céu? Se vamos para o céu, por que ter uma nova terra? O livro do Apocalipse apresenta a nova terra como um lugar físico onde Deus e o seu povo vivem juntos. Em Apocalipse 21, João nos diz que vê uma terra recriada, e então ele vê a cidade santa de Deus que desce à terra. Então João diz o seguinte:

> E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas. (Ap 21.3,4)

Com razão, chamamos de "céu" essa nova existência, porque é isso o que será essa nova terra. Mas não parecerá com o céu de Isaac Asimov, ou com o de muitos de nossos companheiros cristãos.

O mundo em que vivemos agora nos oferece um vislumbre das alegrias e dos prazeres que vivenciaremos ali. Randy Alcorn explica: "Durante toda a nossa vida estivemos sonhando com a nova terra. Sempre que vemos beleza na água, no vento, em flores, em animais, homens, mulheres, ou crianças, vislumbramos o céu. Como o jardim do Éden, a nova terra será um lugar de prazeres sensoriais, beleza estonteante, relacionamentos satisfatórios e uma alegria pessoal".[4] Não viveremos em um ambiente estéril nem flutuaremos entre nuvens intermináveis sem nada para fazer. Viveremos em uma terra totalmente nova — como esta, mas com a diferença de que ela estará livre de tempestades, terremotos, secas, inundações e outros desastres.

Antes da Queda, desejávamos Deus mais do que qualquer outra coisa, e o relacionamento com Ele era a fonte de nossa maior alegria. Agora lutamos contra o mal, porque uma serpente maligna tentou

os nossos primeiros pais para que deixassem a vontade de Deus. E a partir daquele momento, os nossos desejos se distorceram, e nós os usamos para satisfazer a nós mesmos.

Mas cada um dos nossos desejos tem uma satisfação legítima. Deus não nos deu desejos errados. Ele os tornou prejudiciais, quando os usamos de forma errada. Deus quer satisfazer todos os nossos desejos, seja no céu, seja consigo mesmo.

Lembre-se apenas do seguinte: Não podemos ver tudo com respeito à nossa existência futura no céu, mas podemos ter certeza de que Deus nos criou para sentir prazer. Ele criou a terra para o nosso deleite e prazer. Por nos amar profundamente, quer que sintamos todos os prazeres que originalmente tencionou que tivéssemos.



Quase sempre é difícil compreender uma história até que se chegue ao final dela. O fim junta todas as

indicações, pistas, segredos, mal-entendidos, mistérios e eventos que não pareciam fazer sentido no início.

Deus escreveu a história da humanidade. Ele levou em consideração o livre-arbítrio que deu aos personagens da história, e embora Adão e Eva tivessem, aparentemente, arruinado o enredo da história na página inicial, Deus apenas ajustou a trama e acrescentou eventos para produzir o final feliz que tinha em mente desde o início. Para nós — os personagens que se encontram em alguma parte na trama ainda não concluída — a história pode nem sempre fazer sentido. Não conseguimos ver como o capítulo em que estamos agora se relaciona com o final do livro. Mas a verdade é que ainda temos um papel importante a desempenhar na história.

Deus deseja restaurar um mundo amaldiçoado e destruído à sua beleza e perfeição originais. Cada crente em Cristo, independentemente de sua idade, tem um papel a desempenhar na restauração do nosso mundo e nossa sociedade.

Como Deus nos usará para realizar essa restauração? Ele se disponibilizou para viver em nós

dando-nos o poder para fazer a sua vontade na terra. No entanto, andamos em campos de batalha em que a natureza pecaminosa e o Espírito de Deus lutam pelo controle. É por isso que Ele nos deu um grupo de outros crentes nos quais podemos confiar chamados "a Igreja".

Se alguma mensagem deve ressoar nesta geração, é a de que temos um propósito. Não estamos aqui por acidente. Há algo que podemos fazer para tornar o mundo melhor. Todos nós desejamos ser parte de uma história maior que nós mesmos.

Uma jovem escreveu um poema para mim (Sean), depois de me ouvir falar em autoimagem. Com o título de "A Máscara", esse poema diz que o rosto sorridente que as pessoas veem nela — os olhos que brilham, a voz que parece feliz — são apenas uma máscara. Ela diz que está perdida, confusa e amedrontada, e embora tenha amigos, não sente que faz realmente parte do meio deles. O verso final diz que o dia em que sentir que realmente faz parte desse meio, será o dia em que deixará de fingir — e deixará de usar a máscara. Vi nesse intenso poema o anseio de fazer parte de um grupo de pessoas amorosas com quem ela poderia se

relacionar e ter a sensação de realmente fazer parte e ser aceita. Para sobrevivermos em nossa fé, devemos estar equipados com uma perspectiva bíblica e pertencer a uma comunidade de crentes amorosos que apoiem uns aos outros e tenham a mesma missão na vida. O Deus de restauração nos deu exatamente isso: outros crentes que estão aqui para apoiar uns aos outros e tentar alcançar um mundo perdido, a fim de que possa conhecer a vida como Deus desejava que ela fosse. A história deste nosso mundo atual termina com a nossa entrada no glorioso futuro que Deus tem a nossa espera. O próprio Jesus nos prometeu isso: "Pois vou preparar-vos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também" (Jo 14.2,3).

Devemos viver na realidade da história completa, e não ficar atolados no meio do enredo. Podemos dar uma espiada em como a história termina. Não precisamos viver em suspense. Podemos viver com um propósito e fazer a diferença nas vidas ao nosso redor. Nós já vencemos.

Para sobrevivermos em nossa fé, devemos estar equipados com uma perspectiva bíblica e pertencer a uma comunidade de crentes amorosos que apoiem uns aos outros e tenham a mesma missão na vida.



Muitos anos haviam se passado desde que ele fora conhecido como Saulo. Nesses dias, os judeus, gentios e cristãos o chamavam simplesmente de Paulo. Ele preferia assim para dizer a verdade. O seu novo nome o lembrava da sua nova vida. Ele não mais era Saulo de Tarso, assassino de cristãos. Era simplesmente Paulo, seguidor de Cristo. Depois de passados tantos anos, ainda percebia a ironia da situação, e frequentemente se encontrava sorrindo

com a misericórdia e o plano de Deus.

Nesse estado de espírito estava Paulo naquele dia, em Atenas, quando falou no cume do Areópago. A cidade se espalhava abaixo dele como uma vinha, contorcendo-se e serpenteando pelo campo, cheia de vida e beleza.

Naquela manhã, em vez de fazer o seu passeio usual pela cidade, propositadamente Paulo andou em direção ao Areópago, uma grande rocha que se projetava da colina. Embora tivesse servido para muitos propósitos ao longo da história, nessa época a gigantesca rocha era um ponto de encontro onde os filósofos epicureus e estoicos debatiam suas teorias sobre os deuses. Eles convidaram Paulo a apresentar as suas ideias depois de um acalorado debate no dia anterior.

Esperaram por ele com todo zelo, quase naturalmente, enquanto ele subia de forma lenta até a áspera superfície rochosa de onde se via a Acrópole a poucos quilômetros de distância.

"Então, estrangeiro", instigaram eles, indo direto ao ponto. "Poderemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas? Coisas estranhas nos trazes aos ouvidos; queremos, pois, saber o que vem a ser

isso.”

Assim, Paulo se sentou na área aberta do Areópago e explicoulhes. “Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse, pois, que vós honrais não o conhecendo é o que eu vos anuncio.”

Ouviam pacientemente enquanto ele continuava. “O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens. Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas; de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação, para que buscassem ao Senhor, se, porventura, tateando, o pudessem achar, ainda que não está longe de cada um de nós; porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração. Sendo nós, pois,

geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens. Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam, porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos.”



Deus deseja restaurar um mundo amaldiçoado e destruído à sua beleza e perfeição originais. Cada crente em Cristo, independentemente de sua idade, tem um papel a desempenhar na restauração do nosso mundo e nossa sociedade.

Como Deus nos usará para realizar essa restauração? Ele se disponibilizou para viver em nós dando-nos o poder para fazer a sua vontade na terra. No entanto, andamos em campos de batalha em que a natureza pecaminosa e o Espírito de Deus lutam pelo controle. É por isso que Ele nos deu um grupo de outros crentes nos quais podemos confiar chamados "a Igreja".

Se alguma mensagem deve ressoar nesta geração, é a de que temos um propósito. Não estamos aqui por acidente. Há algo que podemos fazer para tornar o mundo melhor. Todos nós desejamos ser parte de uma história maior que nós mesmos.

Quando os epicureus e os estoicos ouviram Paulo dizer que Jesus ressuscitara dos mortos, começaram a rir e se afastar dele, ridicularizando o judeu louco. Mas Paulo não os chamou de volta, nem tentou argumentar.

"Acerca disso o ouviremos outra vez", disse um acadêmico grego a seus companheiros enquanto desciam da colina. Ele se virou para olhar para Paulo uma última vez, e o cumprimentou polidamente com a cabeça enquanto seguia seus amigos.

Paulo observou a multidão que desaparecia e respirou fundo. "É assim em Atenas", murmurou, enquanto ele também ia embora. "Que alguns deles se lembrem, Senhor. Que alguns deles venham a conhecer-te."

"Perdão", disse uma mulher, dando um tapinha no ombro de Paulo.

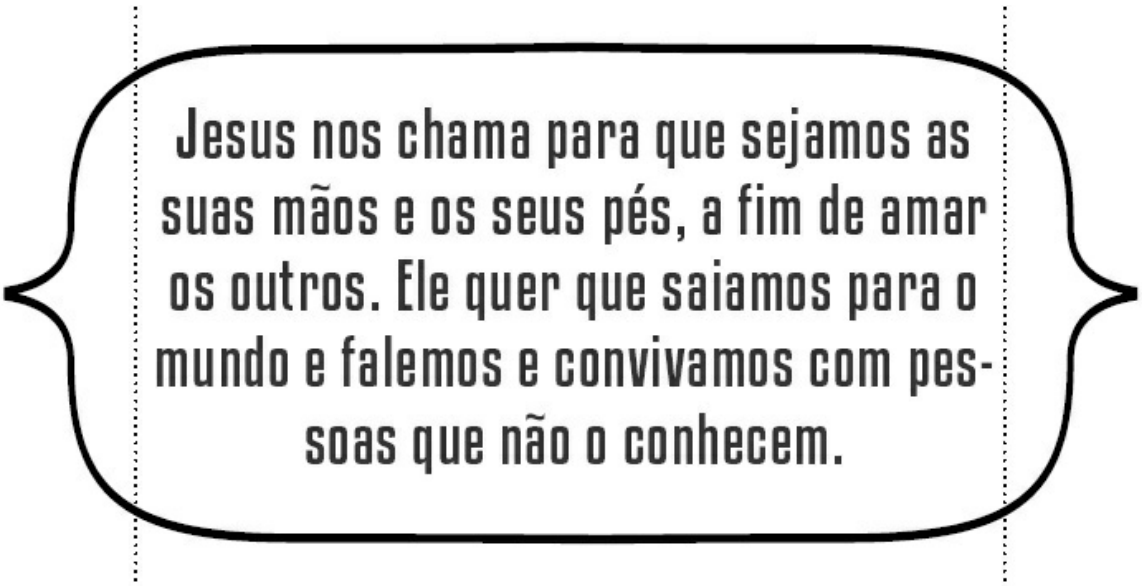
Ele se virou e viu uma jovem com olhos curiosos e um sorriso brilhante. "Meu nome é Dâmaris e eu estava ouvindo as suas palavras com meu amigo Dionísio. Queremos ouvir mais."

"Eu adoraria vos contar", disse Paulo, fechando

os olhos e oferecendo uma silenciosa oração de agradecimento.

Quando missionários entram em uma nova cultura, estudam essa cultura, ouvem as pessoas e tentam compreender os seus valores. Passam algum tempo conhecendo as pessoas e construindo pontes de relacionamento. Fazem perguntas como: "Em que eles creem?", "Como pensam?", "O que sabem sobre o cristianismo?" Os missionários não adotam a cultura estrangeira, mas procuram entender as pessoas para encontrar uma abertura para o evangelho.





Não precisamos criar uma subcultura cristã, focada no interior, mas devemos ser o sal e a luz para o nosso mundo. O sal torna a comida mais apetitosa e atraente, e a luz atrai as pessoas. Jesus nos chama para que sejamos as suas mãos e os seus pés, a fim de amar os outros. Ele quer que façamos exatamente o que o apóstolo Paulo fez: sair para o mundo e falar e conviver com pessoas que não conhecem a Jesus.

Provavelmente você conhece muitas pessoas que têm uma percepção muito negativa da igreja. Em *They Like Jesus but Not the Church*, livro que abre realmente os olhos de seus leitores, o pastor Dan Kimball relaciona seis percepções comuns que a nossa geração tem da igreja cristã:

1. A igreja é uma religião organizada com uma programação política.
2. A igreja é crítica e negativa.
3. A igreja é dominada pelos homens e oprime as mulheres.
4. A igreja é homofóbica.
5. A igreja declara com arrogância que todas as religiões são erradas.
6. A igreja está cheia de fundamentalistas que interpretam toda a Bíblia de forma literal.[5]

David Kinnaman, presidente do Barna Research Group, chegou a conclusões similares em seu recente livro, *unChristian*: Pessoas não cristãs tiveram que descrever se percebiam as igrejas como ambientes de amor onde os indivíduos se sentiam amados e aceitos de modo incondicional, independentemente de sua aparência ou do que faziam. Infelizmente, apenas *uma pessoa* em cada cinco considerava os cristãos dessa maneira. Kinnaman disse: "Apenas uma pequena porcentagem dos não cristãos tem convicção de que os títulos 'respeito, amor, esperança e confiança' descrevem o cristianismo".[6]

Como é triste que o mundo pense isso de nós. Mas como podemos transformar uma crença tão arraigada? Como sempre, a melhor maneira de transformar essas concepções equivocadas é por meio de relacionamentos. Paulo transformou o seu mundo criando amizades com pessoas que não conheciam a Jesus. Se nós, como cristãos, não construirmos amizades genuínas com descrentes, eles nunca saberão como são os cristãos.

O mundo é um campo missionário, e Deus nos chamou para que fôssemos seus embaixadores pessoais. Devemos dizer às pessoas, como Paulo disse, que Jesus ressuscitou dos mortos e oferece a todos uma nova vida. Mas não podemos apenas pregar essa verdade; precisamos demonstrar o exemplo de Cristo de amor sacrificial uns aos outros e ao mundo que está lá fora.

E não podemos gritar essa mensagem a distância. Em vez disso, devemos transmiti-la de maneira íntima e pessoal. Precisamos seguir o exemplo de Jesus, que foi conhecido como amigo dos publicanos e pecadores, e construir relacionamentos com pessoas que se sentiam excluídas da igreja. Jesus não se limitou a simplesmente anunciar o

Reino de Deus; Ele demonstrou a realidade desse Reino alimentando os pobres, curando os enfermos e servindo os excluídos.

Em um nível pessoal, podemos considerar isso desta maneira: Quem na sua vida não se encaixa? Faça amizade com essa pessoa. Faça a diferença nessa vida. E então faça isso outra vez. E outra vez ainda. Viva onde você estiver com um propósito.

Para a Igreja Primitiva, a fé na ressurreição significava mais do que apenas olhar à frente, para o fim da história. Na verdade, a crença deles na ressurreição fez com que participassem da promoção e divulgação do enredo, e participassem da restauração de Deus, reivindicando o mundo atual para o seu Reino. Embora eles fossem poucos, confiavam em um Deus poderoso. Reivindicaram o mundo para Deus tanto em ações como em crença. Se desejarmos ser fiéis a Jesus, como poderemos fazer algo menos do que isso?

Um aluno veio falar comigo [Sean], arrasado pelo seu vício de pornografia pela internet. Estava profundamente envergonhado pela sua incapacidade de se controlar. Tremendo visivelmente, olhou-me nos olhos e disse: “Consigo controlar todas as áreas

da minha vida, menos essa. Estou muito envergonhado". Eu o encorajei a aceitar a graça de Deus e a perceber que ele não tinha que lutar sozinho contra isso, e, na verdade, nem poderia. A ressurreição de Cristo demonstrou que nenhum pecado é terrível demais para ser perdoado. Se Deus é grande o suficiente para perdoar Paulo por matar homens e mulheres cristãos, Ele é grande o suficiente para perdoar qualquer coisa.

Naturalmente, estar livre da nossa culpa não quer dizer que não mais precisamos obedecer aos mandamentos de Deus. Aceitar o que Cristo fez por nós deve nos motivar a desejar a obediência em vez da rebelião. Quando compreendermos o significado e a importância do que Cristo fez por nós na cruz, nossas vidas serão transformadas. E um coração agradecido procura agradar, e não ferir nem se esconder.



Corpos apodrecem na prisão muito tempo antes que a morte venha reclamá-los. Um sorriso amargo

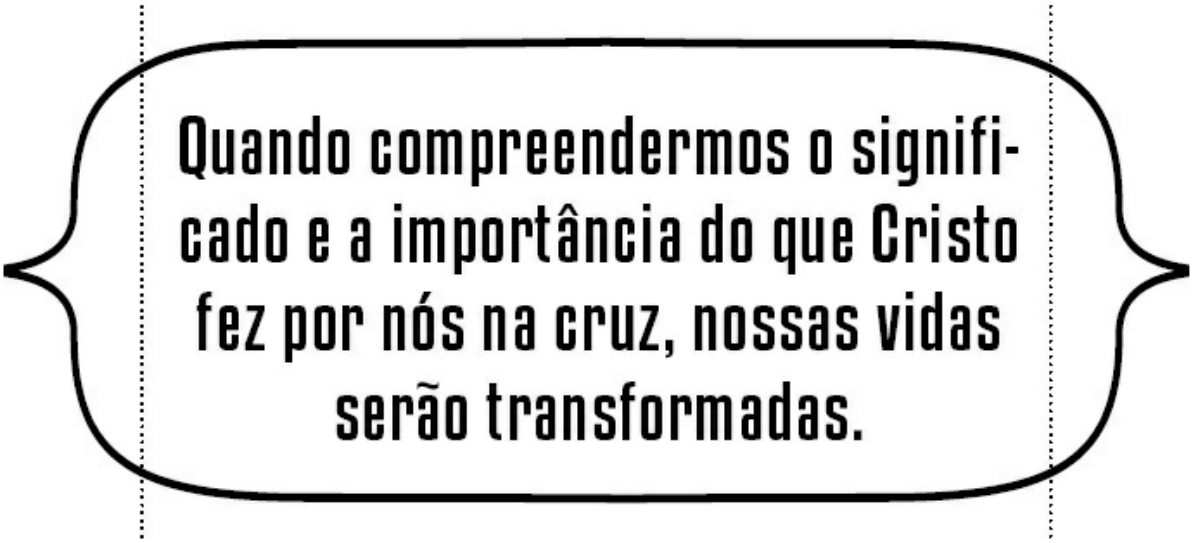
distorceu os cantos da boca de Paulo quando olhou para as pernas magérrimas que surgiam debaixo de seu manto. Ninguém discutiria que ele nunca fora muito atraente; mas agora, no final da sua vida, simplesmente não havia nada mais para ver nele. A pele pálida se pendurava de ossos frágeis. O pouco cabelo que ainda restava se amontoava em sua cabeça quase calva. Os seus olhos estavam fundos e lhe faltavam dentes. O seu manto sujo e esfarrapado constantemente ameaçava cair ao chão por falta de carne sobre os seus ossos.

E ainda assim, sentado 9 metros abaixo do nível do solo, em uma prisão romana, úmida e infestada de insetos, Paulo se sentia mais vivo do que em qualquer outra época da sua vida. Esse corpo que o envolvia em velhice e doença logo seria despido e ele não mais precisaria lutar com as armadilhas de uma estrutura mortal. A morte estava muito próxima, e com ela, viria a vida.

A notoriedade da prisão de Nero era conhecida por todo o mundo. Pouco mais do que uma cela de espera para os que morreriam nas mãos de gladiadores ou seriam convertidos em comida de leões, ela se tornou um lugar temido por todos os

que se encontravam encarcerados nela. Encontrar-se à luz do dia normalmente significava uma curta jornada até o Coliseu e uma morte horrenda diante da multidão.

E assim, Paulo esperava, sozinho e faminto. O seu único consolo eram as cartas que escrevia aos que tinha conhecido em suas viagens, homens e mulheres que tentavam viver comprometidas com Cristo. Amigos e discípulos recolhiam as cartas e as transportavam para ele, frequentemente deixando-o com penas e papiros novos.



Mas por alguma razão ele não tomou do papel em sua cela e não começou uma nova epístola. Ontem mesmo, enviara a seu grande amigo, Timóteo, outra carta, e agora via que lhe faltavam palavras. Este era

um dia a passar sossegado.

"Pois o que ouço, Senhor?", disse ele, ansiosamente para a cela vazia. "Será este o dia em que me levarás para casa?"

O pensamento acalmou o coração de Paulo. "Casa", murmurou outra vez, mas a sua mente não estava na distante cidade de Tarso, e sim no céu pelo qual ansiava. Ele assentiu lentamente com a cabeça, com os olhos quase fechados, enquanto tentava imaginar, em sua mente finita, as glórias que esperavam por ele, atrás do véu da morte. "Sim, Senhor, que o dia seja hoje."

Ele percebeu que adormeceu, mas despertou algum tempo depois com o som de barras de ferro contra o chão de pedra. Antes que pudesse abrir os olhos, para ver quem havia entrado em sua cela, mãos rudes agarraram seus braços, e o ergueram do chão como uma boneca de criança. Sem uma palavra, os dois soldados o arrastaram da prisão.

O que irá acontecer?, pensou ele, respirando fundo e preparando-se. *Comida para os leões? Alvo para os gladiadores? Talvez até mesmo uma tocha*

humana, conforme a vontade e o capricho de Nero? Não importa. Esse fim será apenas o princípio.

Contudo, os guardas não levaram Paulo ao Coliseu. Em vez disso, foi levado para fora da cidade pelas portas dos fundos e conduzido para o acampamento militar romano.

"*Capitis Amputatio*", gritou um dos guardas, atraindo a atenção de um grande homem que estava no centro de uma grande cova.

Morte por amputação. Decapitação. Essa misericórdia para mim, Senhor? Uma morte rápida, quando eu trouxe tanta dor a tantas pessoas na minha vida? Tu me deste algo muito melhor do que eu merecia.

Paulo levantou os olhos e contemplou uma faixa de um céu azul aparentemente infinito. E sorriu.

Os guardas o atiraram na cova e prenderam suas frágeis pernas ao grande bloco de madeira que estava no meio da trincheira.

"Dispa-o e açoite-o", ordenaram ao executor, e então saíram e voltaram para prisão sem olhar outra vez para Paulo.

Sem uma palavra, o executor despiu as vestes

imundas de seu corpo e examinou com desgosto a pele flácida e os ossos protuberantes. Embora não estivesse acostumado à misericórdia, até mesmo ele podia ver que havia pouca serventia em açoitar esse velho. No entanto, fez o que lhe fora ordenado.

Nos últimos momentos de sua vida, Paulo pensou naqueles que haviam partido antes dele. Lembrou-se do olhar no rosto de Estêvão quando estava corajosamente diante dos que o acusavam de heresia. Pensou nos homens e mulheres que ele mesmo havia mandado matar. Pensou nos filhos que deixara órfãos. Contudo, mais do que qualquer outra coisa, enquanto a vara caía sobre as suas costas repetidas vezes, Paulo pensou em um homem chamado Jesus, que suportou tudo isso e ainda mais por causa dele, a fim de que pudesse conhecer a vida após a morte.

Paulo não gritou. Não lutou, não resistiu. Simplesmente se deitou sobre o bloco de madeira e esperou. Depois de alguns momentos, o executor desistiu, não tendo tido nenhum prazer nessa tarefa em particular. Paulo o ouviu sacar a espada da bainha à sua cintura. Ele deu mais uma olhada para o céu azul perfeito, e sorriu, enquanto a espada

romana silvava pelo ar.



Com frequência a maneira mais eficaz de executar a missão de restaurar um mundo perdido para Jesus é quando suportamos tempos de crise ou sofrimento. A maioria pode expressar amor, alegria, paz e paciência quando a vida vai bem; mas quantas pessoas expressam gratidão, coragem e otimismo em meio a uma tempestade? Quando chega a tragédia, quando estamos sofrendo ou sendo maltratados e ainda temos alegria, as pessoas prestam atenção e observam isso. Enquanto apodrecia em uma prisão romana, o apóstolo Paulo escrevia cartas de esperança e encorajamento aos seus amigos. Quatorze dessas cartas foram tão apreciadas pela Igreja Primitiva que se tornaram livros da Bíblia. Paulo usou esse período de sofrimento com um propósito.

Como crentes em Jesus Cristo, devemos estender a graça de Deus aos outros e ser exemplos do amor e do perdão de Cristo. O nosso mundo precisa

enxergar tudo o que Jesus fez para nos reconciliar com Deus Pai. A nossa tarefa é ajudar as pessoas a deixar de se concentrar nos seus erros para aceitar o amor e o perdão de Deus.

Deus leva o perdão muito a sério. Jesus disse: “Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mt 6.14,15). Não podemos deixar de perdoar os outros, e andar em um relacionamento de comunhão com Deus. Mas se não tivermos recebido antes o perdão que Deus tem para nós, não poderemos verdadeiramente oferecê-lo aos outros.

Vivemos em uma era marcada pelo isolamento, pelo vazio e pela mágoa. Existem duas principais causas para a solidão que muitos sentem hoje: tecnologia e ausência dos pais. A nossa era presenciou progressos tecnológicos sem precedentes que beneficiaram muito o nosso mundo. Mas, infelizmente, essas mesmas invenções causaram muita solidão, desconectando-nos de Deus e uns dos outros. As pessoas passam muito mais tempo diante de seus computadores, ouvindo música, jogando

videogames e navegando na internet do que em relacionamentos face a face. Na obra *Generation Me*, a Dra. Jean Twenge observa que por causa da tecnologia "estamos desnutridos, pois comemos uma comida sem nutrientes de mensagens instantâneas, e-mails e telefonemas em lugar do alimento saudável da interação pessoal".[7]

A mais profunda fonte de solidão, no entanto, é a ausência dos pais. O maior problema do mundo de hoje não é a ameaça do terrorismo, da violência desenfreada ou a pobreza global. O maior problema que o mundo enfrenta é a falta de pais amorosos envolvidos na vida de seus filhos. Os filhos de pais ausentes ou negligentes crescem sem ter o amor profundo e global que todos desejam.

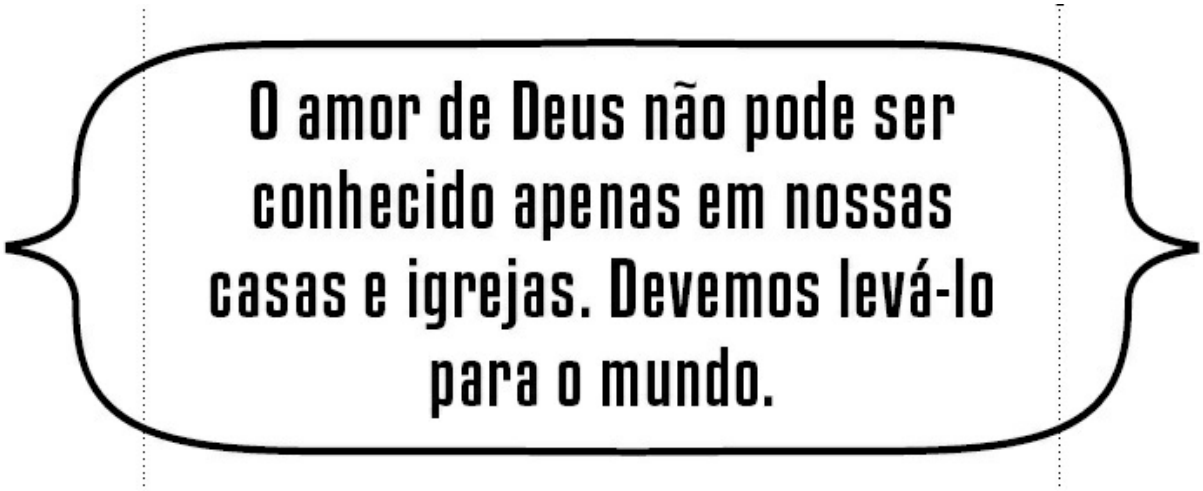
Segundo a revista *Divorce Magazine,* "Os lares sem pai respondem por 63% dos suicídios de adolescentes, 90% das crianças sem teto ou que fugiram de casa, 85% das crianças que apresentam distúrbios de comportamento, 71% das evasões da escola, 85% dos adolescentes na prisão e muito mais de 50% de mães adolescentes. O número de lares com apenas pai ou mãe cresceu vertiginosamente, deslocando muitas crianças neste país.

Aproximadamente 30% das famílias dos Estados Unidos agora são chefiadas apenas por um pai ou uma mãe. Em 80% dessas famílias, a chefe é a mãe. Os Estados Unidos são o líder mundial em número de famílias sem pai".[8]

A nossa cultura está se despedaçando porque há pouquíssimos pais que a mantêm. Muitos sabemos como é viver em uma casa com apenas pai ou mãe. Os que têm sorte suficiente para ter pai e mãe em casa ainda podem sentir a dor de pais que não se envolvem. Isso é uma epidemia na nossa cultura. Devemos nos lembrar de que Deus se chama Pai e que deseja que o conheçamos como tal. É por isso que o seu amor não pode ser conhecido apenas em nossas casas e igrejas. Devemos levá-lo para o mundo.

A fé bíblica é sempre traduzida em amar e servir aos que estão a nossa volta. Jesus demonstrou esse amor durante toda a sua vida. Ele tocou os intocáveis, amou os que não eram possíveis de amar, e se aproximou dos inacessíveis. Ele chorou por causa do mal, reagiu com ira à injustiça e sempre tinha tempo para os negligenciados. Ele via além das aparências externas e amava as pessoas de maneira

adequada às suas verdadeiras necessidades. Jesus deseja que amemos os nossos inimigos, que bendigamos os que nos perseguem e, finalmente, vençamos o mundo, com o tipo de amor que Ele nos mostrou na cruz.



Como seguidor de Cristo, o apóstolo Paulo tentou fazer a mesma coisa. Depois de todos esses anos, vemos o impacto que ele causou no seu mundo. É possível que Deus deseje nos usar também? A ressurreição de Cristo pode falar bem alto a este mundo por intermédio de nossa vida.

O ACONTECIMENTO QUE TRANSFORMOU A HISTÓRIA

Foi uma decisão acidental, mas assombrou Tomé durante vários dias. Ele saiu para um passeio naquela manhã de domingo. Ele se levantou cedo, muito antes dos demais, e saiu para o ar fresco da manhã. Começou a andar sem destino, e se viu algumas horas depois no lado de uma colina observando o sol nascer sobre Jerusalém. Apenas uma semana antes tinha visto Jesus entrar na cidade como um herói conquistador, e agora Ele estava sepultado em um sepulcro de pedra.

Com o passar das horas, Tomé contou suas tristezas como farpas em uma ferida. Seu estômago roncou de fome, e suas pernas adormeceram quando se sentou na pedra fria, e ficou imóvel. Com cada confissão de desapontamento as lágrimas vinham renovadas, e ele afundava ainda mais no desespero.

“Não devia ter sido assim”, resmungou Tomé, enterrando o rosto nos braços e permitindo que

soluços pesados sacudissem seu corpo. Chorou até que as suas lágrimas tivessem se esgotado e seus olhos estivessem vermelhos. Quando o sol começou a se pôr, levantou-se do chão e perambulou de volta à cidade, arrastando os pés e com o coração pesado. A noite já caíra sobre as ruas de Jerusalém como um cobertor espesso quando ele passou pelas portas da cidade. Mas havia uma eletricidade no ar, as pessoas sussurravam às portas, mas não se olhavam nos olhos, e os guardas romanos corriam pelas ruas pavimentadas com pedras com uma agitação maior do que a usual.

É assim que começa, pensou Tomé. *Logo eles prenderão a todos nós, e muito provavelmente morreremos como Jesus morreu.*

"Eu não tenho mais nenhum motivo pelo qual deva viver", murmurou ao se aproximar da casa de Pedro. Ele chegou até ao trinco da porta e fez uma pausa, ouvindo os sussurros no interior do local.

Tentou abrir a porta, mas estava fechada. "Que estranho", disse ele, puxando a porta com frustração. "Pedro nunca tranca esta porta." Então percebeu que todas as janelas também estavam fechadas. Tomé se encostou à parede e bateu com

os nós dos dedos contra a velha madeira.

Alguns segundos depois, a pesada porta se abriu e revelou a alta figura de Pedro. Tomé passou por ele rapidamente, com os olhos fixos no chão.

As mãos fortes de Pedro agarraram seus ombros, com os dedos mergulhando em sua carne. “Tomé”, gritou Pedro. “Vimos o Senhor. Jesus está vivo!”

Tomé olhou ao redor da sala, pela primeira vez, e viu seus amigos. Pouco antes, eram um grupo desesperado de seguidores de Cristo, que haviam colocado um morto em um sepulcro. Algo havia acontecido com eles algo que Tomé não podia explicar.

Ele abriu a boca, mas não lhe vieram palavras. Sentiu-se tentado a discutir, mas a expressão no rosto de Pedro sugeria que não havia mentira em suas palavras. Mas ainda assim, Tomé não podia crer. Afastou-se de Pedro, com o coração disparado em realidade e esperança. “Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei.”

Dissera essas palavras a Pedro oito dias antes, e agora ainda não podia se convencer e crer em seus amigos. A história deles não mudara. Disseram que Jesus estava vivo. Disseram que o haviam visto, e haviam falado com Ele e que o haviam abraçado. Mas Tomé sabia que os mortos não voltam à vida. Desejava que isso fosse verdade. Esperava que fosse verdade. Mas não fazia sentido. Ele não tinha nenhuma prova senão a palavra de seus amigos.

Assim, eles se sentaram na casa de Pedro na noite de domingo, partindo o pão em volta de uma mesa baixa. Ele olhava de um rosto ao seguinte, estudando o entusiasmo deles, esperando encontrar algum engano e mentira. Nada. Esses homens e mulheres com quem passara os três últimos anos *acreditavam* que Jesus não estava mais morto.

Eu quero crer também, Senhor. Eu quero crer... pensava Tomé, mastigando lentamente um pedaço de pão. Ele mexeu no prato de comida mal tocada diante dele, tentando despertar um apetite que não estava ali. Não percebeu que a sala subitamente ficou em silêncio, nem viu que todos os olhos estavam fixos na parede atrás dele. Continuou lutando com os seus próprios pensamentos, a sua

própria incredulidade.

E então uma voz, tão gentil, tão familiar, falou atrás dele, e os braços de Tomé se arrepiaram.

“Paz seja convosco”, disse a voz.

Seu coração saltou no peito e ele se levantou lentamente, com medo de se virar, com medo de que a voz fosse o resultado da sua imaginação. Hesitante, Tomé se levantou e ergueu os olhos temerosos para o rosto do Cristo ressuscitado.

O sorriso que Jesus ofereceu a Tomé estava cheio de amor e compaixão. Ele estendeu as suas mãos, com as palmas voltadas para cima, expondo os orifícios em seus pulsos onde pregos cruéis o haviam pregado à sua cruz. “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos, Tomé, chega a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente”, disse Ele, falando diretamente ao âmago da dúvida de Tomé.

Todos os olhos da sala estavam fixos em Tomé, quando ele estendeu a mão para tocar o seu Senhor com mãos trêmulas. As feridas eram reais, e também o era o homem que estava diante dele.

“Senhor meu! Deus meu!” Tomé gaguejou, caindo de joelhos diante de Jesus e atirando seus braços ao redor dEle.

A crença inundou o coração de Tomé quando Jesus disse: “Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram!”



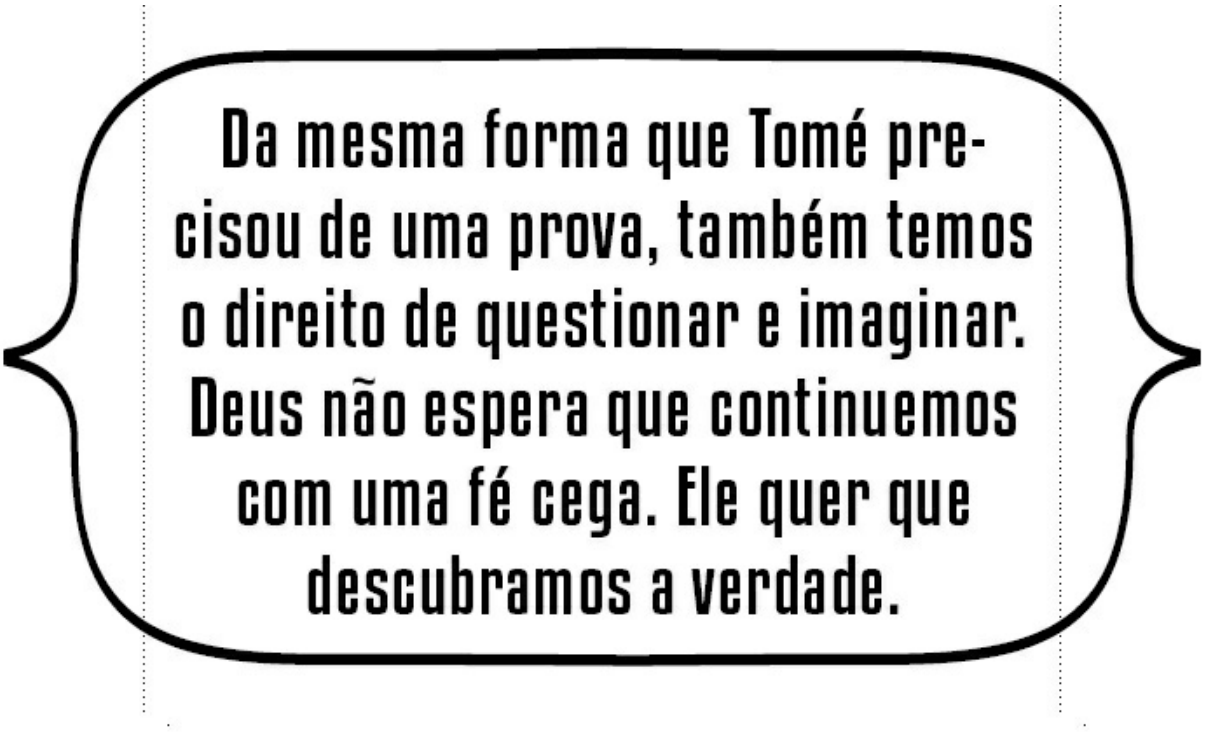
Qualquer que seja a sua opinião a respeito de Jesus e da ressurreição, todos têm que admitir que alguma coisa importante aconteceu naquela primeira manhã de Páscoa —importante o suficiente para alterar o curso da história, a ponto de mudar o calendário de a.C. (antes de Cristo) para d.C., (depois de Cristo) ou em latim *Anno Domini* — ano do nosso Senhor).

Essa “alguma coisa” era tão dramática que transformou por completo a vida de onze homens, capacitando-os a suportar maus tratos, sofrimento e até mesmo a morte. Somente um sepulcro vazio poderia realizar essa transformação. As narrativas da ressurreição de Jesus Cristo abalaram as fundações do pensamento e moldaram o curso da história a partir de então. Obviamente, alguma coisa

aconteceu. Alguma coisa importante.

Dois mil anos depois, você e eu nos encontramos em uma posição interessante. Sabemos que houve um evento dramático, mas ficamos com muitas perguntas sobre os detalhes. E está tudo bem. Da mesma forma que Tomé precisou de uma prova, precisou tocar os orifícios nas mãos de Jesus, também temos o direito de questionar e imaginar. Deus não espera que continuemos com uma fé cega. Quer que descubramos a verdade.

Mas mesmo essa palavra, "verdade", cria um problema. A verdade não é um conceito fluido na nossa cultura? Alguns argumentariam que aquilo que é verdade para uma pessoa não é verdade para todas. Como, então, podemos saber os fatos sobre o que aconteceu naquela manhã de Páscoa há tanto tempo?



Certa vez, eu (Sean) realizei a seguinte experiência com os meus alunos: Coloquei diante deles um vidro com bolas de gude e perguntei quantas bolas de gude havia no vidro.

Eles responderam com diferentes palpites, 221, 168, e assim por diante. Então, depois de lhes dizer o número correto, 188, pergunteilhes: "Qual de vocês está mais próximo da verdade?"

Todos concordaram que 168 foi o palpite mais próximo. E todos consentiram que o número de bolas de gude era uma questão de um fato objetivo,

e não determinado pela preferência pessoal.

A seguir distribuí doces *Starbust* a todos os alunos, e perguntei: "Qual sabor é o correto?" Todos pensaram que esta pergunta não fazia sentido, pois cada pessoa tinha uma preferência que era a correta para si mesma.

"É isso mesmo", concluí. "O sabor correto tem a ver com as preferências da pessoa. É uma questão de opinião subjetiva ou preferência pessoal, e não um fato objetivo."

A seguir, perguntei: "As declarações religiosas são como o número de bolas de gude em um vidro, ou são uma questão de opinião pessoal como a preferência pessoal por um doce?" A maioria dos alunos concluiu que as declarações religiosas pertencem à categoria da preferência por um doce. Então discutimos as afirmações do cristianismo. Destaquei que o cristianismo está baseado em um fato histórico objetivo — a ressurreição de Jesus. Lembrei-lhes de que, embora muitas pessoas possam rejeitar a ressurreição histórica de Jesus, ela não é o tipo de declaração que pode ser "verdadeira

para você, mas não para mim". Ou o sepulcro estava vazio no terceiro dia, ou estava ocupado — não há meio termo. Antes que alguém possa compreender o poder de transformação da ressurreição de Jesus, é preciso que perceba que é uma questão de um *fato* objetivo, e não uma opinião.

Se insistimos em ter evidências quando abordamos as decisões cotidianas de nossas vidas, por que abriríamos mão dessas ferramentas quando a questão são as nossas convicções religiosas? Nunca devemos aceitar as crenças religiosas com base em uma "fé cega", mas com base em evidência digna de crédito.

Diante disso, precisamos nos propor algumas perguntas: Jesus realmente viveu? Ele morreu como a Bíblia diz? Ressuscitou de maneira sobrenatural há dois mil anos como afirmam os cristãos? E, o que é mais importante, vale a pena confiar a minha vida atual e o meu destino eterno a Jesus?



Maria quis correr. Cada fibra no seu ser gritava que ela devia se afastar daquela visão e fugir, encontrar um lugar seguro e se permitir chorar. Mas

não se afastaria de Jesus nesse momento, nem com Ele tão perto, nem com os seus olhos fixos nela. E se Ele não tivesse ficado do lado dela quando os líderes da cidade a trouxeram diante dEle e exigiram que fosse apedrejada por dormir com um homem casado? Sim, Ele ficara ao lado dela, e até mesmo ordenou que qualquer homem na multidão que não tivesse pecado atirasse a primeira pedra contra ela. Um por um, os seus acusadores se dispersaram, e ela ficou diante de Jesus com a vergonha comendo-a viva. Ele foi a única pessoa na sua vida que não a abandonara, e ela não se afastaria dEle agora, mesmo com Ele suspenso em uma cruz três metros acima dela, com a vida se esvaindo de seu corpo.

Maria ficou com a mãe de Jesus e com João a uma curta distância, mantendo vigília e tentando não ouvir as maldições e as ofensas que os espectadores diziam a Jesus enquanto assistiam ao espetáculo.

"Tu, que destróis o templo e, em três dias, o reedificas, salva-te a ti mesmo; se és o Filho de Deus, desce da cruz."

"Não sabes o que dizem as Escrituras? Maldito

todo aquele que for pendurado no madeiro."

Os risos enchiam o ar enquanto nuvens pesadas se instalavam no céu. Maria não percebia nenhuma chuva no ar, apenas a escuridão que se comparava à tristeza em seu coração. Os que estavam reunidos na encosta ficaram temerosos e começaram a ir embora. As nuvens começaram a aparecer ao meio-dia, e agora, três horas mais tarde, o céu estava pesado e escuro.

"Por que eles não vão embora?" sussurrou João, ao lançar um olhar para Caifás e aos outros sacerdotes. "Eles conseguiram o que queriam. Por que não nos deixam chorar e lamentar em paz?"

Maria sacudiu a cabeça. Ela conhecia esses homens. "Eles querem ver a coisa concluída. Querem ter a satisfação de *assistir* a sua morte."

Caifás deixou escapar um risinho de prazer, e ficou diante de Jesus, com os braços cruzados. "Salvou os outros e a si mesmo não pode salvar-se. Se é o Rei de Israel, desça, agora, da cruz, e creremos nele; confiou em Deus; livre-o agora, se o ama; porque disse: Sou Filho de Deus."

"Tolos", sussurrou João. "Como se eles tivessem entendido o que Jesus quis dizer."

Jesus não respondeu à zombaria, nem mesmo olhou para eles. Mas um gemido agonizado emergiu em seu peito quando as palavras jorraram de sua boca. “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

Maria engasgou, tentando engolir as lágrimas, enterrando o rosto no ombro de João.

“Este chama por Elias”, riu um dos espectadores.

“Vejamos se Elias vem livrá-lo”, disse outro.

Maria não conseguia olhar para as suas feridas, as marcas dos açoites ou os pregos inseridos em seus pulsos e tornozelos, mas pôde olhar para o seu rosto e se permitiu sofrer com Ele. Piscou com dificuldade, rolando os olhos. As horas haviam passado lentamente, e embora não quisesse que o seu Senhor morresse, também não queria que Ele sofresse. Foi com intensa agonia e, ao mesmo tempo, profundo alívio, que percebeu que o fim estava próximo.

E então Jesus abriu os olhos, ergueu as pálpebras pesadas. “Tenho sede”, sussurrou Ele, com a língua áspera e a voz quase ininteligível.

Um dos espectadores correu em direção à encosta e quebrou uma longa haste de um arbusto de

hissopo, tomou uma esponja e a mergulhou em um vaso de barro que continha vinagre, e então levantou a haste até a boca de Jesus.

A seguir, Ele fez algo que Maria nunca esqueceria; Jesus se ergueu sobre suas pernas pela última vez com seu o contorcido em dor. Respirou profundamente, ergueu os olhos e disse: “Está consumado”. A sua voz trazia tanta força, que todos os que estavam na encosta rochosa do Gólgota se voltaram para olhar para Ele. Então o seu corpo caiu, frouxo, e a sua cabeça caiu para frente. Ele não respirou nem falou outra vez.

Mal essas últimas palavras deixaram a sua boca, um ruído profundo se ergueu da terra abaixo dEle e toda a encosta começou a tremer. O solo se partiu, rasgando a rocha como pão quente.

Tomados de pânico, Caifás e seus colegas sacerdotes se viraram e começaram a fugir da colina correndo. O capitão da guarda e os soldados que estavam com ele olharam-se uns aos outros assustados enquanto tentavam não cair.

“Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus”, murmurou o capitão, deixando cair a sua lança e contemplando o corpo abandonado de Jesus.

Maria se virou para João. “Que faremos agora?”

“Vamos esperar por José de Arimateia, ele foi ter com Pilatos para pedir o corpo. E depois precisaremos nos apressar para prepará-lo, o sábado começa com o pôr do sol.”

“Não foi isso que eu quis dizer”, disse ela suavemente, com lágrimas correndo pela face rosto e deixando rios enlameados em seu rosto. “Que faremos *agora?*

” João passou a manga nos olhos, enxugando suas próprias lágrimas. “Não sei”, sussurrou ele. “Isso muda tudo.”

Fatos cruciais sobre a crucificação de cristo

Antes de examinar a ressurreição de Cristo, precisamos examinar os eventos que levaram a ela. Esses eventos definem o cenário, e fornecem informações valiosas sobre a própria ressurreição. Entender o fato histórico da sua morte é fundamental para a nossa convicção sobre a sua ressurreição.

Os Julgamentos de Jesus

Depois de ser traído e preso, Jesus passou por

seis interrogatórios distintos antes de enfrentar a crucificação. Um deles foi diante de Anás, o velho sumo sacerdote; outro foi diante de Caifás, o sacerdote nomeado por Roma; o terceiro foi diante do conselho judaico, o Sinédrio; o quarto foi diante de Pôncio Pilatos, o governador romano; o quinto foi diante de Herodes; e o sexto foi novamente diante de Pilatos. No total, houve três julgamentos judeus e três romanos.

Por que todo esse interesse por um único homem? Tanto as autoridades romanas como as judaicas tinham várias preocupações sobre a permanência de Cristo. N. T. Wright apresenta cinco razões convincentes pelas quais as autoridades judaicas desejavam que Ele fosse executado:[1]

1. Muitos dos líderes religiosos consideravam que Jesus era um "falso profeta" que estava incitando uma rebelião em Israel.
2. Jesus declarava autoridade acima do maior símbolo judeu: o Templo. O Templo era o centro da vida nacional dos judeus, e era considerado o lugar da

presença de Deus. Jesus afirmou substituir pessoalmente o papel que o Templo desempenhara na vida religiosa dos judeus.
3. Jesus demonstrava que era o Messias, o que significava que Ele poderia potencialmente se tornar o foco de uma séria atividade revolucionária.
4. Eles viam Jesus como um risco político, cujos atos poderiam provocar a ira de Roma contra a nação.
5. Finalmente, no clímax dos interrogatórios, Jesus se declarou culpado das acusações acima, e então fez também declarações blasfemas que o colocavam junto ao Deus de Israel.

James Montgomery Boice reduz as acusações a uma razão principal por que as autoridades judaicas desejavam a morte de Jesus:

Nada menos do que seis acusações

> diferentes foram feitas contra Ele. Em primeiro lugar, Ele fora acusado de ameaçar destruir o Templo judaico (Mt 26.61). Em segundo lugar, foi acusado de ser um malfeitor (Jo 18.30). Em terceiro lugar, foi acusado de perverter a nação (Lc 23.2). Em quarto lugar, foi dito que Ele proibira os judeus de pagar tributos a César (Lc 23.2). Em quinto lugar, foi acusado de incitar o povo (Lc 23.5). Em sexto lugar, foi acusado de ter se feito rei (Lc 23.2). Aqui estavam seis graves acusações. Mas não eram a razão verdadeira para o ódio dos líderes judeus por Jesus, ou o fato de que eles trouxessem o caso contra Ele diante de Pilatos. A verdadeira acusação é o fato de que Ele afirmara ser o Filho Unigênito de Deus, o que eles consideraram blasfêmia.[2]

Sob a lei judaica, a crucificação era o castigo apropriado para alguém acusado de blasfêmia.

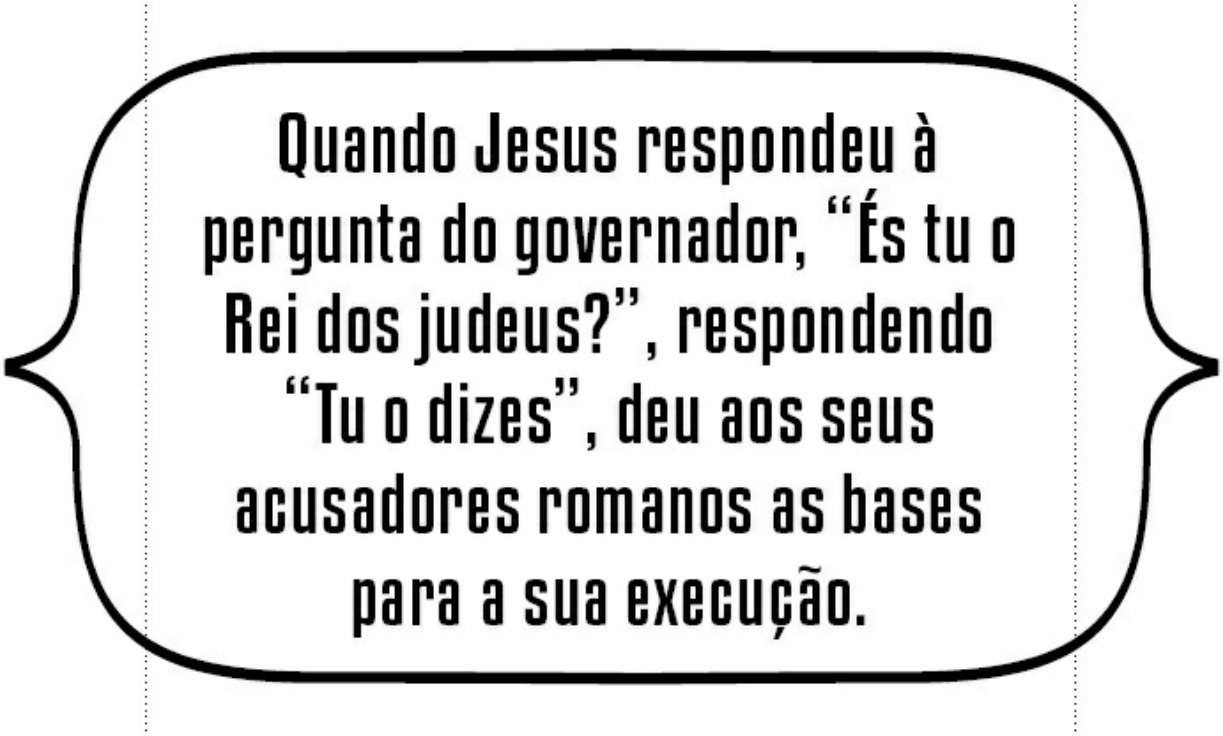
Enquanto os judeus estavam interessados nas implicações religiosas das ações de Jesus, os

romanos estavam muito mais preocupados com a política, a economia e a autoridade de Roma. Crucificaram Jesus como um rebelde contrário a Roma. Quando Jesus respondeu à pergunta do governador, "És tu o Rei dos judeus?", respondendo "Tu o dizes", Ele lhes deu bases para a execução. Dizer que Jesus era rei era sugerir que César não era.

O juiz Haim Cohn, quando era membro da Suprema Corte de Israel, escreveu um artigo intitulado "Reflections on the Trial of Jesus" [Reflexões sobre o Julgamento de Jesus]. Ele disse: "Não pode haver dúvida de que uma confissão como esta fosse suficiente na lei romana para a condenação do réu".[3] A punição para esse crime era a morte, e Pôncio Pilatos tinha o direito de proferir a sentença de morte.

O Dr. Craig A. Evans, professor emérito do Novo Testamento em Acadia Divinity College, a Universidade de Acadia, resume as razões para a crucificação de Jesus: "Jesus forneceu a base para uma sentença de morte por parte das autoridades judaicas (isto é, blasfêmia punível com a morte), e das autoridades romanas (isto é, traição e sedição)".[4]

Na opinião deles, Jesus tinha que morrer porque era um perigoso agitador e um herege.



Pôncio Pilatos

Jesus foi acusado de sedição pelos governantes religiosos judeus, e foi trazido para julgamento diante do governador romano, Pôncio Pilatos. Durante anos, a única evidência histórica da existência de Pilatos foi literária, e alguns historiadores duvidaram da sua existência. [5] Mas em 1961, dois arqueólogos italianos escavaram a cidade

portuária mediterrânea de Cesareia, que serviu como capital romana da Palestina. Encontraram uma inscrição em latim que mede 60 x 90 centímetros, e cujos dizeres são: “Pôncio Pilatos, Prefeito da Judeia”. Essa descoberta arqueológica de uma referência histórica a Pilatos confirmou a sua existência e posição.

Todas as evidências disponíveis mostram que ele foi um governante extremamente cruel e impiedoso. Foi responsável por incontáveis atrocidades e inúmeras execuções sem um julgamento prévio. Lavou as mãos para evitar a responsabilidade pela morte de Cristo. Pilatos desejava libertar Jesus, não porque o considerasse inocente, mas para irritar os principais dos sacerdotes.

Finalmente, depois de três julgamentos judeus e três julgamentos romanos, as autoridades judaicas, em conjunto com as autoridades romanas, o pregaram a uma cruz e o suspenderam para morrer. Neste ponto, várias “precauções de segurança” foram tomadas para que se certificassem de que Jesus estava verdadeiramente morto.

Já eram quase quatro horas da tarde quando José de Arimateia compareceu diante de Pôncio Pilatos. Ele vira o homem pela cidade, mas nunca estivera em sua presença, e na verdade, nem desejava estar.

— Obrigado por me conceder uma audiência, governador — disse José, inclinando a cabeça e estudando o piso de mosaicos aos seus pés.

Pilatos o avaliou em silêncio durante vários momentos.

— És um membro do Sinédrio, não é verdade?

— Sim, senhor — respondeu José, levantando a cabeça e olhando para Pilatos pela primeira vez.

O déspota romano tinha a aparência que se esperaria de um servo de César: frio, arrogante e desinteressado. O seu cabelo era cortado muito curto e o seu rosto era completamente barbeado. Um nariz grande, olhos escuros e pele bronzeada comprovavam a sua origem romana.

— E és um homem rico? — perguntou Pilatos.

Novamente José assentiu:

— Fui abençoado com muitos olivais e uma grande família, governador. Sou realmente um homem rico.

— Então, o que queres de mim? Não me parece que te falte alguma coisa.

José tomou fôlego e tentou acalmar seu coração agitado.

— Eu vim pedir o corpo de Jesus de Nazaré.

Ele fez o seu pedido com simplicidade e deixou que as palavras caíssem no ar hostil.

Pilatos levantou a cabeça, subitamente interessado.

— Ele já está morto? Faz apenas algumas horas.

— Sim, governador. Ele exalou o seu último suspiro há pouco tempo.

— É mesmo? — Pilatos fez sinal para um de seus centuriões. — Baco, vá ver se esse homem, Jesus, está realmente morto. E verifique com algum dos guardas romanos presentes no local que não haja vida no seu corpo.

O soldado assentiu e correu para fora da sala com suas sandálias se chocando contra o piso de pedra.

Pilatos fez um sinal a José.

— Podes esperar.

— Obrigado, governador.

— Não me agradeças ainda. Ainda não o concedi nada.

Então, uma expressão curiosa passou por seu rosto, e ele perguntou:

— Por que um homem como tu, tão poderoso e respeitado por Caifás e os demais, desejaria o corpo de um criminoso condenado?

José apertou os lábios e engoliu. Ele não desejava chorar diante de Pôncio Pilatos.

— Ele era meu amigo — disse simplesmente.

Pilatos resmungou, mas nada disse até que Baco voltou trinta minutos depois.

— É verdade — disse o capitão quando se perfilou diante de Pilatos. — O homem chamado Jesus morreu.

— Muito bem — disse Pilatos, fazendo sinal para que José deixasse a sua presença. — Podes levar o cadáver e fazer com ele o que quiseres.

— Há ainda outra coisa, governador — disse Baco quando José deixava a sala. — Caifás deseja uma audiência com o senhor esta noite.

José desceu correndo os degraus de mármore quando Pilatos começava a praguejar.

Quando chegou à colina, os guardas romanos

haviam descido o corpo de Jesus e o deitado no chão. João, Maria, a mãe de Jesus, e a outra Maria estavam ao lado do corpo, chorando alto.

— Precisamos fazer isso depressa — sussurrou José. — O sol vai se pôr logo e a lei proíbe que preparemos um corpo no sábado.

— Mas não temos nada com que preparar o corpo — disse João.

José sorriu com tristeza.

— Não é preciso que vos preocupeis com isso. Já cuidei de tudo.

Os dois homens ergueram o corpo cuidadosamente e o puseram sobre um tecido de linho que Maria estendera no chão. E então, da maneira mais gentil que era possível, o pequeno grupo de pranteadores levou o seu corpo para o sepulcro.

A Morte por Crucificação

Os judeus sabiam muito bem que Jesus havia predito a sua própria ressurreição. Temendo que os seus seguidores pudessem dar a impressão de que Jesus ressuscitara, eles foram igualmente cuidadosos para se certificar de que Ele estava morto e que

permanecia morto. A primeira dessas precauções era a morte por crucificação. A morte devia ser pública, brutal e certa.

A História da Crucificação

Todos os quatro Evangelhos nos falam da morte de Jesus por crucificação (veja Mc 15.27-37; Mt 27.35-50; Lc 23.33-46; Jo 19.2330). Embora os evangelistas não descrevam o processo com detalhes, muito se pode afirmar com relação à natureza da crucificação por meio de evidências históricas, literárias e arqueológicas.

A crucificação era um método comum de execução durante os tempos de Cristo. Na realidade, evidências arqueológicas indicam que a crucificação era praticada em Atenas já 700 anos antes do nascimento de Cristo.

A Brutalidade da Crucificação

A crucificação era a mais horrenda forma de punição. As vítimas eram torturadas de maneira tão rigorosa que às vezes até mesmo os romanos se apiedavam delas.

Os que foram desafortunados o bastante para testemunhar os horrores de uma crucificação narraram o tipo mais medonho de morte. Flávio Josefo diz que quando os romanos ameaçaram crucificar um dos prisioneiros judeus, toda a guarnição se rendeu para obter passagem em segurança. A crucificação era tão horrível e degradante que os romanos normalmente excluíam os seus cidadãos, sim, os cidadãos romanos, dessa punição e a reservavam para escravos ou rebeldes a fim de desencorajar revoltas. Ela era usada principalmente em casos políticos. Durante o Império Romano, a crucificação era amplamente considerada como a pior maneira possível de morrer.

"A dor era completamente insuportável", observa Alexander Metherell, médico e PhD. "Na realidade, era impossível descrevê-la com palavras; foi necessário inventar uma nova palavra: *excruciante.* Literalmente, *excruciante* quer dizer 'devido à cruz', ou 'por causa da cruz'. Pense nisso: eles precisaram criar uma palavra nova porque não havia nada no idioma que pudesse descrever a intensa dor e agonia causadas durante a crucificação."[6]

O Costume do Açoitamento

Depois que o veredicto de crucificação era proferido pelo tribunal, era costumeiro que o acusado fosse preso a uma estaca no tribunal. O criminoso era despido e então açoitado cruelmente pelos soldados. Os Evangelhos registram que Jesus foi açoitado dessa maneira antes da sua crucificação.

O açoite era conhecido como *flagrum* e tinha uma haste robusta à qual eram presas longas tiras de couro de comprimentos variáveis. Pedaços pontiagudos de ossos e chumbo eram presos às tiras para causar danos adicionais quando atingissem a vítima. Os soldados romanos atingiam repetidas vezes as costas da vítima sem misericórdia, fazendo com que as esferas de ferro rasgassem profundamente a pele e os músculos até que tudo o que restasse fossem faixas de carne ensanguentadas. Sem cuidados médicos, essas feridas poderiam matar uma pessoa em poucas horas.

A lei dos judeus limitava a punição a quarenta chibatadas. Os fariseus, com a sua rígida observância religiosa, limitavam as suas chibatadas a

39, para que, se errassem na conta, não infringissem a sua lei. Os romanos, por outro lado, não tinham essas limitações. Por desgosto ou ira, podiam ignorar a limitação dos judeus, e provavelmente fizeram isso no caso de Jesus.

Na obra *Martírio de Policarpo* lemos: "Pois mesmo quando eles [os cristãos] estavam tão dilacerados pelos açoites que a estrutura interna de sua carne estava visível, até as veias e artérias mais internas suportavam tão pacientemente o açoitamento que até mesmo os espectadores sentiam pena e choravam".[7] Era costume, depois do açoitamento, zombar do indivíduo, e os soldados romanos fizeram isso com Cristo. Colocaram um manto púrpura em volta dos seus ombros e uma "coroa de espinhos" sobre a sua cabeça para zombar de suas reivindicações de realeza.

A Coroa de Espinhos

Não se sabe ao certo qual foi o tipo de espinhos usados para fazer uma coroa de zombaria para Jesus. Uma possibilidade é uma planta agora chamada de "espinho-de-Cristo sírio", um arbusto com cerca de 30 centímetros de altura, com dois

grandes espinhos pontiagudos e curvados na base de cada folha. Essa planta é comum na Palestina, especialmente na região do Gólgota onde Cristo foi crucificado.

Outra planta, chamada simplesmente de "espinho-de-Cristo", é um arbusto anão com 1,2 a 2,4 metros de altura. Os seus ramos podem ser torcidos facilmente para formar uma coroa, e os espinhos, em pares de diferentes comprimentos, são rígidos como pregos.

Qualquer que tivesse sido a planta usada, os seus espinhos, quando pressionados contra o couro cabeludo, causariam profundas e dolorosas feridas e escoriações, que sangrariam abundantemente, como acontece com os ferimentos no couro cabeludo.

Depois de colocar a coroa de espinhos sobre a cabeça de Jesus, os soldados começaram a zombar dEle dizendo: "Salve, Rei dos judeus". Também cuspiram e bateram nEle com uma vara antes de levá-lo para ser crucificado.

O Peso da Barra Transversal

Um homem condenado à morte por crucificação tinha que carregar a sua própria barra transversal —

a barra horizontal da cruz, chamada *patíbulo* — desde a prisão até o local de sua execução. O patíbulo pesava quase 45 quilos e era amarrado aos ombros da vítima, o que significava que o peso se apoiava na base do pescoço e na parte superior da espinha — áreas profundamente feridas em razão do açoitamento. Se a vítima tropeçasse e caísse, poderia se machucar gravemente. Ela era incapaz de proteger o seu rosto, uma vez que as mãos estavam amarradas.

A Crucificação com Pregos

Ao chegar ao local da execução, o condenado era pregado ou amarrado com cordas à cruz. Os pregos eram pregados nos ossos dos pulsos, uma vez que as palmas não poderiam suportar todo o peso do corpo. O nervo mediano passa pela junta do pulso, e quando o prego entrava em contato com ele causava a máxima dor possível.

E para que os pés fossem perfurados com pregos, as pernas tinham que ser torcidas e forçadas a uma posição dolorosa e não natural.

Muitos questionaram a narrativa histórica do pregar das mãos e dos pés, porque há uma ausência

quase que total de evidências desse costume. O Dr. J. W. Hewitt, em seu artigo publicado em *Harvard Theological Review* e intitulado "The Use of Nails in the Crucifixion" [O Uso de Pregos na Crucificação] disse: "Para resumir, há uma quantidade surpreendentemente pequena de evidências de que os pés de uma pessoa crucificada fossem de fato perfurados por pregos".[8] Ele prossegue dizendo que as mãos e os pés da vítima eram amarradas com cordas à cruz.

Durante anos, a declaração do Dr. Hewitt foi considerada a última palavra sobre o assunto. A conclusão a que chegaram muitos estudiosos foi a de que a narrativa do Novo Testamento sobre Cristo ter sido pregado à cruz era falsa e enganosa. A crucificação com o uso de pregos era considerada lendária. Acreditava-se que os pregos rasgassem a carne e eram incapazes de segurar um corpo na cruz. Então foi feita uma grande descoberta arqueológica em junho de 1968. O arqueólogo V. Taaferis, sob a direção do Departamento Israelense de Antiguidades e Museus, encontrou os restos de uma vítima, de nome Yohanan, que fora crucificado. O sepulcro em que ele foi encontrado data do século

I d.C. Uma espécie de espeto de quase 18 centímetros de comprimento fora inserido pelo osso do tornozelo de Yohanan, com pequenos pedaços da cruz de madeira de oliveira ainda presos a ele.

Essa descoberta dos tempos de Cristo fornece sólida evidência arqueológica de que a crucificação com o uso de pregos estava definitivamente em prática na época. Não mais essa declaração é baseada unicamente em evidências literárias.

Quebrar as Pernas da Vítima

Os ossos de Yohanan confirmam outra passagem do Novo Testamento: "Foram, pois, os soldados e, na verdade, quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele fora crucificado. Mas, vindo a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas" (Jo 19.32,33). O Dr. N. Haas, do Departamento de Anatomia da Hebrew University e Haddash Medical School examinou os restos do esqueleto de Yohanan, e concluiu que as suas pernas foram quebradas e que "a percussão, passando pelos ossos já esmagados da panturrilha direita, foi um golpe duro e cruel para a esquerda, por estarem presas à cruz de madeira de extremidades afiadas".[9]

Duas outras fontes antigas também mencionam o quebrar das pernas durante a crucificação, em conformidade com a natureza histórica do relato do Novo Testamento.[10]

Como a Crucificação Provoca a Morte

Para entender por que as pernas de uma pessoa crucificada eram quebradas, é necessário entender o que a crucificação faz ao corpo. Enquanto estava pendurada na cruz, era muito difícil que a vítima respirasse. Para inalar e expirar de maneira apropriada, a vítima tinha que se erguer, impulsionada por suas mãos e seus pés, o que lhe causava uma dor terrível. Com o tempo, a vítima ficava tão exausta pelo esforço e pela perda de sangue, que não mais conseguia realizar os movimentos para respirar, e se asfixiava.

Se os romanos desejassem apressar a morte da vítima, o método usual de concluir uma crucificação era conhecido como crucifratura. Isso consistia em quebrar os ossos das pernas com uma clava para impedir que a vítima se erguesse para respirar. Depois de quebradas as pernas, a morte da vítima vinha rapidamente. Os soldados romanos quebraram

as pernas dos dois ladrões que foram crucificados com Cristo, mas as de Cristo não, porque os executores observaram que Ele já estava morto.

Jorrar Sangue e Água

Depois que Jesus morreu, um dos executores romanos lhe furou o lado com uma lança, e "logo saiu sangue e água" (Jo 19.34). Essa prática é mencionada no fim do século I, por Quintiliano, em *Declamationes maiores* 6:9: "Quanto aos que morrem na cruz, o executor não proíbe o sepultamento dos que foram perfurados". Muitos médicos concordaram que o jorro de sangue e água de uma ferida de lança é um sinal assegurado de morte.[11]

Michael Green, autor inglês, explica o significado disso:

Testemunhas oculares nos contaram que "sangue e água" saíram do lado perfurado de Jesus (Jo 19.34,35). As testemunhas oculares claramente atribuíram grande importância a isso. Se Jesus estivesse vivo quando a lança perfurou o seu lado, fortes jorros de sangue teriam emergido com cada

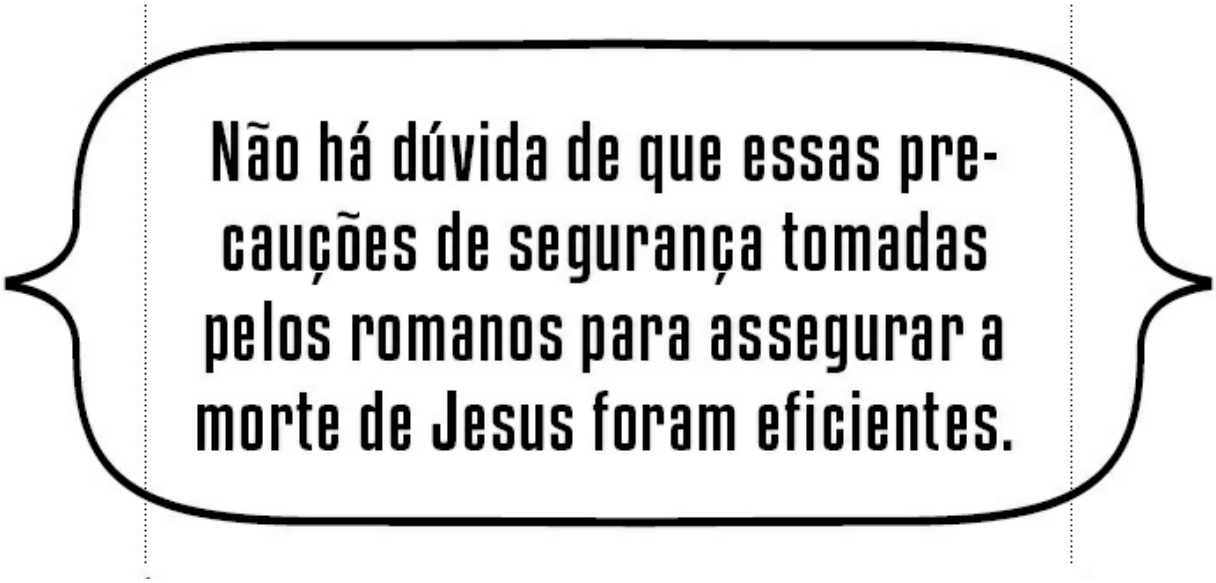
batida do coração. Em vez disso, o observador notou a saída de um coágulo vermelho escuro, semissólido, distinto e separado do soro aquoso que o acompanhava. Isso é evidência da grande coagulação do sangue nas artérias principais, e é uma prova médica excepcionalmente forte da morte. Isso é ainda mais impressionante porque o evangelista não poderia ter comprovado o seu significado com um patologista. O jorro de "sangue e água" da perfuração de lança é uma prova positiva de que Jesus já estava morto.[12]

Pilatos exigiu a comprovação da morte de Cristo antes que o corpo pudesse ser entregue a José de Arimateia.[13] Ele consentiu que o corpo fosse removido da cruz somente depois que quatro executores se certificassem da morte de Jesus.

A Eficiência Romana nas Execuções

Simplesmente, não era possível sobreviver à crucificação. Os métodos eram excessivamente cruéis, e os soldados eram extremamente eficientes. Se houvesse qualquer indicação de sobrevivência, os soldados continuariam o processo até que a vítima estivesse morta. A sobrevivência não era uma opção.

Não há dúvida de que essas precauções de segurança tomadas pelos romanos para assegurar a morte de Jesus foram eficientes. Elas funcionaram. Jesus estava definitivamente morto. A história não tem nenhuma dúvida desse fato. Há significativa comprovação da morte de Jesus com base em fontes não cristãs. Entre elas, se inclui Cornélio Tácito (55-120 d.C.), que muitos consideram como o maior historiador romano da antiguidade; o estudioso judeu Josefo (37-97 d.C.); e o Talmude judeu (70-200 d.C.). A morte de Jesus é mencionada doze vezes nessas fontes antigas, que datam aproximadamente de 20 a 150 anos depois da morte de Jesus. Isso é notável da perspectiva da análise histórica.



É por isso que até mesmo estudiosos liberais contemporâneos, como John Dominic Crossan, acreditam que a execução de Jesus é tão certa quanto qualquer fato histórico pode ser.[14] Com seus grandes esforços para impedir qualquer tipo de declarações posteriores e fraudulentas de que o homem que deveriam matar voltara à vida, os inimigos de Cristo fizeram aos investigadores o grande favor de providenciar poderosas evidências da sua morte certa, que, não fosse por isso, não teríamos. O fato de que Jesus foi realmente morto é tão certo como qualquer evento registrado na história.

FATO VERSUS FICÇÃO

Baco cuspiu, fazendo com que a saliva penetrasse no solo com a ponta de sua bota de couro. Ele examinou o átrio onde descansavam os seus homens, procurando o pouco calor que conseguissem encontrar naquela tarde fria. *Só mais dois meses, e eu posso deixar este lugar abandonado por Deus*. Ele sorriu ao pensar nisso, contando os dias que faltavam até que pudesse voltar para junto de sua esposa e seu filho em Roma.

Havia silêncio agora no átrio onde, naquele mesmo dia, uma multidão irada de líderes e cidadãos judeus gritavam, pedindo a morte de um judeu.

Baco sacudiu a cabeça. Os costumes desses pagãos eram muito estranhos. No entanto, Pilatos havia lidado com a situação com a sua usual covardia, de alguma maneira enviando o homem para a sua morte enquanto lavava qualquer responsabilidade de suas mãos. Baco levantou a cabeça e olhou sobre a cidade. Os acontecimentos desse dia realmente foram estranhos. Pouco depois

do almoço, nuvens escuras pairaram sobre Jerusalém e então, mais tarde, toda a região foi atingida por um terremoto. A cidade fervia com tensão enquanto os sussurros eram transmitidos de uma casa à seguinte.

Baco ouviu os passos junto ao chão de pedra lisa do lado de fora do palácio de Pilatos, muito antes de ter visto a multidão de líderes religiosos amontoada no átrio.

"Atenção", disse ele, chamando seus homens de seu descanso. Os outros quinze soldados da guarda se puseram de pé, com as lanças na vertical e os rostos compostos. Caifás e os outros líderes religiosos atravessaram o átrio e pararam diante dele com expressões de vitória e arrogância estampadas em seus rostos.

— Queremos falar com Pilatos — anunciou Caifás, com uma expressão de desprezo na boca.

Antes que pudesse responder, Baco ouviu os passos de Pilatos na escada atrás de si. Ele se virou e viu o governador romano descendo os degraus de maneira propositadamente ruidosa.

— O que queres? — resmungou Pilatos, sem disfarçar a ira na voz. — Já não me causaste problemas suficientes para um dia?

Caifás deu um passo à frente, com o queixo erguido.

— Queremos que uma guarda seja colocada no sepulcro do criminoso Jesus.

— Por que eu daria meus soldados a vós? Enviai guardas do vosso Templo se estais tão preocupados.

Caifás enrubesceu e sua voz tremeu, enquanto tentava reprimir a ira.

— Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: "Depois de três dias, ressuscitarei". Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia; não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite, e o furtem, e digam ao povo: "Ressuscitou dos mortos"; e assim o último erro será pior do que o primeiro.

Pilatos pensou sobre isso por um momento. Finalmente, olhou para Baco e concordou.

— Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes.

Baco enrijeceu o maxilar, mas não disse nada. Em vez disso, olhou para os seus homens. Era a sua

noite de folga.

Os sacerdotes judeus se viraram para partir e fizeram sinal para que Baco e seus homens os seguissem como se fossem cães em uma coleira. Ele engoliu a maldição que aflorava em sua garganta, mas fez o que Pilatos ordenara. Deu um passo à frente, e um por um seus homens se perfilaram atrás dele.

A marcha durou menos de quinze minutos. Caifás levou Baco e seus homens a um sepulcro recém-aberto na rocha. A sua entrada estava fechada por uma grande pedra que rolara por um sulco diante da cova e colocada no lugar pela ação da gravidade. Para mover a pedra, eram necessários pelo menos quatro homens adultos a fim de movêla para cima pelo menos 3 metros. Considerando essa dificuldade, era improvável que qualquer homem tentasse fazê-lo.

“Cuidai que ninguém se aproxime do sepulcro”, ordenou Caifás, e então foi embora seguido pelos sacerdotes.

“Selai a pedra”, disse Baco aos seus homens, “e colocai-vos de maneira confortável, porque vamos ficar aqui durante três dias”.

Os seus homens, normalmente vivazes e ruidosos, ficaram em silêncio até aquele momento. “Tudo isso por um homem morto?”

Baco olhou para o campo ao redor. “Eu não dou as ordens. Apenas obedeço.”

Os resmungos continuaram, não ao ponto de beligerância, mas o suficiente para que Baco percebesse quão descontentes estavam. Eles deviam estar dormindo em camas nos quartéis, e em vez disso se encontravam tirando a sorte com palhas para ver a quem caberia a primeira vigília, nesta noite fria. A sorte decidiu que Baco estaria em vigília. Enquanto os outros doze homens se acomodavam diante do sepulcro para descansar, ele e os outros três guardas remanescentes colocavam o selo romano diante do sepulcro com uma corda. Em palavras simples, declarava a pena de morte a quem quer que tocasse o sepulcro sem a aprovação de Pilatos. A seguir, ocuparam suas posições diante do sepulcro com as lanças apontando para o céu e os escudos diante de seu peito. Os que não estariam na vigília se espalharam pelo chão, deitados de costas,

em um semicírculo, com a cabeça apontando para o sepulcro. A cada quatro horas, outra unidade de quatro soldados era despertada, e os que estiveram acordados até então iam dormir. Fizeram esse rodízio até a manhã de domingo.

Baco estava há menos de uma hora no seu turno quando sentiu a mudança. Todas as suas terminações nervosas sentiram que havia alguém por perto. Não conseguia ver ou ouvir um intruso, mas sentia um. O sol não nascera, e o céu estava apenas começando a exibir leves indicações de luz prata. Então, pela segunda, vez em três dias, o solo começou a rugir. Todos os dezesseis soldados ficaram em pé imediatamente, olhando-se uns aos outros com temor. E a última coisa que Baco pôde se lembrar sobre o evento, pelo resto de sua vida, foi o fato de que uma luz branca e reluzente, na forma de um homem, encheu a sua visão. Ele sentiu o medo crescendo no seu sangue como um maremoto, algo diferente de tudo o que já conhecera, na batalha ou na vida. E então, tudo passou a ser trevas, quando ele caiu ao chão, em um desmaio.

Quando despertou pouco tempo depois, Baco soube que a sua vida estava perdida, e que nunca

voltaria a ver a sua esposa ou o seu filho. Não apenas o selo fora quebrado, mas a pedra fora retirada — não apenas rolada da entrada, mas literalmente apanhada e atirada a 6 metros de distância. Ele não precisava entrar no sepulcro para saber que estava vazio. Não precisava recitar o credo do soldado para saber que ele e os seus homens haviam falhado em seus postos. Não precisava se preocupar ou imaginar o que Pilatos diria ou faria. Ele sabia de tudo isso. Sabia que antes do fim do dia, ele e os seus homens tirariam sortes com palha e assumiriam a culpa pelo que acontecera, e um deles, provavelmente o próprio Baco, seria queimado vivo em suas próprias vestes.

— Levantai-vos — gritou, despertando seus homens, enquanto tinha uma ideia. — Se tendes amor pela vida, vinde comigo e fazei o que eu disser.

— Capitão — perguntou um de seus homens —, aonde vamos?

Ele fez uma careta. Era desagradável, mas era a única escolha que tinham.

— Falar com o sumo sacerdote. Ele é o único que tem poder sobre Pilatos.

— O que lhe diremos?

Baco tomou sua lança e jogou seu escudo por cima do ombro.

— Nós lhe diremos a verdade e ele poderá imaginar os detalhes.

— Caifás não gostará de ouvir a verdade.

Baco concordou:

— Ele nunca gosta.

Fatos da Ressurreição que Devem Ser Considerados

Se você deseja racionalizar e descartar os eventos a respeito da ressurreição, precisa lidar com certos aspectos. Os judeus e os romanos se superaram quando tomaram tantas precauções para se certificar de que Jesus estava morto e permanecia na sepultura. O fato de que alguma coisa aconteceu, apesar das precauções de segurança — a crucificação, o sepultamento, o selo e a guarda no sepulcro — torna muito difícil defender a posição de que Cristo não ressuscitou dos mortos. Vamos considerar, por um momento, esses fatos históricos:

Fato Número 1: O Selo Romano Foi Rompido

Na manhã de Páscoa, o selo que representava o poder e a autoridade do Império Romano estava rompido. Ninguém nega esse fato.

Mateus registra que “indo eles, seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra” (Mt 27.66). A pedra podia ser selada apenas na presença dos guardas romanos que foram incumbidos da proteção. O objetivo dessa medida era impedir que qualquer pessoa mexesse no conteúdo do sepulcro.

Depois que a guarda inspecionou o sepulcro e colocou a pedra no lugar, uma corda foi estendida diametralmente na pedra, e foi presa dos dois lados com barro para selar. Finalmente, o barro recebeu o selo oficial do governador romano.

Como o selo no sepulcro de Cristo era romano, comprovava o fato de que o corpo estava protegido de vândalos por nada menos do que o poder e a autoridade do Império Romano.

Henry Sumner Maine, ex-membro da Suprema Corte da Índia e ex-professor de Direito Civil na Universidade de Cambridge, disse sobre o selo romano: "Na antiguidade, os selos eram considerados como um modo de autenticação".[1] Autenticar alguma coisa simplesmente significa provar que ela é real ou genuína. Como o selo era romano, também comprovava o fato de que o corpo de Cristo estava protegido de vândalos por nada menos do que o poder e a autoridade do Império Romano. Quem quer que tentasse mover a pedra teria rompido o selo e incorrido na ira da lei e do poder romano.

A pena de morte era a punição para quem violasse o selo. O equivalente romano ao FBI imediatamente entrava em ação para encontrar a pessoa responsável. Será que os discípulos de Cristo teriam rompido o selo? Dificilmente! Depois da prisão de Jesus, eles apresentaram sinais de covardia e temor, e se esconderam. Pedro até mesmo negou que conhecia a Cristo.

Fato Número 2: O Sepulcro Estava Vazio

Outro fato inegável daquela manhã de domingo era o sepulcro vazio. Ninguém jamais negou que o sepulcro estivesse vazio. Depois da ressurreição, os discípulos de Jesus não foram para Atenas ou Roma para pregar que Ele ressuscitara; voltaram para a cidade de Jerusalém, onde a sua mensagem teria sido facilmente refutada se estivessem mentido. O sepulcro estava situado a quinze minutos a pé do centro de Jerusalém. A afirmação de ressurreição não poderia ter sido defendida nem por um momento em Jerusalém se o sepulcro não estivesse vazio.

A história judaica e também a romana reconhecem um sepulcro vazio. Essas fontes vão desde o historiador judeu Josefo até uma compilação de textos judaicos do século XI, chamada *Toledoth Jesbu.* Maier chama isso de "evidência positiva de uma fonte hostil", que é o tipo mais convincente de evidência histórica. "Basicamente, isso significa que, se uma fonte admitir um fato que decididamente *não* esteja a seu favor, então esse fato é genuíno."[2]

Considerando que tanto cristãos como judeus concordam que o corpo de Jesus não estava no sepulcro, a melhor explicação histórica é de que o sepulcro realmente estava vazio.

Ainda hoje é comum que o sepulcro de um líder religioso importante se torne um santuário. Os muçulmanos fazem peregrinações anuais a Meca em honra a Maomé. Os hinduístas e budistas visitam os sepulcros de seus guias espirituais, e os judeus visitam o sepulcro de Abraão em Hebrom. Por que o sepulcro de Jesus não se tornou um santuário? A melhor explicação parece ser a de que o sepulcro realmente estava vazio, e por isso não haveria nenhuma boa razão para adorá-lo como um

santuário. Quando os cristãos vão visitar o sepulcro de Cristo, visitam um sepulcro vazio. Qual é o outro grupo religioso que faz isso?

Uma das evidências mais convincentes de que o sepulcro estava vazio é o fato de que isso foi descoberto por mulheres. Na Palestina do século I, as mulheres tinham uma condição inferior, como cidadãs ou como testemunhas legais. Exceto em raras circunstâncias, a lei dos judeus impedia que as mulheres dessem testemunho em um tribunal. Por que aqueles que desejavam promover o cristianismo teriam inventado uma lenda que envergonharia os discípulos, fazendo com que *eles* fugissem durante a crucificação, e ainda fazendo com que as *mulheres* descobrissem o sepulcro vazio? O bom senso nos diz que a única razão por que as mulheres foram mencionadas como as primeiras testemunhas é o fato de que essa era a verdade.

Se a história de Cristo fosse simplesmente uma invenção, elas nunca teriam sido incluídas como as primeiras testemunhas do sepulcro vazio.

Até mesmo o respeitado e talentoso historiador

Michael Grant, que não é seguidor de Cristo, conclui: "Mas se aplicarmos o mesmo tipo de critério que aplicaríamos a qualquer outra fonte literária antiga, então a evidência é firme e plausível o suficiente para exigir a conclusão de que o sepulcro realmente foi encontrado vazio".[3]

Fato Número 3: A Grande Pedra Fora Removida

A primeira coisa que impressionou as pessoas que vieram ao sepulcro naquela manhã de domingo foi a posição incomum em que a pedra de duas toneladas tinha sido colocada diante da entrada. Todos os autores do Evangelho mencionam a remoção da enorme pedra.

Na verdade, a pedra estava em tal posição sobre uma encosta e afastada de todo o sepulcro que João (no capítulo 20 de seu Evangelho) teve que usar um verbo diferente em grego, *airo*, que, de acordo com o dicionário de Arndt e Gingrich, significa "pegar alguma coisa e removêla".

Se os discípulos tivessem vindo e andado na ponta dos pés em volta dos guardas adormecidos, por que teriam movido a pedra de duas toneladas

para cima do talude, afastando-a do sepulcro, em uma posição que parecia como se alguém a tivesse pegado e retirado dali? O esforço desnecessário teria sido ruidoso e teria consumido tempo e energia valiosos. Esses soldados teriam que ser surdos, para não ouvirem o alvoroço.

Fato Número 4: A Guarda Romana se Ausentou, sem Permissão

Os guardas romanos fugiram quando viram que a pedra fora removida. Esse é um fato muito estranho a considerar. O Dr. George Currie, que estudou cuidadosamente a disciplina militar dos romanos, narra que a pena de morte era a punição por várias falhas no dever, como desertar, perder as armas ou deixá-las de lado, informar o inimigo dos planos do exército, recusar-se a proteger um oficial e abandonar a vigília da noite. Às falhas acima, poderíamos acrescentar "adormecer em serviço".

Uma maneira de executar um guarda era despi-lo de suas vestes e queimá-lo vivo em um fogo iniciado com as vestes. A história da disciplina e segurança romanas testifica o fato de que se o sepulcro não estivesse vazio, os soldados nunca teriam deixado a

sua posição. O medo da ira de seus superiores e a consequente pena de morte significavam que eles prestavam muita atenção aos mínimos detalhes de seu trabalho.

O Dr. Bill White, anteriormente responsável pelo Jardim do Túmulo, em Jerusalém, estudou extensivamente a ressurreição e os eventos posteriores à primeira Páscoa. White faz várias observações críticas sobre o suborno das autoridades judaicas à guarda romana:

Se a pedra tivesse simplesmente rolado para um lado do sepulcro, como seria necessário para entrar nele, então eles poderiam ser justificados ao acusar os soldados de dormirem em seus postos, e puni-los severamente. Se os homens protestassem que o terremoto quebrou o selo e que a pedra rolou pela vibração, ainda estariam sujeitos à punição por um comportamento que poderia ser considerado covardia. Mas essas possibilidades não correspondem ao caso. Havia alguma evidência inegável que tornava impossível que os principais dos sacerdotes fizessem qualquer acusação contra a guarda. As autoridades judaicas devem ter visitado o local, examinado a pedra e reconhecido que a sua

posição tornava humanamente impossível que os seus homens tivessem permitido a sua remoção. Nenhuma distorção na engenhosidade humana poderia oferecer uma resposta adequada ou um bode expiatório e por isso eles foram forçados a subornar os guardas e tentar silenciar as coisas.[4]

Fato Número 5: As Vestes Sepulcrais Falam por si

Embora não houvesse corpo presente naquela manhã de domingo, o sepulcro continha alguma coisa. Ele continha um fenômeno espantoso. Depois de visitar o sepulcro e ver a pedra rolada, as mulheres correram de volta a contaram aos discípulos. Então Pedro e João saíram correndo. João correu mais rápido que Pedro, mas, ao chegar ao sepulcro, não entrou. Em vez disso, se abaixou e olhou o interior do sepulcro para o lugar onde estivera o corpo de Jesus. Ali estavam as vestes sepulcrais, *no formato do corpo, ligeiramente murchas e vazias* — como a crisálida vazia do casulo de uma lagarta. Ele nunca se esqueceu disso.

A primeira coisa que impressionou a mente dos discípulos foram as vestes vazias — imperturbadas

em sua forma e posição. Um ladrão de sepulcros não teria sido capaz de remover o corpo sem destruir a posição e a forma das vestes.



Embora não houvesse corpo presente naquela manhã de domingo, o sepulcro continha um fenômeno espantoso. Quando João chegou ao sepulcro, olhou para o lugar onde estivera o corpo de Jesus. Ali estavam as vestes sepulcrais, no formato do corpo, ligeiramente murchas e vazias, como a crisálida vazia do casulo de uma lagarta. João nunca se esqueceu disso. A primeira coisa que impressionou a mente dos discípulos foram as vestes vazias — imperturbadas em sua forma e posição. Um ladrão de sepulcros não teria sido capaz de remover o corpo sem destruir a posição e a forma das vestes.

Fato Número 6: As Aparições Confirmadas de Cristo

Hoje em dia, poucos estudiosos duvidam de que pelo menos os discípulos creram que viram o Jesus ressuscitado. Reginald Fuller afirmou ousadamente que "poucas semanas depois da crucificação, os discípulos de Jesus vieram a crer que este é um dos fatos indiscutíveis da história".[5] O que fez com que os discípulos tivessem essa crença? Desde o seu princípio, a Igreja afirmou que Jesus apareceu pessoalmente aos seus seguidores

Pedro se sentou no barco, com seu corpo acostumado a uma vida inteira do suave balanço em mar aberto. O mar da Galileia estava calmo naquela noite, mas apesar disso as suas redes continuavam vazias. A pequena embarcação pesqueira estava cheia de homens adormecidos nas horas anteriores ao amanhecer. Eles trabalharam durante toda a tarde e a noite anterior, fazendo tudo o que podiam para conseguir uma carga de peixes que pudessem vender no mercado naquele dia. No entanto, todas as redes sempre eram recolhidas pingando, mas completamente vazias.

Assim, Pedro se sentou na escuridão enquanto seus amigos dormiam, incapaz de organizar os pensamentos em sua mente.

"Jesus está vivo", murmurou para o silêncio. Era uma afirmação assombrosa que ainda agora ameaçava interromper a sua respiração. E, no entanto, ele estava sentado neste barco, de volta à sua antiga vida. Durante três anos seguira Jesus por Israel, crendo em cada palavra que Ele dizia, mas por algum motivo não sabia o que fazer com essas palavras agora que Cristo ressuscitara. Ele estava entre duas vidas, a antiga e a nova.

Essas coisas passavam pela sua cabeça enquanto o sol passava sobre o horizonte e inundava o lago com luz dourada. Um a um, seus amigos despertaram e começaram a esfregar os olhos. O barco flutuava junto à praia, mas com as redes ainda vazias.

Tomé foi o primeiro a ver um homem em pé na praia. Ele cobria os olhos com uma das mãos, protegendo-os da luz.

— Bom dia, filhos! Tendes alguma coisa de comer? — gritou da praia o estranho.

— Não — respondeu Tomé enquanto lutava com as redes.

— Lançai a rede à direita do barco e achareis — sugeriu o homem.

Tomé e Pedro trocaram um olhar divertido. Como se lançar as redes do outro lado do barco fizesse alguma diferença. Mas eles obedeceram à sugestão, e arrastaram as redes pelo barco e as deixaram cair na água do outro lado.

— Pedro — disse Tomé, sacudindo o ombro do amigo. — Pedro, olha!

De repente, o barco começou a tombar para a esquerda quando a rede se encheu de peixes. Depois de alguns momentos, a rede estava tão carregada de peixes que não tiveram forças para recolhê-la.

Durante todo o tempo, João ficou na popa do barco, com os olhos fixos na figura distante que permanecia na praia.

— Pedro, é Jesus — disse ele com os olhos arregalados e apontando para o estranho.

Um grande clamor de alegria se elevou dos que estavam no barco pesqueiro, e eles correram para os remos. Pedro, por outro lado, ficou paralisado onde estava, com os olhos fixos em Jesus. Embora se

sentisse tentado a ajudá-los a voltar para a praia, lembrou-se daquela noite no átrio de Caifás quando negara Jesus três vezes. E, o pior de tudo, lembrou-se da expressão no rosto de Jesus, quando o levaram embora, o olhar de traído.

Então Pedro entrou em pânico. Em vez de agarrar um remo, mergulhou de cabeça no mar. Em seu entusiasmo para voltar à praia, os seus amigos não perceberam isso. Depois de alguns momentos, estavam trazendo o barco para as rochas e correndo para saudar Jesus. Pedro, por outro lado, permaneceu onde estava, na água. Sabia que não há como fugir de Jesus. Ainda assim, não sabia como olhar para Ele nesse momento. Mas não havia opção, exceto nadar até a praia e ouvir o que Jesus pudesse dizer. Ele devia receber a repreensão que lhe era destinada.

Um pequeno fogo estava aceso junto à praia, e vários peixes estavam sendo assados sobre as chamas alaranjadas. Uma cesta de pão fresco estava ao lado do fogo.

Depois de sair da água, Pedro agarrou a rede e a trouxe para a praia, lutando com o peso e procurando qualquer desculpa para não se

aproximar do fogo.

"Trazei dos peixes que agora apanhastes", disse Jesus, convidando-os a se aproximar.

Pedro não pôde recusar. Ele trouxe um punhado de peixes e se acomodou junto ao fogo, permitindo que o seu calor penetrasse por suas vestes molhadas. Por mais que tentasse, Pedro não conseguia olhar para Jesus, não conseguia olhar para os seus olhos temendo o que poderia encontrar ali.

Jesus tomou o pão e o deu a ele. Fez a mesma coisa com o peixe. Esta era a terceira vez em que Jesus se apresentava vivo diante deles e ainda não sabiam o que fazer.

Depois do café da manhã, Pedro pôde sentir os olhos de Jesus fixos nele, sentir o calor quando os olhos penetravam até o seu coração.

As suas palavras eram gentis, e a bondade foi angustiante para Pedro quando ouviu as palavras: "Simão, filho de Jonas, amas-me?"

O seu coração se comoveu, e finalmente olhou nos olhos do seu Senhor ressuscitado. As palavras entalaram em sua garganta e ele mal conseguiu pronunciá-las: "Sim, Senhor; tu sabes que te amo".

Duas outras vezes Jesus lhe fez essa pergunta, e a

cada vez o coração de Pedro se comoveu. Finalmente, desesperado, Pedro clamou: “Senhor, Tu sabes tudo; Tu sabes que eu te amo”. Jesus sorriu, e o seu olhar falou diretamente ao coração de Pedro. E naquele momento, Pedro soube o que Cristo desejava dele: a sua vida. Todas as áreas dela. Este Jesus, o seu Senhor ressuscitado, desejava que Pedro vivesse de tal maneira que cada pessoa que ele encontrasse conhecesse o mesmo amor e perdão que Jesus lhe concedia. Não mais importava se Pedro tinha se afastado dEle naquela noite no átrio. O que importava era o fato de que Jesus estava ali naquele momento e queria que Pedro o seguisse, ainda que fosse até a morte.

O Grande Número de Testemunhas Oculares

Quando se estuda um evento na história, é importante investigar se as testemunhas oculares estavam vivas quando o evento aconteceu. Um número maior de testemunhas ajuda a validar a exatidão do registro publicado. Por exemplo, se todos nós testemunhamos um assassinato, e depois de uma semana o relatório da polícia acaba apresentando mentiras inventadas, nós, como

testemunhas oculares, podemos refutar o relatório. Quando se escreve um livro sobre um evento, a exatidão do seu conteúdo pode ser validada, se um número suficiente de testemunhas ou de participantes no evento estava vivo quando ele aconteceu.

Um dos mais antigos registros de aparições de Cristo depois da ressurreição é feito por Paulo, em 1 Coríntios 15.3-8:

> Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que foi visto por Cefas e depois pelos doze. Depois, foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também. Depois, foi visto por Tiago, depois, por todos os apóstolos e, por derradeiro de todos, me apareceu também

a mim, como a um abortivo.

Praticamente todos os estudiosos concordam que nesses versículos Paulo registra um credo antigo, uma tradição, cuja data é anterior à escrita de 1 Coríntios (meados dos anos 50 d.C.). Na verdade, muitos estudiosos que investigaram esse credo o datam entre três a oito anos após a crucificação de Cristo.[6] Nesses versículos, Paulo apela ao conhecimento que o seu público tinha do fato de que Cristo tinha sido visto por mais de quinhentas pessoas ao mesmo tempo. Paulo os lembra de que muitas dessas pessoas ainda estavam vivas, e poderiam ser questionadas. Essa declaração é uma forte e convincente evidência que alguém poderia esperar encontrar sobre algo que aconteceu há dois mil anos.

É por isso que o Dr. Norman Geisler concluiu que a aparição aos 500 "soa como verdade",[7] e William Lane Craig afirma que "é praticamente indiscutível que essa aparição tenha ocorrido".[8] Paulo nunca poderia ter afirmado que Jesus apareceu a 500 testemunhas, tão pouco tempo depois do evento se ele realmente não tivesse ocorrido.

Se cada uma dessas 500 pessoas fosse testemunhar em um tribunal, por apenas seis minutos cada uma, incluindo o interrogatório, teríamos um assombroso período de 50 horas de testemunho ocular em primeira mão. Acrescente a isso o testemunho das muitas outras testemunhas e você bem poderia ter o maior julgamento da história.

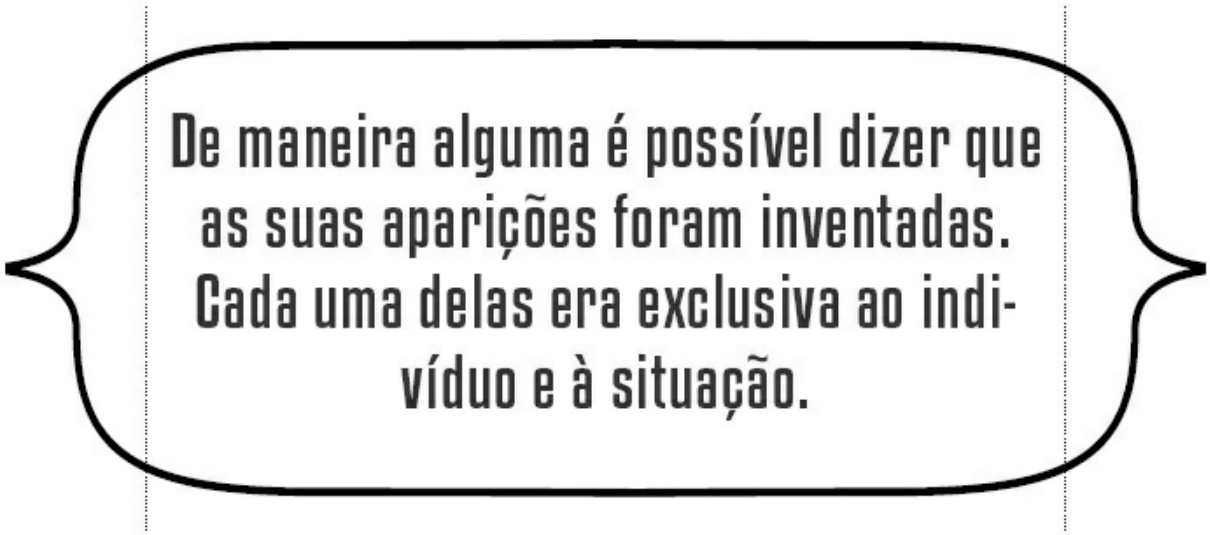
A Variedade de Testemunhas e Locais

Outro fator negligenciado com frequência na investigação da credibilidade das testemunhas é a variedade de pessoas que viram o Jesus ressuscitado, e a variedade de locais em que o viram. O professor Merrill C. Tenney escreve:

Devemos notar que essas aparições não são estereotipadas. Não há nem duas delas que sejam exatamente iguais. A aparição a Maria Madalena ocorreu no início da manhã; a aparição aos que iam para Emaús, à tarde; e a aos apóstolos, ao anoitecer, possivelmente já depois de escurecer. Ele apareceu a Maria ao ar livre. Maria estava sozinha quando o viu. Os discípulos estavam juntos; e Paulo registra

que, em certa ocasião, Ele apareceu a mais de 500 pessoas em uma única ocasião.

As reações também foram variadas. Maria foi dominada pela emoção; os discípulos se amedrontaram. Tomé se comportou como um obstinado incrédulo quando lhe contaram sobre a ressurreição do Senhor, mas o adorou quando Ele se manifestou pessoalmente. Cada ocasião teve a sua própria atmosfera particular e as suas próprias características, e revelou alguma qualidade diferente do Senhor ressuscitado.[9]



A Inclusão de Testemunhas Hostis

Um terceiro fator crucial para interpretar as aparições de Cristo é o fato de que Ele também

apareceu aos que lhe eram hostis. Em um esforço para diluir o impacto esmagador dos relatos das testemunhas oculares, os céticos frequentemente afirmam que as suas aparições após a ressurreição foram todas para amigos e seguidores. Apesar da popularidade dessa afirmação, ela é completamente falsa.

Nenhum indivíduo informado consideraria que Saulo de Tarso fosse um seguidor de Cristo. Ele desprezava Cristo e perseguia os cristãos, tendo como objetivo erradicar todo o movimento cristão. No entanto Saulo, cujo nome foi posteriormente alterado para Paulo, tornou-se um dos maiores propagadores do movimento cristão na história. O que poderia explicar essa transformação radical? Nada menos que uma aparição pessoal do Jesus ressuscitado teria sido suficiente para isso.

O que poderia explicar a transformação radical de Paulo? Nada menos que uma aparição pessoal do Jesus ressuscitado teria sido suficiente para isso.

Considere Tiago, o irmão de Jesus. O registro do Evangelho indica que nenhum dos irmãos de Jesus creu nEle durante a sua vida (veja Jo 7.5; Mc 3.21-35). Na verdade, tentaram atrair Jesus a uma cilada mortal em uma festividade pública em Jerusalém. Mas, posteriormente, Tiago tornou-se um seguidor de seu irmão e se uniu ao grupo dos cristãos perseguidos, transformouse em um líder importante na igreja e um de seus primeiros mártires, como confirmam Josefo, Hegésipo e Clemente de Alexandria.[10] O que causou tal mudança em sua atitude? A melhor explicação histórica é de que o Jesus ressuscitado também apareceu a Tiago.

Apesar das precauções detalhadas que os judeus e romanos tomaram para conservar o seu corpo no

sepulcro, vários fatos levam à conclusão de que Ele voltou à vida e deixou o sepulcro.

Diz Tom Anderson, ex-presidente da California Trial Lawyers Association e coautor do *Basic Advocacy Manual of the Association of Trial Lawyers of America* [Manual Básico de Advocacia da Associação Americana dos Advogados de Defesa]: "Suponhamos que Cristo não tenha ressuscitado dos mortos. Vamos supor que os relatos escritos de suas aparições a centenas de pessoas sejam falsos. Quero propor uma pergunta: Com um evento tão divulgado, você não acha que é razoável que um historiador, uma testemunha ocular, um antagonista, registrasse para a eternidade que vira o corpo de Cristo? 'Ouça, eu vi o sepulcro — não estava vazio! Eu estive ali, Cristo não ressuscitou dos mortos. Na verdade, vi o corpo de Jesus.' É ensurdecedor o silêncio da história com respeito ao testemunho contrário à ressurreição".[11]

Nos trinta anos que se passaram desde que Jesus andou pelas estradas empoeiradas da Palestina, o Dr. Lucas vira muitas coisas. O mundo virara de cabeça

para baixo. Sentado diante da janela, naquela noite de verão, com a brisa agitando as páginas diante dele, Lucas pensou no que desejava que seu jovem amigo Teófilo soubesse acerca do Jesus que nunca conhecera.

A melhor parte da vida de Lucas fora passada contando a outros sobre esses eventos, sobre a história que Jesus contava enquanto partia o pão, sobre o dia em que o levaram do jardim para uma imitação de julgamento, sobre ver a sua vida se esvair em uma cruz romana e sobre o dia em que o seu Senhor subiu ao céu e deixou todos eles para trás para completar a história. Ele fora fiel ao narrar todas essas coisas. Mas sabia que o número dos seus dias lentamente diminuía. Chegaria um dia em que essa testemunha ocular não mais estaria nesta terra.

Foi por essa razão que Lucas tomou o pergaminho e a pena e os colocou à sua frente sobre a mesa. Se ele tivesse uma única oportunidade de escrever essa história para o seu jovem amigo, o que diria?

Lucas fechou os olhos cansados e úmidos por um momento, enquanto pedia sabedoria, e então agarrou a pena com os dedos ossudos e enrugados.

Mergulhou a pena na tinta, deu duas batidinhas contra as paredes do recipiente, e começou a escrever. Sua mão percorria o pergaminho com mais firmeza do que se poderia imaginar para um homem da sua idade. Enquanto escrevia as palavras, assentia com a cabeça, com as lembranças que vinham intactas.

"Sim", murmurou. "Sim. Isso é o que preciso fazer." E assim, foi naquela noite que o médico chamado Lucas, um homem que curou corpos na maior parte da sua vida, escreveu palavras que curariam a alma dos homens durante toda a história humana...

Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio e foram ministros da palavra, pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelentíssimo Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio, para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado...

O Novo Testamento representa a principal fonte histórica para informação sobre a ressurreição. Como ele faz declarações sobre a intervenção divina nas questões humanas, muitos críticos, durante os séculos XIX, XX e XXI atacaram a confiabilidade do Novo Testamento como documento histórico. Esses críticos têm alguma base para o seu ataque, além do fato de duvidar de que o milagroso pode ocorrer?

Os manuscritos originais que Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo e Pedro escreveram se deterioraram ou foram perdidos há muito tempo. O Novo Testamento está baseado em cópias desses manuscritos originais — não apenas cópias, mas cópias de cópias durante um período de quase dois mil anos. Como podemos então saber se o que lemos hoje é o que os discípulos realmente escreveram há tanto tempo? Para determinar se o Novo Testamento é um documento histórico legítimo, precisamos saber duas coisas: quão cronologicamente próximos da morte, do sepultamento e da ressurreição de Cristo ele foi escrito, e quantas cópias dos documentos originais existem hoje?

Qual É o Período de Tempo que Decorreu entre a Morte de Cristo e a Escrita do Novo Testamento?

Durante anos, os críticos supuseram que as Escrituras do Novo Testamento foram escritas algumas centenas de anos depois da morte de Jesus. Acreditavam que esses textos se originavam basicamente de mitos ou lendas que se desenvolveram durante o extenso intervalo entre a vida de Jesus e a época em que realmente foram escritos. No entanto, no fim do século XIX, descobertas arqueológicas confirmaram a exatidão dos manuscritos do Novo Testamento. A descoberta de *papiros* manuscritos antigos preencheu a lacuna entre a época de Cristo e manuscritos existentes de uma data posterior.[12] Essas descobertas aumentaram, e muito, a confiança de estudiosos na confiabilidade da Bíblia. Eles concluíram que o Novo Testamento é a obra dos próprios apóstolos, ou de contemporâneos que trabalhavam com eles.

Craig Blomberg diz: "Tudo isso constituiu um convincente caso de que [Mateus, Marcos e Lucas], os três Evangelhos [Sinóticos] foram escritos no período de aproximadamente trinta anos após a

morte de Cristo (provavelmente 30 d.C.) e no período de tempo em que as pessoas poderiam verificar a exatidão dos fatos neles contidos".[13] Embora o Evangelho de João seja atribuído tipicamente aos anos 90 d.C., ainda é mais próximo cronologicamente aos eventos do que os manuscritos de muitas biografias antigas que os historiadores aceitam sem questionar. Por exemplo, os dois mais antigos biógrafos de Alexandre, o Grande, Plutarco e Ariano, escreveram mais de 400 anos depois da morte de Alexandre em 323 a.C., e, no entanto, os seus textos são aceitos de modo geral como confiáveis pelos historiadores.[14]

Quantas Cópias dos Documentos Originais Existem Hoje em Dia?

Com respeito ao intervalo de tempo entre os textos originais e as cópias existentes, muitas obras antigas apresentam um intervalo de mais de 700 anos, e para algumas obras, como as de Platão e Aristóteles, o intervalo é o dobro disso. Por outro lado, há fragmentos do Evangelho de João que datam de 40 a 50 anos depois do texto original (*John Rylands Papyri*) e uma cópia quase completa

do Novo Testamento feita nos 100 a 150 anos posteriores à sua existência (*Chester Beatty Papyri*). De uma perspectiva histórica, as cópias existentes dos livros do Novo Testamento são assombrosamente próximas aos originais.

Quando eu [Josh] concluí a minha investigação sobre a confiabilidade bíblica e publiquei *Evidência que Exige um Veredicto*, em 1973, pude documentar 14.000 manuscritos apenas do Novo Testamento. Agora, depois da publicação de *Mais Evidências que Exigem um Veredicto*, fui capaz de documentar quase 25.000 manuscritos. Esse número de cópias faz do Novo Testamento, de longe, a mais bem documentada obra escrita da história antiga. O seu concorrente mais próximo é a *Ilíada*, de Homero, com 643 cópias existentes. Alguns críticos recentes, como Bart Ehrman (*Misquoting Jesus*), afirmaram que há um número excessivo de contradições nesses manuscritos para poder reconstruir o original de maneira confiável. Mas essa conclusão é extremamente precipitada. Para começar, 80% das variações são erros de grafia. Embora haja alguns textos menores sobre os quais os acadêmicos do Novo Testamento discordem, *não há variação*

textual que ameace uma doutrina cristã essencial.

O número de manuscritos e a sua proximidade com os documentos originais, autenticando o Novo Testamento, motivaram Sir Frederick Kenyon, considerado um dos maiores arqueólogos de todos os tempos, a escrever:

> O intervalo de tempo, então, entre as datas da composição original e a mais antiga evidência existente se torna tão pequeno, a ponto de ser, de fato, desprezível, e o último fundamento para qualquer dúvida de que as Escrituras nos vieram substancialmente como foram escritas foi agora removido. Tanto a autenticidade como a integridade geral dos livros do Novo Testamento podem ser consideradas como finalmente estabelecidas.[15]

John A. T. Robinson concluiu: “A riqueza dos manuscritos, e, acima de tudo, o pequeno intervalo de tempo entre a escrita e as mais antigas cópias

existentes fazem do Novo Testamento, de longe, o texto mais comprovado dentre os escritos antigos no mundo".[16]



Existem aproximadamente 25.000 manuscritos do Novo Testamento que podem ser documentados, o que faz do Novo Testamento, de longe, a mais bem documentada obra escrita da história antiga. Alguns críticos recentes afirmaram que há um número excessivo de contradições nesses manuscritos para poder reconstruir o original de maneira confiável. Mas essa conclusão é extremamente precipitada. Para começar, 80% das variações são erros de grafia. Embora haja alguns textos menores sobre os quais os acadêmicos do Novo Testamento discordem, não há variação textual que ameace uma doutrina cristã essencial.

Outra razão para confiar no registro do Novo Testamento sobre Cristo é o fato de que ele foi escrito por testemunhas oculares, ou com base em narrativas de testemunhas oculares.

- 2 Pedro 1.16 diz: “Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas, mas *nós mesmos* vimos a sua majestade”.
- 1 João 1.1: “Anunciamos o que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida”.
- Os discípulos disseram: “Aos quais [apóstolos] também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias” (At 1.3).
- Atos 2.32: “Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos *testemunhas*”.

- João diz: “E aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro, e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais” (Jo 19.35).
- “Este é o discípulo que testifica dessas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro” (Jo 21.24).

Ao registrar os eventos da ressurreição, os discípulos seguiram a lei judaica, que exigia um testemunho honesto. John Ankerburg e John Weldon explicam desta maneira: “O fato de que os apóstolos constantemente apelassem ao relato de testemunhas oculares é ainda mais crível se considerarmos a sua própria herança judia singular. Nenhuma religião enfatizou mais a importância da verdade ou do testemunho sincero do que a religião judaica”.[17] Nas Escrituras judaicas, Deus recomendava constantemente que o seu povo dissesse a verdade. Na realidade, os discípulos sabiam que se dessem falsos testemunhos seriam considerados falsas testemunhas contra o próprio Deus e poderiam ser punidos com a morte (veja Êx

20.16; 23.1; Dt 17.6; 19.15; Pv 19.5,9).

Para corroborar ainda mais o seu testemunho, os apóstolos se recusavam a renunciar à sua crença a respeito do Cristo ressuscitado, ainda que tivessem que enfrentar cruel perseguição e martírio por essa fé. Os discípulos foram para os seus sepulcros com a convicção de que viram o Jesus ressuscitado. É mais do que justo concluir que podemos confiar em seu testemunho.

A corroboração adicional para os documentos do Novo Testamento vem da arqueologia. Onde os dados dos Evangelhos podem ser verificados, as descobertas arqueológicas constantemente provaram que os documentos são exatos. Aqui estão apenas alguns exemplos de como a arqueologia confirmou o registro bíblico:

> • Durante séculos, não houve nenhum registro do tribunal onde Pilatos julgou Jesus. William Albright mostra que esse tribunal era o tribunal da Torre Antônia, a sede militar romana em Jerusalém.[18]
> • O tanque de Betesda, mencionado em João 5.2, agora pode ser identificado

> "com uma boa dose de certeza, no setor nordeste da cidade velha (a área chamada Bezetha, ou 'Novo Campo'), no século I d.C., onde restos de sua existência anterior foram descobertos durante escavações realizadas perto da Igreja de Santa Ana, em 1888".[19]
>
> • Em 1990, foi encontrado em Jerusalém o sepulcro de Caifás, o sumo sacerdote judeu que enviou Jesus a Pilatos, e da sua família.[20]

Evidências Extrabíblicas

Fontes fora da Bíblia oferecem importante respaldo para a história de Jesus, conforme está registrado nos documentos do Novo Testamento. Embora essas fontes não apresentem os detalhes dos Evangelhos, mostram poderosa evidência que corrobora o retrato de Jesus mostrado nos Evangelhos.

Gary Habermas, especialista no Jesus histórico, afirmou que "fontes antigas extrabíblicas realmente apresentam uma quantidade surpreendentemente grande de detalhes a respeito tanto da vida de Jesus

como da natureza do cristianismo primitivo".[21] Ele observa que, "de modo geral, pelo menos dezessete textos não cristãos registram mais de cinquenta detalhes acerca da vida, dos ensinamentos, da morte e ressurreição de Jesus, além de detalhes a respeito da Igreja Primitiva".[22] Edwin Yamauchi, professor universitário em Miami, relaciona o que pode ser conhecido a respeito de Jesus por intermédio apenas de autores não cristãos:

> Jesus era um mestre judeu; (2) muitas pessoas acreditavam que Ele realizava curas e expulsava demônios; (3) Ele foi rejeitado pelos líderes judeus; (4) foi crucificado sob Pôncio Pilatos no reinado de Tibério; (5) apesar de sua morte vergonhosa, os seus seguidores, que acreditavam que Ele ainda estava vivo, se espalharam além da Palestina, de modo que havia multidões deles em Roma em 64 d.C.; (6) todos os tipos de pessoas, das cidades e do campo — homens e mulheres, escravos e livres — o adoravam como Deus no princípio do século II.[23]

Embora a maior parte dos detalhes a respeito da vida de Cristo no Novo Testamento esteja registrada nos Evangelhos, os textos de Paulo contêm informações significativas que afirmam e corroboram os eventos na vida de Cristo. O professor Gary Habermas explica a importância das cartas de Paulo para o estudo do Jesus histórico:

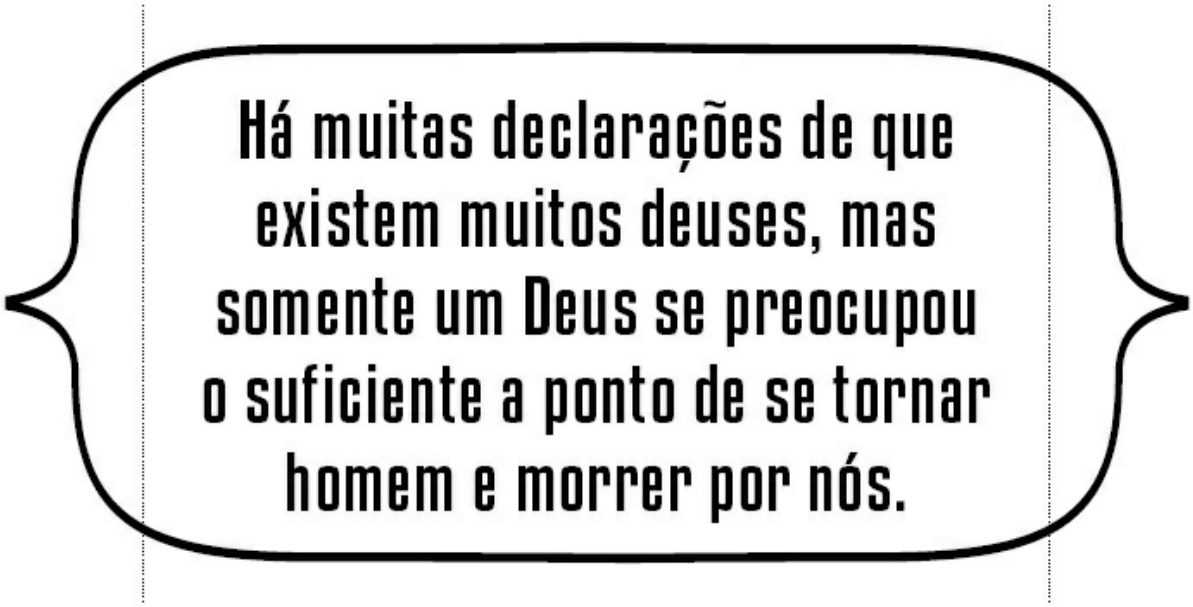
> Paulo fornece a maior quantidade de detalhes a respeito da última semana da vida de Jesus, falando com frequência sobre esses eventos em razão da sua importância para o Evangelho. Ele fornece detalhes a respeito da Ceia do Senhor, até mesmo citando as palavras que Jesus disse na ocasião (1 Co 11.23-25). Paulo fala muitas vezes sobre a morte de Jesus (Rm 4.25; 5.8), especificando a crucificação (Rm 6.6; Gl 2.20) e mencionando como os judeus a instigaram (1 Ts 2.14,15). Fala como Jesus foi sepultado, ressuscitou três dias depois e apareceu a várias pessoas, tanto individualmente como em grupos (1 Co 15.3-8).[24]

Com base nos fatos históricos, não é de admirar que muitos estudiosos tenham concluído que o Novo Testamento é o mais bem documentado de todos os textos antigos. Com respeito ao número e à variedade dos documentos e ao intervalo de tempo entre os eventos e os textos escritos, nenhum outro documento se compara a ele em sua integridade.[25]

Durante toda a história, houve muitos líderes espirituais, messias, gurus e profetas que afirmaram responder às nossas perguntas mais profundas — Maomé, Platão, Buda, Gandhi, Krishna, Joseph Smith e outros. À primeira vista, Jesus parece pertencer à mesma categoria que essas pessoas, outro líder religioso que oferece respostas às questões frustrantes da vida.

Há muitas declarações de que existem muitos deuses, mas somente um Deus se preocupou o suficiente a ponto de se tornar homem e morrer por nós. Dos 99 nomes para Alá, no Islã, nenhum deles é Pai ou Amor. Buda não veio e nem habitou pessoalmente em seus discípulos. Nenhuma outra religião, além do cristianismo, nos falará de um Deus que ama tanto o seu povo que suportará a dor terrível na cruz para que nós o conheçamos

pessoalmente.



A ressurreição de Jesus é a chave para todas as promessas da fé cristã. A declaração de vida eterna com um Deus amoroso não tem sentido, a menos que a ressurreição realmente tenha ocorrido. Mas se Cristo realmente morreu e ressuscitou do sepulcro, como provam as evidências, nós podemos fazer a mesma coisa. A ressurreição foi um evento real, que de fato aconteceu, em determinada época e em um lugar específico na história do mundo. Jesus viveu. Ele morreu. E ressuscitou no terceiro dia. Esses são os fatos nos quais você pode sustentar a sua fé.

FAQ Início Perfil Amigos Inbox SeanMcDowell Detalhes Layout



SeanMcDowell — Escritor e palestrante

FAQ Informações Fotografías +

Página 1 de 2

Perguntas frequentes sobre a ressurreição

Todas as entradas Postados por Sean Postados por outros

Informações

Sean McDowell é escritor e palestrante. É diretor do Departamento Bíblico da Capistrano Valley Christian Schools, onde leciona os cursos de Apologética, Teologia e Bibliologia do Antigo Testamento. Sean é um palestrante conhecido nos Estados Unidos, ministrando em *campus* de universidades, em igrejas e escolas, e também em conferências. Sean e sua esposa, Stephanie, são casados há oito anos e têm dois filhos, Scottie e Shauna.

Veja também:

FAQ – *Evidências da Ressurreição*

FAQ – *Jesus Está Vivo*

Jacob escreve: Um amigo me disse que Jesus não estava realmente morto. Ele disse que Jesus estava apenas em coma, e que a sua ressurreição não foi de fato uma ressurreição, mas Ele apenas saiu do coma. Como posso responder a essa declaração?

Sean diz: Algumas pessoas acreditam que Jesus não morreu realmente na cruz. Mas temos que considerar tudo o que aconteceu a Jesus:

(1) Ele passou por seis

julgamentos e interrogatórios — três romanos e três judaicos.

(2) Ele foi açoitado por um açoite romano, até que a sua pele estivesse rasgada e ensanguentada.

(3) Ele estava tão fraco que não conseguiu carregar a sua própria cruz ao local da crucificação.

(4) Foi colocada uma coroa de espinhos em sua cabeça.

(5) Suas mãos e pés foram perfurados, e Ele foi suspenso e sangrou durante seis horas.

(6) Os romanos perfuraram o seu lado com uma lança.

(7) Ele foi envolto em linho e 45 quilos de especiarias.

(8) Uma grande pedra foi colocada diante da entrada

do seu sepulcro.

(9) Pelo menos dezesseis guardas romanos foram colocados do lado de fora do sepulcro; e

(10) Um selo foi colocado vedando a entrada.

Jacob: Ai! Como Jesus poderia ter sobrevivido a tudo isso?

Sean: Boa pergunta. De acordo com a teoria do coma, o ar frio no interior do sepulcro o reviveu, de alguma maneira. Então Ele se despiu de suas vestes, empurrou sozinho a pedra, lutou contra os guardas, andou nu e descalço, com seus pés terrivelmente feridos, pela cidade que despertava ao amanhecer, e

apareceu aos seus discípulos como o Senhor da vida.

Jacob: (rindo) Isso parece inaceitável.



Sean: Concordo. O problema mais significativo com essa teoria, em particular, é o fato de que ela subestima a gravidade dos ferimentos de Jesus e todas as evidências em favor da sua morte. Aqui estão as razões por que cremos que Jesus realmente morreu durante a sua crucificação:

(1) Os seus ferimentos eram muito

graves.
(2) A brutalidade da crucificação praticamente garante a morte.
(3) A perfuração no lado do corpo de Jesus é uma prova médica de que Ele já estava morto.
(4) Jesus disse que estava morrendo enquanto estava na cruz.
(5) Embora fosse costumeiro que os soldados quebrassem as pernas das vítimas, para acelerar a morte, não tiveram que quebrar as pernas de Jesus porque o seu exame determinou que Ele já estava morto.
(6) Pilatos mandou chamar o centurião para se certificar de que Jesus realmente estava morto antes de entregar o seu corpo para que José o sepultasse.
(7) Se Jesus não tivesse morrido das torturas prévias, teria morrido no sepulcro, pela falta de alimento, água e tratamento médico, sepultado debaixo de 45 quilos de especiarias durante três dias.
(8) Especialistas médicos e historiadores

que estudaram as circunstâncias do fim da vida de Jesus concluíram que Ele realmente morreu na cruz.

FAQ Início Perfil Amigos Inbox JoshMcDowell Detalhes Layout



JoshMcDowell — Escritor e palestrante

FAQ Informações Fotografías +

Página 1 de 2 ▶

Perguntas frequentes sobre a ressurreição

Todas as entradas Postados por Sean Postados por outros

Informações

Josh McDowell é palestrante, escritor e fundador do Josh McDowell Ministry, uma organização que tem o objetivo de alcançar jovens em todas as partes do mundo, levando a eles a verdade e o amor de Jesus Cristo. É o autor ou o coautor de mais de 112 livros que já venderam mais de 51 milhões de cópias em todo o mundo. Josh e sua esposa, Dottie, estão casados há 37 anos, e têm quatro filhos e dois netos preciosos.

Veja também:

FAQ – *Evidências da Ressurreição*

FAQ – *Jesus Está Vivo*

Anna escreve: Eu li que os guardas romanos selaram o sepulcro de Jesus. Por que eles se importariam em fazer isso, se estavam em guarda ali mesmo?

Josh diz: O Evangelho de Mateus narra que "seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra". A pedra podia ser selada somente na presença dos guardas romanos, que foram deixados em guarda. Depois que os guardas inspecionaram o sepulcro e colocaram a pedra no lugar,

foi estendida uma corda diante da pedra e presa dos dois lados com barro. Finalmente, o barro foi gravado com o selo oficial do governador romano. A razão por que fizeram isso foi impedir que qualquer pessoa mexesse no corpo de Jesus. Quem quer que tentasse mover a pedra teria rompido o selo e incorrido na ira da lei e do poder romanos.

Sam escreve: Sei que os cristãos acreditam que Jesus ressuscitou dos mortos, mas não há outras maneiras de explicar os eventos envolvidos na ressurreição?

Josh diz: Muitas teorias foram propostas, em um

esforço para demonstrar que a ressurreição de Jesus Cristo foi uma fraude. Uma vez que a maioria dos fatos envolvidos na ressurreição é inegável, esses esforços envolveram uma interpretação diferente dos fatos. Poucos céticos negam os eventos principais — o julgamento, a crucificação, o sepultamento, os guardas, o selo, ou o sepulcro vazio — porque a evidência histórica que respalda esses eventos é forte demais. Sam: Eu simplesmente não sei se esses eventos significam que um morto retornou à vida. Acho que deve haver alguma outra explicação.

Josh: É preciso ter mais fé para crer em algumas dessas

teorias do que para simplesmente aceitar a explicação oferecida no Novo Testamento.



Sam: Quais são algumas dessas teorias?

Josh: Bem, há algumas que são normalmente propostas pelos céticos:

- Toda a história da morte e da ressurreição é um mito.
- Ninguém sabe onde Jesus foi sepultado, de modo que não podemos saber realmente se o sepulcro estava vazio.

- As mulheres que descobriram o sepulcro vazio foram, na realidade, ao sepulcro errado, de modo que não é relevante o fato de que tenha sido encontrado sem um corpo.
- Todas as narrativas da ressurreição são lendas criadas centenas de anos depois da sua morte.
- A ressurreição de Jesus não foi física, mas espiritual.
- As testemunhas da ressurreição de Jesus estavam, na realidade, alucinando, e não o viram de fato.
- Jesus não foi realmente crucificado, porque Deus permitiu que um espectador tomasse o seu lugar.

Mas quando comparadas com todos os fatos e a evidência histórica, nenhuma dessas teorias pode ser provada ou sequer considerada seriamente, ao passo que a narrativa bíblica suporta o teste da evidência histórica e prova ser um fato.

FAQ Início Perfil Amigos Inbox SeanMcDowell Detalhes Layout



Sean McDowell — Escritor e palestrante

FAQ Informações Fotografías +

Página 1 de 2

Perguntas frequentes sobre a ressurreição

Todas as entradas Postados por Sean Postados por outros

Informações

Sean McDowell é escritor e palestrante. É diretor do Departamento Bíblico da Capistrano Valley Christian Schools, onde leciona os cursos de Apologética, Teologia e Bibliologia do Antigo Testamento. Sean é um palestrante conhecido nos Estados Unidos, ministrando em *campus* de universidades, em igrejas e escolas, e também em conferências. Sean e sua esposa, Stephanie, são casados há oito anos e têm dois filhos, Scottie e Shauna.
Veja também:

Veja também:

FAQ – *Evidências da Ressurreição*

FAQ – *Jesus Está Vivo*

Heather escreve: Como a ressurreição de Jesus é, teoricamente, um milagre, isso não exclui a possibilidade de que possa ser verdadeira — uma vez que os milagres não podem ser comprovados pela ciência?

Sean diz: Como a ressurreição de Jesus foi milagrosa, a nossa primeira tarefa é definir um milagre. O Dr. Richard Purtill define um milagre como "um evento em que Deus

temporariamente faz uma exceção com a ordem natural das coisas para mostrar que está agindo".[1] Os milagres são impossíveis somente se supusermos que Deus não existe.

Heather: Sim, mas não podemos provar cientificamente que Deus existe.

Sean: Nesta nossa época, não é incomum que as pessoas creiam que nada pode ser confirmado como verdadeiro, a menos que possa ser provado pela ciência. Constantemente, alunos me perguntam: "Você pode provar a ressurreição cientificamente?" No entanto, a ciência é aplicável

somente a eventos ou fatos repetidos. É uma pena que o respeito moderno pela ciência tenha levado as pessoas a supor, equivocadamente, que o método científico pode ser usado para determinar toda verdade. Porque não pode, e nunca pôde. Ele nem mesmo se aplica a todos os campos científicos, como a geologia ou a biologia evolutiva.

Heather: Então como podemos saber que algum evento histórico é verdade?

Sean: Os eventos históricos, pela sua própria natureza, ocorrem apenas uma vez no tempo, e não são repetíveis. Não podemos provar cientificamente que Aníbal

cruzou os Alpes porque não podemos tirá-lo da sepultura, organizar o seu exército, treinar os seus elefantes outra vez, e repetir os eventos. Mas isso não nos apresenta nenhuma razão para considerar a evidência histórica como uma ciência "fraca". Muitas pessoas sensatas têm confiança nos fatos da história, porque temos outros métodos válidos para determinar a sua verdade. Como um evento exclusivo e singular na história, a ressurreição de Jesus Cristo está fora do domínio do método científico. Não é de admirar que tantos estudiosos tenham concluído que o Novo Testamento é o mais bem documentado de todos

os textos antigos. Em termos da quantidade e da variedade dos documentos e do período de tempo entre os eventos e os textos, nenhum se compara ao Novo Testamento em sua integridade.



Caleb escreve: Houve muitas outras pessoas que ressuscitaram? E, caso afirmativo, por que a ressurreição de Jesus é tão importante?

Sean diz: Sim, há muitas histórias nas Escrituras de pessoas que morreram e voltaram à vida (veja Jo 11; At 9.36-42; 20.7-12; 2 Rs 4.32-35; Mc 5.40-42). Há também histórias de pessoas ressuscitadas em outras religiões.

Caleb: Então, qual é o problema em Jesus voltar à vida?

Sean: Bem, há duas diferenças essenciais entre essas ressurreições e a de Jesus. Em primeiro lugar, todas as pessoas da história que ressuscitaram, além de Jesus, algum dia morreram outra vez. Há dois mil anos, quando ressuscitou dos mortos, Cristo derrotou completamente a morte, e ainda vive hoje (veja Jo 16.20,33). Jesus não foi apenas trazido de volta à vida, mas foi trazido de volta em um corpo glorificado que nunca pereceria nem se corromperia (veja 1 Co 15.40-49). Todos os demais voltam a ser pó, em alguma sepultura, em alguma parte.

Em segundo lugar, em muitas ocasiões Jesus predisse a sua própria morte e ressurreição. Em uma viagem pela Galileia, Jesus disse aos seus discípulos: "O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens e matá-lo-ão; e,

morto, ele ressuscitará ao terceiro dia" (Mc 9.31). Quem mais predisse a sua própria ressurreição com tanta exatidão?

FAQ Início Perfil Amigos Inbox JoshMcDowell Detalhes Layout



JoshMcDowell — Escritor e palestrante

FAQ Informações Fotografías +

Página 1 de 2 ▶

Perguntas frequentes sobre a ressurreição

Todas as entradas Postados por Sean Postados por outros

Informações

Josh McDowell é palestrante, escritor e fundador do Josh McDowell Ministry, uma organização que tem o objetivo de alcançar jovens em todas as partes do mundo, levando a eles a verdade e o amor de Jesus Cristo. É o autor ou o coautor de mais de 112 livros que já venderam mais de 51 milhões de cópias em todo o mundo. Josh e sua esposa, Dottie, estão casados há 37 anos, e têm quatro filhos e dois netos preciosos.

Veja também:

FAQ – *Evidências da Ressurreição*

FAQ – *Jesus Está Vivo*

Harmony escreve: Há tantas teorias diferentes sobre o motivo por que o sepulcro estava vazio naquela manhã de Páscoa. Como sabemos que o relato bíblico é verdadeiro?

Josh diz: Os que não creem na ressurreição encontraram várias maneiras de lidar com o fato incontestável do sepulcro vazio. Muitas pessoas pensam que os seguidores de Jesus roubaram o seu corpo e inventaram a teoria da

ressurreição. Mas as notícias continuamente nos mostram que as conspirações sempre acabam se revelando. Ou os oponentes descobrem a verdade ou alguém no interior comete algum deslize ou cede à pressão. Mas nenhum dos discípulos, embora todos eles enfrentassem perseguição e morte, renunciou à sua crença na ressurreição de Jesus.

Harmony: Talvez os seus seguidores simplesmente fossem mentirosos. Eles poderiam não desejar que as pessoas soubessem que eles haviam retirado o corpo.

Josh: Cada um dos discípulos, com a exceção de

João, morreu como um mártir. Eles foram perseguidos porque se agarravam tenazmente a suas crenças e declarações. Como escreveu Paul Little: "Os homens morrerão pelo que creem ser verdade, ainda que possa ser falso. No entanto, não morrem pelo que sabem ser uma mentira".[2] Se os discípulos tivessem roubado o corpo de Jesus, teriam sabido que a sua declaração de ressurreição era falsa. Ainda assim, nunca enfraqueceram nem hesitaram no seu compromisso com o Jesus ressuscitado. Não apenas morreram por essa "mentira", mas, como testemunho da força de suas convicções, colocaram a

ressurreição de Jesus como o centro de sua fé.

Se a ressurreição era uma mentira, parece pouco realista que nenhum discípulo confessasse isso diante de tão duro sofrimento. No entanto, se era verdade, como os discípulos criam firmemente, então tinham toda a motivação do mundo para ir para os seus sepulcros proclamando a ressurreição de Cristo. O Dr. Moreland observa: “Eles enfrentaram dificuldades, foram ridicularizados, suportaram hostilidade e tiveram mortes de mártires. Considerando tudo isso, nunca poderiam ter sustentado uma motivação tão inabalável, se soubessem que o que

estavam pregando era uma mentira".[3]



Marty escreve: Está bem, então talvez os amigos de Jesus não tenham roubado o seu corpo. Mas e quanto aos líderes judeus ou romanos? Não tiveram acesso ao sepulcro?

Josh diz: Outra teoria comum é a de que as autoridades romanas ou judaicas tiraram o corpo do sepulcro de José de Arimateia e levaram-no a outro sepulcro por questões de segurança. Assim, os discípulos encontraram o sepulcro vazio, e se convenceram de que Jesus ressuscitara. Essa teoria parece possível, até que alguém se pergunte: Por que as autoridades fizeram exatamente aquilo

que causou todos os seus problemas? Se as autoridades judaicas ou romanas tivessem transferido o corpo, então por que acusaram os discípulos de tê-lo roubado? Essa acusação não faria nenhum sentido. Por que os soldados teriam informado o desaparecimento do corpo? Por que o suborno, para encobrir o que os soldados haviam visto? Se as autoridades da época estivessem com o corpo, o teriam apresentado de bom grado para deterem o movimento da ressurreição.

As mais disseminadas teorias do sepulcro vazio foram cuidadosamente examinadas levando em consideração as detalhadas precauções tomadas no sepulcro pelas autoridades romanas e judaicas. Mas permanece a questão: Qual é a teoria que melhor se encaixa em todos os fatos? Há uma única conclusão que leva em consideração todos os fatos e não os ajusta a noções preconcebidas. É a conclusão de que Cristo realmente

ressuscitou — um ato sobrenatural de Deus na história.

FAQ Início Perfil Amigos Inbox SeanMcDowell Detalhes Layout



SeanMcDowell — Escritor e palestrante

FAQ Informações Fotografías +

Página 1 de 2

Perguntas frequentes sobre a ressurreição

Todas as entradas Postados por Sean Postados por outros

Informações

Sean McDowell é escritor e palestrante. É diretor do Departamento Bíblico da Capistrano Valley Christian Schools, onde leciona os cursos de Apologética, Teologia e Bibliologia do Antigo Testamento. Sean é um palestrante conhecido nos Estados Unidos, ministrando em *campus* de universidades, em igrejas e escolas, e também em conferências. Sean e sua esposa, Stephanie, são casados há oito anos e têm dois filhos, Scottie e Shauna.

Veja também:

FAQ – *Evidências da Ressurreição*

FAQ – *Jesus Está Vivo*

Jesse escreve: Como as narrativas dos Evangelhos têm contradições sobre os eventos reais, isso não os desqualifica como historicamente exatos?

Sean diz: É provável que a objeção mais comum à confiabilidade das narrativas da ressurreição encontradas na Bíblia seja o fato de que elas se contradizem, e por isso não são documentos históricos confiáveis. Por exemplo, os quatro Evangelhos nos dizem que

Maria foi a primeira a ver o Jesus ressuscitado, ao passo que 1 Coríntios 15.5 diz que o apóstolo Pedro foi a primeira testemunha. Marcos diz que as mulheres que foram ao sepulcro para ungir Jesus "viram um jovem assentado à direita, vestido de uma roupa comprida e branca" (16.4,5), Mateus diz que estava ali um anjo com uma veste "branca como a neve" (28.3) e Lucas diz que "pararam junto delas dois varões com vestes resplandecentes" (24.4).

Jesse: Veja, esses sujeitos não conseguiam se decidir. Por que eu deveria crer no que eles dizem?

Sean: Parece que essas

narrativas se contradizem umas às outras destruindo assim a sua credibilidade. No entanto, advogados, filósofos, historiadores, jornalistas e outros indivíduos descobriram que as aparentes discrepâncias, em vez de diminuir a confiabilidade e veracidade dos Evangelhos, na realidade respaldam a sua confiabilidade.

O jornalista William Proctor demonstra que um princípio básico do jornalismo é o de que os repórteres que cobrem a mesma história devem esperar que as suas interpretações sejam um pouco diferentes, da mesma maneira como acontece com os quatro autores dos Evangelhos. Ele explica:

“Esse tipo de diferença nas histórias escritas sobre os mesmos eventos é um fenômeno comum quando repórteres dinâmicos e independentes estão trabalhando — por algumas razões. Em primeiro lugar, nenhum jornalista, não importa o quão talentoso seja, pode contar tudo o que acontece em uma situação confusa e tumultuada. Cada um deles automaticamente irá escolher os fatos com base no seu discernimento, seus interesses e suas tendências; consequentemente, as histórias finais não serão similares. Em segundo lugar, um bom repórter investigará mais a fundo em determinada direção do que

outro que irá explorar em uma direção completamente diferente. Nesta situação, será inevitável que os resultados sejam um pouco diferentes, embora cada relato ainda apresente facetas da mesma história".[4]



Proctor conclui que os quatro Evangelhos — por causa da sua total concordância com respeito aos fatos principais, apesar de suas aparentes discrepâncias — representam o melhor tipo de escrita jornalística. As aparentes discrepâncias nos relatos dos Evangelhos sobre a ressurreição não invalidam a verdade do evento. Na realidade, a confirmam. As discrepâncias menores

entre os autores não dão ao investigador objetivo e imparcial nenhuma causa para descartar a verdade das narrativas da ressurreição como sendo história confiável.

Holly escreve: Uma vez que a maior parte do que sabemos sobre a ressurreição nos vem da Bíblia, isso não desqualifica a ressurreição como fato histórico, porque não sabemos se os documentos da Bíblia são historicamente confiáveis?

Sean diz: Como o Novo Testamento faz afirmações sobre a intervenção divina nos assuntos humanos, muitos críticos atacaram a sua confiabilidade. Mas eles têm uma base para os seus ataques, além da sua dúvida de que possa ocorrer o milagroso? Quando os estudiosos consideram o número de manuscritos disponíveis e quão próxima foi a data em que foram escritos, com relação à morte

de Jesus, fica nítido que o Novo Testamento é um dos documentos históricos mais confiáveis de que se tem conhecimento hoje em dia. F. F. Bruce faz a seguinte observação: “A evidência dos nossos textos do Novo Testamento é muito maior do que a evidência em favor de muitos textos de autores clássicos, cuja autenticidade ninguém sequer cogita questionar. E se o Novo Testamento fosse apenas uma coletânea de textos seculares, a sua autenticidade seria considerada, de modo geral, acima de qualquer dúvida”.[5]

Notas

Capítulo 1: E Daí?

1 "SuperNinjette", mensagem publicada em www.atheistnetwork.com, em 16 de julho de 2007.

Capítulo 2: É o Fim do Mundo que Conhecemos

1 David Kinnaman, *unChristian: What a New Generation Really Thinks About Christianity.* Grand Rapids, MI: Baker Books, 2007, p. 128.

2 Chap Clark, *Hurt: Inside the World of Today's Teenagers*. Grand Rapids, MI: Baker, 2004, p. 50, 69.

3 Christian Smith, *Soul Searching*. Nova York: Oxford University Press, 2005, p. 149. Usado com autorização de Oxford University Press, www.oup.com.

Capítulo 3: Amar É um Verbo

1 Philip Yancey, *Disappointment with God.* Grand

Rapids, MI: Zondervan, 1988, p. 122.

Capítulo 4: As nossas Maiores Esperanças e Temores

[1] Esses pontos foram desenvolvidos por Stephen T. Davis, *Risen Indeed.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993, p. 203, 204. Reimpressão com autorização do editor. Todos os direitos reservados.

[2] N. T. Wright, citado em Randy Alcorn, *Heaven.* Carol Stream, IL: Tyndale, 2004, p. 409.

[3] Alcorn, *Heaven*. p. 10-12

[4] Ibid., p. 241.

[5] Dan Kimball, *They Like Jesus but Not the Church.* Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007, p. 69.

[6] David Kinnaman, *unChristian: What a New Generation Really Thinks about Christianity.* Grand Rapids, MI: Baker Books, 2007, p. 27, 185.

[7] Jean M. Twenge, *Generation Me.* Nova York: Free Press, 2006, p. 110.

[8] "U.S. Divorce Statistics", *Divorce Magazine.* http://www.divorcemagazine.com/statistics/statsUS

(acessado em outubro de 2008).

Capítulo 5: O Acontecimento que Transformou a História

[1] N. T. Wright, *Jesus and the Victory of God.* Mineápolis, MN: Augsburg Fortress Press, 1997, p. 551, 552.

[2] James Montgomery Boice, *The Gospel of John: Triumph Through Tragedy.* Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1999, p. 1472.

[3] Haim Cohn, "Reflections on the Trial of Jesus", em *Judaism,* vol. 20, 1971, p. 11.

[4] Craig A. Evans, "What Did Jesus Do?", em *Jesus Under Fire.* Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995, p. 29.

[5] Em *The Antiquities,* Josefo se refere ao julgamento e à crucificação de Jesus, sob Pôncio Pilatos. Embora a passagem em que essa informação aparece seja acaloradamente debatida, muitos estudiosos concordam que Josefo escreveu um texto básico (que inclui a referência a Pilatos) ao qual cristãos posteriores fizeram acréscimos.

[6] Dr. Alexander Metherell foi entrevistado por Lee

Strobel em *The Case for Christ*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998, p. 197, 198.

[7] Tradução ao inglês por Michael W. Holmes em Michael W. Holmes, *The Apostolic Fathers: Greek Texts and English Translations,* 2.ed. Grand Rapids, MI: Baker, 1999, p. 227.

[8] J. W. Hewitt, "The Use of Nails in the Crucifixion", *Harvard Theological Review,* vol. 25, 1932, p. 29-45.

[9] N. Haas, "Anthropological Observations on the Skeletal Remains from Giv' at ha-Mivtar", *Israel Exploration Journal*, vol. 20, 1970, p. 57.

[10] Cícero, *Orations,* Speech 13, 12:27; *Gospel of Peter* 4.14

[11] Veja William D. Edwards, Wesley J. Gabel e Floyd E. Hosmer, "On the Physical Death of Jesus Christ", p. 1462, 1463; C. Truman Davis, "The Crucifixion of Jesus", *Arizona Medicine,* março de 1965, p. 185, 186; Stuart Bergsma, "Did Jesus Die of a Broken Heart?", *The Calvin Forum,* março de 1948, p. 165; Alexander Metherell na obra de Lee Strobel, *The Case for Christ,* p. 199.

[12] Michael Green, *Man Alive.* Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1968, p. 33.

[13] Ibid., p. 573.

[14] John Dominic Crossan, *Who Killed Jesus?* Nova York: Harper Collins, 1996, p. 5.

Capítulo 6: Fato *versus* Ficção

[1] Henry Sumner Maine, *Ancient law.* Nova York: Henry Holt and Company, 1888, p. 203.

[2] Paul L. Maier, "The Empty Tomb as History", *Christianity Today,* vol. 19, 28 de março de 1975, p. 5.

[3] Michael Grant, *Jesus: An Historian's Review of the Gospels*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1977, p. 176.

[4] Bill White, *A Thing Incredible.* Israel: Yanetz Ltd., 1976.

[5] Reginald H. Fuller, *The Foundations of New Testament Christology.* Nova York: Scribner's, 1965, p. 142.

[6] Gary R. Habermas, *The Historical Jesus: Ancient Evidence for the Life of Christ.* Joplin, MO: College Press, 1996, capítulo 7.

[7] Norman L. Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999, p. 654.

[8] Craig, *The Son Rises,* p. 94, 95.

[9] Merril C. Tenney, "The Resurrection of Jesus Christ", em *Prophecy in the Making,* editado por Carl Henry. Carol Stream, IL: Creation House, 1971, p. 59.

[10] Josefo, *Antiquities* 20:200; veja Gary Habermas e Michael Licona, *The Case for the Resurrection.* Grand Rapids, MI: Kregel Publishers, 2004, p. 68.

[11] Comentário feito em uma conversa com Josh McDowell, janeiro de 1981.

[12] Veja Josh McDowell, *The New Evidence That Demands a Verdict* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1999) para informações detalhadas sobre essas várias descobertas de manuscritos.

[13] Craig Blomberg, "Where Do We Start Studying Jesus?", *Jesus Under Fire*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995, p. 29.

[14] Ibid., p. 29, 30.

[15] Frederick G. Kenyon, *The Bible and*

Archaeology. Nova York: Harper and Row, 1940, p. 288.

[16] John A. T. Robinson, *Can We Trust the New Testament?*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977, p. 36. Reimpresso com autorização do editor. Todos os direitos reservados.

[17] John Ankerburg e John Weldon, *Knowing the Truth About the Resurrection.* Eugene, OR: Harvest House, 1996, p. 20.

[18] William F. Albright, *The Archaeology of Palestine,* edição revisada. Baltimore, MD: Penguin Books, 1960, p. 141.

[19] F. F. Bruce, "Archaeological Confirmation of the New Testament", em *Revelation and the Bible,* editado por Carl Henry. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1969, p. 329.

[20] Markus Bockmuehl, *This Jesus: Martyr, Lord, Messiah.* Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996, p. 70, 71.

[21] Gary R. Habermas, *The Historical Jesus: Ancient Evidence for the Life of Christ.* Joplin, MO: College Press, 1996, p. 224.

[22] Gary R. Habermas, "Why I Believe the New

Testament Is Historically Reliable", em *Why I Am a Christian: Leading Thinkers Explain Why They Believe*, editado por Norman L. Geisler e Paul K. Hoffman. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2001, p. 150.

[23] Edwin Yamauchi, "Jesus Outside the New Testament: What Is the Evidence?", em *Jesus Under Fire*, p. 221, 222.

[24] Gary R. Habermas, "Why I Believe the New Testament Is Historically Reliable", em Geisler e Hoffman, *Why I Am a Christian,* p. 157, 158.

[25] Josh McDowell, *The New Evidence That Demands a Verdict.* Nashville, TN: Thomas Nelson, 1999.

Perguntas Frequentes sobre a Ressurreição

[1] Richard Purtill, "Defining Miracles", extraído de *In Defense of Miracles*, editado por R. Douglas Geivett e Gary R. Habermas. © 1977 de R. Douglas Geivett e Gary R. Habermas. Publicado por InterVarsity Press, P.O. Box 1400, Downers Grove, IL 60515, p. 62, 63.

[2] Paul Little, *Know Why You Believe.* Wheaton, IL: Scripture Press, 1967, p. 173.

[3] J. P. Moreland, *Scaling the Secular City: A Defense of Christianity*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1987, p. 172.

[4] William Proctor, *The Resurrection Report.* Nashville, TN: B&H Publishers, 2000, p. 41.

[5] F. F. Bruce, *The New Testament Documents: Are They Reliable?*, 5.ed. Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, 1960, p. 15.